



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

LUCAS DOS SANTOS BARBOSA

**A TRISTEZA EM CRIANÇAS DO ENSINO FUNDAMENTAL I À LUZ DA TEORIA
SANTIANA: A ESCOLA COMO ESPAÇO DE DESENVOLVIMENTO COGNITIVO E
AFETIVO**

FORTALEZA

2024

LUCAS DOS SANTOS BARBOSA

**A TRISTEZA EM CRIANÇAS DO ENSINO FUNDAMENTAL I À LUZ DA TEORIA
SANTIANA: A ESCOLA COMO ESPAÇO DE DESENVOLVIMENTO COGNITIVO E
AFETIVO**

Dissertação apresentada ao Mestrado em Educação da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre. Área de concentração: Educação Brasileira.

Orientadora: Prof.^a Dra. Patrícia Helena Carvalho Holanda.

FORTALEZA

2024

LUCAS DOS SANTOS BARBOSA

**A TRISTEZA EM CRIANÇAS DO ENSINO FUNDAMENTAL I À LUZ DA TEORIA
SANTIANA: A ESCOLA COMO ESPAÇO DE DESENVOLVIMENTO COGNITIVO E
AFETIVO**

Dissertação apresentada ao Mestrado em Educação da Universidade Federal do Ceará como requisito parcial à obtenção do título de Mestre. Área de concentração: Educação Brasileira.

Aprovada em 28/02/2024.

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª Dra. Patrícia Helena Carvalho Holanda (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Gisafran Nazareno Mota Jucá
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof^ª. Dra. Zilda Maria Menezes Lima
Universidade Estadual do Ceará

AGRADECIMENTOS

A Deus, fonte de vida, o qual sou grato por todas as bênçãos. A Ele todos os louvores e reverências. Nos momentos de consolação e desolação, reconheço minha constituinte necessidade.

A minha família, solo fértil de ensinamentos, mediante o exemplo, e riqueza de afeto, distribuído nos detalhes do cotidiano. Por onde for, a segurança do amor que tenho e recebo de vocês é força mobilizadora que me auxilia a ultrapassar as intempéries da existência. Ana, Valzenir e Diego, meu contínuo, e nunca suficiente, agradecimento.

A minha esposa, mulher forte e delicada. Como diz a música: depois de você os outros são os outros, e só.

A todos que fazem parte da Universidade Federal do Ceará, instituição que me proporcionou uma rica experiência no ensino, pesquisa e extensão.

A instituição escolar que possibilitou a aplicação do estudo.

À professora Dra. Zilda Maria Menezes Lima e ao professor Dr. Gisafran Nazareno Mota Jucá pelas contribuições na qualificação. O olhar criterioso e cuidadoso proporcionou um trilhar mais assertivo no estudo.

À minha orientadora, professora Dra. Patrícia Helena Carvalho Holanda. Mulher forte e admirável. Parafraseando Pessoa, você é do tamanho do que vê, não do tamanho da sua altura. Obrigado pelo acompanhamento, ensinamentos, paciência e por acreditar em mim.

A todos os amigos que acompanharam e incentivaram o percurso dessa pesquisa.

RESUMO

A presente pesquisa estudou o sentimento da tristeza em discentes dos anos finais do Ensino Fundamental I de uma escola pública do interior do Estado do Ceará, tendo por objetivo precípuo a compreensão de como a tristeza infantil é percebida pela criança, seus responsáveis e pela instituição escolar no que se refere ao desenvolvimento cognitivo e afetivo. Buscou-se descrever a percepção de cada um desses atores sobre a tristeza do infante manifestada no ambiente escolar. O formato descritivo proposto por esse estudo orientou a opção pela metodologia qualitativa descritiva, pois as falas dos participantes e o objeto de estudo da presente pesquisa, a tristeza infantil, consistem no conteúdo utilizado para análise e compreensão da temática. As ideias psicopedagógicas inovadoras de ‘apoio da família alargada’ e paradigma científico de conectividade, proposto por Branco (2010) em sua tese de doutorado, fundamentaram a escolha pelo referencial teórico do intelectual português Dr. João dos Santos, pois, como defendido pela autora, ratificam a indissociabilidade entre saúde mental e educação. Santos tinha a psicanálise como principal campo teórico de compreensão do ser humano e das vicissitudes da infância. Nesse sentido, autores basilares como o austríaco Sigmund Freud, considerado o criador da psicanálise, e o francês Henri Wallon, no qual Santos foi investigador no laboratório de psicobiologia da criança, constituem fontes de inestimável importância. Os estudos de Holanda (1997) corroboram com a investigação, especialmente na tematização referente à construção da autonomia cognitiva dos alunos. A partir de critérios previamente estabelecidos, duas crianças foram escolhidas, uma do terceiro ano e outra do quarto ano, juntamente com seus responsáveis e docentes. Realizaram-se, portanto, um total de seis entrevistas, no qual todos os participantes foram contemplados. Os dois principais eventos desencadeadores de tristeza nos infantes dizem respeito a vivência do luto e da separação dos pais. Os impactos sobre o comportamento e cognição reverberaram de maneira diferente nos dois alunos, assim como a abordagem das docentes para com a manifestação da tristeza das crianças não foi a mesma. Percebeu-se a importância de a docente conhecer de maneira aprofundada os seus alunos, estando disposta a entender os motivos da vivência da tristeza. Evidenciou-se que uma relação aproximada entre professora e aluna pode favorecer a resolução de conflitos a partir da afetividade, pois tal atitude cria um canal de comunicação, o qual proporciona espaço e tempo para que a criança expresse seus sentimentos.

Palavras-chave: tristeza infantil; escola; teoria santiana.

ABSTRACT

The present study examined the feeling of sadness in students in the final years of Primary Education I at a public school in the interior of the State of Ceará, with the main objective of understanding how childhood sadness is perceived by the child, their guardians, and the school institution regarding cognitive and emotional development. The descriptive format proposed by this study guided the choice of qualitative descriptive methodology, as the participants' statements and the object of study in this research, childhood sadness, constitute the content used for analysis and understanding of the theme. The innovative psychopedagogical ideas of 'extended family support' and the scientific paradigm of connectivity, proposed by Branco (2010) in his doctoral thesis, informed the choice of the theoretical framework of the Portuguese intellectual Dr. João dos Santos because, as argued by the author, they confirm the inseparability between mental health and education. Santos considered psychoanalysis as the primary theoretical field for understanding human beings and the vicissitudes of childhood. In this sense, foundational authors such as the Austrian Sigmund Freud, considered the creator of psychoanalysis, and the French Henri Wallon, in whom Santos was a researcher in the child psychobiology laboratory, constitute sources of invaluable importance. Holanda's studies (1997) align with the investigation, especially regarding the thematization of the construction of students' cognitive autonomy. Following pre-established criteria, two children from the third and fourth grades, along with their guardians and teachers, were chosen. Therefore, a total of six interviews were conducted, including all participants. The two main events triggering sadness in the children are related to experiencing grief and the separation of parents. The impacts on behavior and cognition differed between the two students, and the teachers' approach to the manifestation of children's sadness was not the same. The importance of teachers deeply understanding their students, willing to comprehend the reasons for experiencing sadness, became evident. It was highlighted that a close relationship between the teacher and the student can facilitate conflict resolution through affection, as such an approach creates a channel of communication, providing space and time for the child to express their feelings.

Keywords: childish sadness; school; Santiana theory.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
2	COMO COMPREENDER A TRISTEZA INFANTIL	13
2.1	Objetivos da pesquisa	18
2.3	A realidade empírica	21
2.3.1	Escolha do local da pesquisa	21
2.3.2	Relação com o corpo docente da escola	21
2.3.3	População	22
2.4	Entrevista	23
2.5	Tratamento dos dados	24
2.6	Perfil psicológico dos sujeitos da pesquisa	25
3	ENTRE O CHORO E A BRINCADEIRA: A VIVÊNCIA DO LUTO E SEUS ATRAVESSAMENTOS NO COTIDIANO ESCOLAR	30
3.1	Sociabilidade	30
3.2	Afetividade	31
3.3	Tristeza	33
3.4	Sintoma	34
3.5	Conflito	36
3.6	Relação professora x aluno	37
3.7	Relação família x escola	38
3.8	Aprendizado	39
3.9	Função da escola	39
3.10	Desenho da família	41
3.11	Significados e percepções	44
4	RUPTURAS FAMILIARES E SAÚDE MENTAL: REVERBERAÇÕES NO CONTEXTO ESCOLAR	48
4.1	Sociabilidade	48
4.2	Afetividade	49
4.3	Tristeza	50
4.4	Sintoma	51
4.5	Conflito	52
4.6	Relação professora x aluna	54
4.7	Relação família x escola	55
4.8	Aprendizado	56
4.9	Função da escola	56
4.10	Desenho da família	57

4.11	Significados e percepções	59
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	63
	REFERÊNCIAS	67
	APÊNDICE A – LISTA COMPLETA DOS PROGRAMAS DE RÁDIO	69
	APÊNDICE B – TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS.....	72
	ENTREVISTA 01 – DONA JÚLIA	72
	ENTREVISTA 02 – PROFESSORA CARLA	82
	ENTREVISTA 03 – EDUARDO	86
	ENTREVISTA 04 – DONA ELISABETE.....	90
	ENTREVISTA 05 – PROFESSORA ANA.....	101
	ENTREVISTA 06 – OLÍVIA.....	106
	ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO	111
	ANEXO B – TERMO DE ASSENTIMENTO.....	114

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa dedica-se a discorrer sobre a tristeza infantil manifestada no ambiente escolar, temática que tem adquirido cada vez mais relevância devido a seus atravessamentos sociais, de modo especial na esfera familiar, assim como nos campos institucional e da área da saúde, tomando como referência a escola e a noção de saúde mental, respectivamente. Esse conjunto de áreas que se relacionam com a temática da tristeza infantil fomentará a discussão sobre o papel da escola diante dessa problemática que, inevitavelmente, desemboca na sala de aula e que pode influenciar o aprendizado e a sociabilidade dos discentes, entre outros aspectos.

Há um número crescente de casos de depressão no mundo, acometendo tanto adultos quanto crianças, no qual a tristeza, relacionada muitas vezes a comportamentos como irritabilidade, raiva, anedonia e pensamentos negativos, compõe uma característica importante para seu diagnóstico. Notícias embasadas em pesquisas ilustram que a pandemia agravou esse quadro, que já se mostrava preocupante. Um levantamento realizado pela Secretaria Municipal de Educação da capital do Estado de São Paulo¹ mostra que, entre 2018 e 2021, houve um aumento de 120% nos casos de ansiedade e depressão. Outro estudo realizado com crianças², nos EUA, aponta que, entre 2016 e 2020, houve um aumento de 29% no número de crianças diagnosticadas com ansiedade e 27% nos casos de depressão.

No presente estudo, a tristeza infantil é concebida como objeto de investigação em intersecção com as características do quadro depressivo, respeitando a especificidade do saber médico para a elucidação e prognóstico da patologia depressiva. Essa relação da tristeza com a depressão é aqui defendida tanto pela sua vinculação ao conjunto de fatores necessários ao diagnóstico de depressão, como também porque o estudo da tristeza se refere a um objeto muito específico e pouco tomado como referência para pesquisa de forma isolada.

Tomar a tristeza infantil como objeto de estudo, inspirado no referencial teórico do psicanalista, pedopsiquiatra e psicopedagogo português Dr. João dos Santos (1913-1987), possibilita trabalhar com um sentimento inerente a todo ser humano e constituinte da existência. Portanto, sentir-se triste não nos coloca na posição de enfermos. A tristeza não é patológica. Ao contrário, lidar com a tristeza e o mal-estar oriundos das frustrações e dos desejos não realizados diz da nossa própria saúde e proporciona um abrir-se para a vida, sempre inesperada e inegociável. A tristeza, tanto quanto a felicidade, é importante para a saúde mental e momentos

¹ Informação retirada do portal de notícias G1, 2021

² Informação retirada do portal de notícias Crescer, 2022

de reclusão, baixa interação social e diminuição do apetite estão dentro do que é considerado normal, desde que sua frequência e intensidade não sejam altas.

Nesta pesquisa, o sentimento da tristeza será estudado em alunos do Ensino Fundamental I de uma escola pública do interior do Estado do Ceará e tem por objetivo precípua compreender como a tristeza infantil é percebida pela criança, seus responsáveis e pela instituição escolar no que se refere ao desenvolvimento cognitivo e afetivo à luz do referencial de João dos Santos. Nesse sentido, busca-se descrever as percepções que cada um desses atores tem sobre um objeto específico: a tristeza do infante. O formato descritivo que esta pesquisa se propõe norteou a escolha pela metodologia qualitativa descritiva, que utiliza técnicas para a coleta informações, a fim de aprofundar os conhecimentos acerca de um tema.

Tal foco de pesquisa é fruto de reflexões oriundas nos estudos de realizei sobre a teoria santiana a partir de programas de rádio idealizados por João dos Santos, e que encontrou ressonância com minha atuação profissional como Orientador Educacional em uma escola de Ensino Fundamental I. Pude observar que as características apresentadas por algumas crianças, tais como a dificuldade de leitura e escrita, inadaptação escolar, infrequência e instabilidade poderiam estar associadas à vivência de um sentimento de tristeza e/ou ansiedade. Dessa forma, fui provocado a entender a atualidade da teoria santiana diante das problemáticas da infância que se enunciam no ambiente escolar, assim como compreender o modo como a escola lida com esses comportamentos diante das demandas inerentes ao seu ofício tradicional de transmissão de conhecimento e perpetuação de práticas socialmente aceitas.

As duas áreas de estudo que se atravessam nesta investigação são, portanto, a Psicologia e a Educação. Branco (2016), pesquisadora portuguesa responsável pelo primeiro doutoramento sobre o pensamento e obra de João dos Santos, evidenciou o surgimento de um novo paradigma que ela denominou de “paradigma científico de conectividade”, pois relacionou saberes da Antropologia, Psiquiatria e Psicologia à área da Educação. Esse paradigma é

[...] centrado e alicerçado na criança ou, como João dos Santos gosta de dizer, na ‘Criança do Homem’, pensando-o à luz do que possibilita ou, pelo contrário, entrava ou impede o seu desenvolvimento saudável, requerendo este a articulação entre saúde mental e educação, desde o ‘berço’ (Branco, 2016, p. 42).

Esse novo paradigma científico concebido por Branco ratifica a percepção de João dos Santos sobre aquele que era o sujeito das suas investigações e da sua teoria: a criança. É a partir de um olhar amplo sobre o infante, associando saberes diferentes e ao mesmo tempo

complementares, que o autor defende a íntima associação entre saúde mental e educação, proporcionando uma mudança paradigmática nas práticas pedagógicas desenvolvidas à época, em Portugal, e que adquire contornos de importância no período atual em que a afetividade no ambiente educacional está sendo mais tematizada.

No livro *Ensaio Sobre Educação II* (1979), o psicanalista de Lisboa reflete sobre a aprovação por unanimidade da Declaração Universal dos Direitos da Criança, consignada em 1959. Esse documento representou o compromisso das nações com o bem-estar da criança, evidenciando ações em prol de sua dignidade tais como o direito à igualdade, à especial proteção para o seu desenvolvimento, à educação, ao amor, entre outros. Ratificando seu compromisso com a infância, Santos coaduna com tais objetivos, mas considera que um dos direitos fundamentais para a criança não foi atestado por esse documento: o direito à tristeza. Note-se que o direito à tristeza é defendido, em conformidade com os demais direitos consignados, para que haja uma mobilização social no qual os adultos se esforcem para sua efetivação. O sentimento da tristeza toca a todos de maneira muito particular e sua vivência deve encontrar acolhimento e apoio, especialmente por parte dos adultos em relação às crianças.

O livro *A Casa da Praia: o Psicanalista na Escola*, discorre sobre as experiências vividas e os conhecimentos adquiridos nesse espaço denominado por Santos (2017) de laboratório de pedagogia experimental. Em funcionamento até os dias atuais, essa instituição conta com uma equipe multiprofissional em prol do estudo sobre as dificuldades de aprendizado apresentadas pelas crianças e atuação visando sua superação. Verificou-se a necessidade de tornar essa Casa um lugar alegre, pois constatou-se que a alegria é um mobilizador potente e necessário para as crianças conseguirem lidar melhor com as suas próprias dificuldades. Ademais, em trabalho realizado junto às famílias, percebeu-se que núcleos familiares no qual as figuras parentais sofriam com depressão, eram ausentes ou a relação com os filhos era permeada de violência constituíam fonte impulsionadora de depressão nas crianças.

Esse conjunto de referências alicerçam o estudo sobre a tristeza infantil proposto neste estudo. Para tanto, a presente pesquisa se debruçará sobre os casos em que há indícios da vivência do sentimento de tristeza, não sendo fator de exclusão a realização prévia do diagnóstico de depressão infantil para a identificação dos participantes da pesquisa. Esse “passo atrás” que se dará na escolha dos casos tem por objetivo realçar o caráter preventivo deste estudo, pois visa fomentar práticas de “prevenção precocíssima”, tomando como inspiração a prática de “prevenção primária precocíssima” proposta por João dos Santos, cujo significado diz respeito à prevenção da saúde física e mental antes da criança nascer (Branco, 2016, p. 196). Quanto mais cedo forem identificados casos de sofrimento psíquico ou perturbações

emocionais que demandem ajuda profissional, mais facilmente a criança poderá retomar seu desenvolvimento integral.

O espaço escolar é o local onde a investigação ocorreu. Considera-se que a escola não é somente a instituição responsável pelo ensino, mas também pelo cuidado e saúde dos alunos. Compreendida enquanto um equipamento histórico e social, a escola apresenta-se como um espaço possível para a realização da pesquisa, por ser um lugar onde há um debruçar-se sobre o infante, sujeito que é alvo de ações pedagógicas, como também de socialização com a diversidade. Há, na escola, um atravessamento de diversos atores, pois é evidente que esse espaço não se faz à parte da cidade. Pelo contrário, comparece à escola o que se apresenta na sociedade e, nisso, aparecem os atores desse atravessamento: profissionais, crianças, pais, comunidade, entre outros. Iremos, dessa forma, trabalhar com um tripé relacional da escola: professor, criança e família.

A concepção de “apoio da família alargada”, proposta por João dos Santos, vai ao encontro da compreensão de escola enquanto instituição responsável pela transmissão do conteúdo cultural, construído ao longo dos séculos, assim como um equipamento que deve zelar pela saúde e integridade dos seus alunos. De acordo com essa concepção, a criança, inicialmente, se relaciona intimamente com a mãe, sendo ela a responsável pelo seu cuidado integral. Após algum tempo, seu contato com o mundo é ampliado e os familiares próximos passam a integrar a rede de apoio que dá suporte aos pais para que ocorra o desenvolvimento da criança. Por fim, o cuidado se estende a todas as instituições da sociedade. Essa “família alargada” torna a todos protagonistas na busca por uma infância vivida da forma mais saudável possível.

A amostragem por conveniência foi utilizada para a escolha dos participantes da pesquisa. Esse tipo de amostragem possibilita que o pesquisador opte pelos participantes que possuam condições de contribuir com o tema estudado. Nesse sentido, dois estudantes foram escolhidos para o estudo, sendo um do terceiro ano e um do quarto ano. Em conformidade com os requisitos necessários à realização do estudo com humanos, esta pesquisa foi submetida ao Conselho de Ética em Pesquisa, obtendo a devida aprovação.

Esta dissertação está dividida em cinco capítulos. O presente capítulo discorre sobre a temática estudada, dando notas introdutórias à maneira como o objeto de estudo foi abordado e o referencial teórico que subsidiará a discussão. O segundo capítulo contém os elementos conceituais e sua fundamentação teórica, assim como apresenta a trajetória da pesquisa e o caminho metodológico que foi seguido.

Nos capítulos terceiro e quatro são tematizadas as falas dos entrevistados a partir de categorias analíticas, surgidas na análise do material transcrito. Referem-se, portanto, aos dois discentes que participaram do estudo, assim como seus responsáveis e professores. O desenho da família complementa a análise da situação estudada. Por fim, o quinto capítulo apresenta as considerações finais, no qual é realizado um panorama da trajetória da pesquisa, avaliando a abordagem do objeto de estudo e as possibilidades de novos estudos para a temática.

Diante do exposto, a relevância da pesquisa deve-se à urgência de se promoverem análises sobre o fenômeno da tristeza nas crianças, a fim de que a temática seja discutida, debatida e, até mesmo, questionada pelos atores que compõem o ambiente escolar. Poderá, também, incentivar a percepção e o suporte aos casos que demandem acompanhamento com profissionais da saúde, possibilitando reduzir os danos à saúde mental que, em alguns casos, tornam-se irreversíveis pela intensidade e/ou falta de condições propícias à elaboração da tristeza.

2 COMO COMPREENDER A TRISTEZA INFANTIL

Esta pesquisa desenvolve-se a partir da metodologia qualitativa, pois entendo ser este o método mais apropriado para a abordagem do objeto de estudo proposto para esta investigação. A pesquisa qualitativa se caracteriza por enfatizar as experiências e a percepção dos sujeitos, além de compreender a realidade como múltipla e subjetiva, tomando como referência os aspectos epistemológicos e ontológicos, respectivamente, do método em questão (Patias; Hohendorff, 2019).

O contexto em que o indivíduo está inserido e o modo pelo qual ele percebe a realidade são elementos centrais para o debruçar-se sobre os dados da pesquisa. Nesse sentido, elementos essenciais da metodologia qualitativa devem integrar o esforço reflexivo do pesquisador para atuar junto ao seu objeto de estudo. Conforme discorre Minayo (2011, p. 622):

Sua matéria prima é composta por um conjunto de substantivos cujos sentidos se complementam: experiência, vivência, senso comum e ação. E o movimento que informa qualquer abordagem ou análise se baseia em três verbos: compreender, interpretar e dialetizar.

A assertiva supracitada norteia como o pesquisador deve se mover pelo ambiente de pesquisa, constituído por uma dinâmica própria de organização, assim como de atravessamentos sociais e ambientais. Faz-se necessário, portanto, antes de qualquer tentativa de teorização sobre os comportamentos e práticas comuns ao ambiente, um duplo esforço do pesquisador sobre o ato da pesquisa científica qualitativa: a suspensão temporária das premissas teóricas de que o pesquisador está munido, a fim de realizar uma abertura à escuta e à visualização dos modos próprios de comportamentos e interpretação dos sujeitos que participam da pesquisa.

Esse esforço desloca o pesquisador de sua suposta posição de agente detentor de um saber específico que atuará sobre o ambiente, colocando-o como um observador ativo do espaço, sendo capaz de experienciar e vivenciar os afetos e contradições das relações, assim como as estruturas de poder que se mostram naquele local. Esse momento inicial de aproximação é essencial para que o pesquisador tanto observe quanto seja observado pelos demais, pois sua presença precisa ser notada para que possa ser estabelecido um diálogo com os possíveis sujeitos da pesquisa.

O método procedimental a ser utilizado nesta pesquisa será o descritivo devido o objeto de estudo ser a tristeza infantil, pois tem-se como objetivo a descrição da vivência da

tristeza pela percepção da própria criança, dos seus responsáveis e da instituição escolar. Um ponto de destaque nesse tipo de metodologia diz respeito a utilização de técnicas padronizadas de coleta de dados, que neste estudo é representado por questionários e pelo teste do desenho da família.

A definição do objeto a ser estudado pode ocorrer através de pergunta ou sentença problematizadora (Minayo, 2012, p. 623). Nesta pesquisa, a pergunta que norteará a investigação é a seguinte: como a tristeza infantil nos anos finais do Ensino Fundamental I é percebida pela criança, seus responsáveis e a escola no que concerne à promoção do seu desenvolvimento cognitivo e afetivo? Essa questão impulsiona a reunião de elementos discursivos e de caráter sociodemográfico que possam dar subsídios para uma abordagem coerente e coesa da temática.

A tristeza infantil é temática abordada por João dos Santos em seus programas de rádio, realizados entre os anos 1983 e 1986, e nos seus escritos. Este autor confere legitimidade à vivência do sentimento da tristeza pela criança, deslocando a percepção social majoritária que concebe o infante como um sujeito imune às intempéries da existência. Santos vem a considerar que os movimentos de tristeza são tão importantes quantos os de felicidade e que a tristeza da criança deve ser respeitada.

Na emissão intitulada ‘Fiquei com vontade de chorar’, Dr. João dos Santos enfatiza a dificuldade de os adultos entenderem que a tristeza também pode ser vivenciada pela criança, por motivos às vezes incompreensíveis para ela mesma, e que a melhor alternativa para lidar com esse sentimento é chorar.

Porque é um fenômeno moderno no campo da Psicologia porque tem, tem lá, sei lá trinta anos ou, ou vinte e tal, antes disso não, não se falava em tristeza nas crianças, não se admitia que as crianças pudessem ter tristezas, os pais eram tão abomináveis nessa época, digamos, nessa época, não creio que nos povos primitivos ou nos povos mais antigos fosse assim, mas é digamos, uma dada altura que os pais eram tão abomináveis que diziam: “então, mas se eu lhe dou tudo, se faço tudo por ele, porque que ele está tristeza? Eu faço sacrifícios por ele.”, que é realmente uma coisa, é... dura para se dizer e cruel, eu acho. Pois as crianças têm tristeza, às vezes, incompreensíveis, como em todos nós, e têm necessidade de chorar como toda a gente, e faz muito bem chorar, para a tristeza é melhor que remédios de farmácia. (SANTOS)

Por se tratar de um sentimento que denota sofrimento, a tristeza se mostra ao outro de maneira particular, sendo capaz de proporcionar a revisitação das próprias angústias e desalentos. Se compadecer com a tristeza do outro, agir para sua resolução ou mesmo a intolerância com a vivência da tristeza realça que componentes de ordem psíquica atravessam a nossa experiência no acompanhamento da elaboração da tristeza nas pessoas.

Na emissão intitulada ‘A escola como linha de montagem’, Santos discorre sobre as implicações da tristeza no infante. Para o autor, a ansiedade e a depressão constituem a base de perturbações de ordem afetiva e comportamental, podendo ser manifestadas por rejeição em aprender, agressividade para com os outros, competitividade exacerbada, dentre outros elementos.

Nesse sentido, a tristeza pode ser o pano de fundo para uma variedade de comportamentos passíveis de serem manifestados no ambiente escolar, espaço de socialização com a diferença, assim como de assimilação, ou contestação, das regras. Ademais, para Santos, a tristeza aparece não apenas por meio de comportamentos de reclusão, baixa interação social ou apatia, como socialmente ocorre sua identificação, mas outros fatores podem compor o quadro de comportamentos possíveis para o estado ansioso e/ou depressivo.

Há de se notar que ao mesmo tempo que a vivência da tristeza pela criança é importante e, portanto, defendida como legítima pelo autor, é imprescindível que a família dê o devido suporte caso a criança venha a necessitar. O apoio da família alargada, constituída por familiares e instituições em favor da criança, vem a ampliar o conjunto de atores atuantes em prol do seu cuidado e prevenção.

Os estudos que realizou como pedopsiquiatra e psicanalista, assim como a inserção junto às escolas e em instituições de apoio às crianças com deficiência, lhe proporcionaram vasto conhecimento teórico e advindo do exercício profissional. Na construção dessa trajetória, autores como o psicólogo suíço Jean Piaget (1896-1980), o médico e criador da psicanálise Sigmund Freud (1856-1939), assim como o teórico do desenvolvimento Henri Wallon (1879-1962) são autores que influenciaram a trajetória de João dos Santos. Todos eles enfatizaram o lugar diferenciado que a criança se situa em relação ao adulto, seja no plano social, psicológico ou físico.

Mas não só sob o ponto de vista físico existem diferenças; sob o ponto de vista mental a diferença não é menos importante e a incompreensão deste fato pode levar os pais a cometerem injustiças. Não é, no entanto, possível definir os caracteres gerais que definem a criança, pois a personalidade infantil está em constante transformação; pode, no entanto, caracterizar-se cada uma das etapas ou “metamorfoses” pela qual a criança passa do nascimento até a adolescência (Ensaio sobre Educação I – a criança quem é? Lisboa: Livros Horizonte, 1991)

O ato de observar como metodologia capaz de identificar as potências, dificuldades e singularidades da criança é uma atividade que encontra fundamento nos estudos de Jean Piaget. A importância que atribui a essa atividade demonstra que, na relação a ser estabelecida com a criança, deve-se dar importância aos seus movimentos externos, perceptíveis através do seu

comportamento, assim como os seus movimentos internos. Observação, portanto, é entendida como uma atitude ativa que busca a compreensão.

A teoria psicanalítica freudiana fundamenta o modo como João dos Santos orienta suas intervenções e, também, como compreende o desenvolvimento humano. É mister ressaltar que, apesar de contar com esse vasto e diversos conjunto de saberes, a psicanálise constitui, para João dos Santos, a principal via teórica de interpretação dos fenômenos e comportamentos humanos.

Conceitos como o inconsciente e o complexo de Édipo adquirem elevada importância na teoria psicanalítica. João dos Santos dá ênfase ao complexo de Édipo por este conceito se referir à constituição psíquica do sujeito e proporcionar a compreensão da relação estabelecida entre a criança e as figuras parentais. De acordo com a teoria freudiana, o complexo de Édipo, cuja denominação tem origem na tragédia grega do Édipo Rei escrita por Sófocles, diz respeito a fase do desenvolvimento infantil em que ocorre um conflito inconsciente de desejo sexual pelas figuras parentais. A maneira como ocorre a resolução edípica terá grande impacto sobre as instâncias psíquicas, sendo estruturante na formação do ego. Constitui-se, portanto, uma etapa incontornável para o indivíduo e definidora no processo de subjetivação e sexuação. (Moreira, 2004)

Diante dessas influências teóricas, Santos considera que o desenvolvimento da subjetividade do indivíduo se inicia antes mesmo nascimento, pois a criança é formada tanto pelos elementos genéticos que herdará quanto do desejo dos seus progenitores. O investimento de tempo, cuidado e amor dirigido à criança, assim como a boa relação mãe-filho são essenciais no impulso de vida que a criança manifestará ao nascer. Disso decorre uma reflexão santiana inovadora, fruto da perspectiva ampliada sobre educação e saúde, ao defender que uma verdadeira revolução na educação deve se iniciar nas maternidades, pois o apoio direcionado à figura materna nutre a relação mãe-filho, proporcionando um desenvolvimento saudável à criança.

O exílio em Paris, ocorrido por defender eleições livres em meio ao regime Salazarista, conferiu à Santos o contato com grandes intelectuais do desenvolvimento e de perspectiva psicanalítica, entre eles Henri Wallon, no qual foi bolsista no Laboratório de Biopsicologia da Criança. A compreensão da criança enquanto sujeito integral, constituído na relação com o meio em que vive e no qual se expressa através do afeto e do movimento é uma marca que aprendeu e aperfeiçoou com o teórico francês.

Para Santos, “a criança é aquilo que se está a formar”. Essa definição acomoda o conjunto de saberes diferentes que nortearam seu conhecimento sobre a criança, pois apresenta

uma perceptiva fluída, reconhecendo a importância das teorias do desenvolvimento, concebendo a criança enquanto um sujeito em constante transformação.

A criança, sujeito da obra santiana, é tomada pelo protagonismo. Consoante a essa consideração, buscou-se integrar o discente naquilo que lhe compete neste estudo: falar sobre sua própria tristeza. Os participantes foram escolhidos a partir da amostragem por conveniência, pois esse recurso possibilita que se opte pelos participantes que consideram terem potencial de contribuir e dinamizar as teorias e conceitos existentes sobre a temática. Para isso, alguns critérios nortearam esse processo. Dos critérios utilizados para fundamentar a escolha dos participantes da pesquisa, o primeiro deles se refere à série escolar. Como o foco é o estudo da tristeza em crianças, o Ensino Fundamental I contempla a faixa etária requerida. Totalizando doze anos de duração, a Educação Básica atende crianças de 6 anos a 17 anos, no qual o Ensino Fundamental I é a primeira etapa desse processo, iniciado no primeiro ano e finalizando no quinto ano.

Dos comportamentos que demarcaram a escolha dos participantes, pode-se destacar a apresentação de comportamentos como a irritabilidade, alteração no apetite, choro frequente, auto ou heteroagressividade, autodepreciação, diminuição da socialização, isolamento, pesadelos e diminuição da capacidade cognitiva, que servirão como indicativos da existência de um sofrimento psíquico ou da vivência do sentimento da tristeza. Adicione-se a isso alguns sintomas físicos como dores de cabeça e abdominais, fadiga e tontura, falta de concentração, ansiedade, diminuição no desempenho escolar, hiperatividade e instabilidade emocional. Esses fatores conduziram a escolha dos participantes da pesquisa por serem comportamentos apresentados em investigações sobre depressão na infância (Andriola; Cavalcante *apud* Huttel *et al.*, 2011).

Nesta pesquisa foram utilizados a entrevista e desenho da família, segundo a perspectiva de Dinah Campos (2014). A entrevista utiliza como principal recurso a fala. O exercício do falar direcionado característico da entrevista torna possível analisar as informações reveladas e solicitar detalhes de fatos que se mostraram relevantes. Não obstante, a linguagem do corpo também se expressa no momento da entrevista, sendo as expressões faciais e a disposição corporal elementos a serem observados.

Esse percurso metodológico e fundamentação teórica possibilitou trilhar um caminho coerente com as premissas científicas pelo delineamento e abordagem propostos estarem em conformidade com o estudo do objeto, além de ressaltar o caráter investigativo sobre um tema pouco explorado nos moldes como o que se buscará efetuar neste estudo.

2.1 Objetivos da pesquisa

Esta pesquisa tem como objetivo geral compreender como a tristeza infantil é percebida pela criança, seus responsáveis e pela instituição escolar no que se refere ao desenvolvimento cognitivo e afetivo à luz do referencial de João dos Santos. Os objetivos específicos dizem respeito a descrever as formas de manifestação da tristeza infantil no contexto escolar e a percepção da criança, pais e responsáveis, assim como analisar as implicações da tristeza infantil para o desenvolvimento cognitivo e afetivo da criança e, por fim, explicitar como a escola compreende sua função educativa aliada a promoção do desenvolvimento psíquico e afetivo dos estudantes.

2.2 A trajetória da pesquisa

A tristeza infantil foi uma temática abordada nos estudos de Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC-UFC) que realizei sobre o pensamento e obra do psicanalista português Dr. João dos Santos a partir do segundo semestre de 2017, ano em que fui bolsista da pesquisa intitulada ‘As ideias psicopedagógicas de João dos Santos: um estudo em perspectiva comparada Brasil e Portugal’ enquanto cursava o sexto semestre do curso de Psicologia, mantendo-me como pesquisador até o fim da graduação (2020). A pesquisa acima integrou a linha de pesquisa História e Educação Comparada do Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará e teve como objetivo analisar o conteúdo da proposta terapêutica e social de João dos Santos, vista em documentos, bibliografia e transcrição dos seus programas de rádio no sentido de uma compreensão das ideias psicopedagógicas de João dos Santos, confrontando Brasil – Portugal. Para tanto, foi realizado o estudo da teoria santiana através da transcrição dos programas de rádio que Dr. João dos Santos idealizou e participou, juntamente com o Dr. João Sousa Monteiro, entre os anos 1983 e 1986.

A utilização da radiodifusão por João dos Santos corrobora com seu compromisso de divulgação de ideias psicopedagógicas e orientação às famílias, em meio a um período em que o serviço público de atendimento especializado às crianças não conseguia suprir a demanda existente. (Holanda, 2018) Ademais, faz-se necessário destacar que a radiodifusão foi instrumento que contribuiu para o processo de retorno à democracia em Portugal, pois possibilitou a mobilização de forças militares durante a Revolução dos Cravos, em 1974, dando

fim à ditadura salazarista, vigente no país desde 1926. Durante esse período o rádio foi utilizado para manipulação de informação, pois era o meio mais acessível naquele período.

Na primeira etapa dessa pesquisa houve a transcrição de todos os programas de rádio, totalizando 53 emissões, divididas em duas versões. A primeira versão, denominada ‘Se não sabe porque é que pergunta? conversas com Sousa Monteiro’, foi transmitida entre outubro de 1983 a julho de 1984. A segunda versão, denominada ‘A minha mãe o que é? Conversas com Sousa Monteiro’, iniciou-se em 1986, mas teve que ser interrompida por causa do estado de saúde de Santos. Na segunda etapa dessa pesquisa houve a leitura das emissões no intuito de cartografar os principais assuntos e conceitos que apareciam e eram tematizados através das conversas entre Santos e Sousa Monteiro, podendo ter a participação de outros convidados, até mesmo crianças.

Foi possível identificar que os termos utilizados por Santos nos programas de rádio estavam em total sintonia com as ideias e construtos teóricos que ele produziu ao longo da vida a partir de seus escritos. Nesse sentido, a maneira pedagógica que o autor encontrou para colocar em discussão assuntos de interesse social, aludindo principalmente às problemáticas da infância, tendo como referencial conceitos teóricos diversificados que embasaram a construção de sua teoria, partindo da utilização de um meio de comunicação de massa, ratifica seu compromisso com a divulgação de conhecimentos científicos, além da defesa sempre pungente dos interesses da infância.

Estas emissões constituem-se como fonte primária de pesquisa e foram transmitidas pela Rádio Comercial, às 18h dos dias de domingo, em Lisboa, Portugal. A relação completa dos programas de rádio está contida no apêndice A deste trabalho. Cada emissão durava em média 30 minutos e ocorriam através de uma conversação em que Santos compartilhava suas vivências acumuladas ao longo do tempo nos diversificados ambientes em que atuou como pedopsiquiatra e psicanalista, seja em hospitais, laboratórios de pesquisa ou escolas, fazendo com que construísse um vasto conhecimento não apenas teórico e científico sobre a criança, mas também existencial.

Os programas, em seu fim último, buscavam fazer com que cada ouvinte refletisse sobre a sua própria infância promovendo, assim, um deslocamento do olhar, a fim de que a sociedade pudesse lançar sobre as crianças uma atitude mais atenciosa e madura diante de suas próprias demandas. Os programas de rádio idealizados por João dos Santos e João Sousa Monteiro constituem, portanto, fonte privilegiada de pesquisa pelos temas que aborda e tematiza, assim como pelo caráter social que desempenha.

Esses fundamentos teóricos foram incorporados ao meu olhar enquanto profissional de psicologia a atuar no cargo de Orientador Educacional. A formação em Psicologia possibilita que a escola possa contar com um profissional cujo olhar e atuação englobam conhecimentos das áreas da saúde e da educação. Há, portanto, um ganho significativo para a instituição, que passa a contar em seu quadro de profissionais com um profissional com formação diferente dos demais.

Para Hiara Barbosa (2022), a formação acadêmica requerida para o cargo no município de Sobral é o primeiro ponto merecedor de destaque, pois esta formação difere daquela adotada por grande parte do território brasileiro, ou seja, de pedagogos ou profissionais que compõem o magistério.

Entre as atribuições inerentes ao cargo de Orientador Educacional no município de Sobral estão as seguintes:

- 1º - Assistir aos educandos em estabelecimentos de ensino, ordenando e integrando os elementos que exercem influência em sua formação, aconselhando e auxiliando os alunos na solução de seus problemas pessoais, para possibilitar-lhes o desenvolvimento intelectual e a formação integral de sua personalidade, ajustá-los ao meio em que vivem e orientá-los no tocante ao conhecimento e escolha das opções básicas;
- 2º- Atuar no desenvolvimento pessoal do aluno, dando suporte a sua formação como cidadão, à reflexão sobre valores morais e éticos e à resolução de conflitos;
- 3º - Auxiliar ao docente no processo de aprendizagem, avaliando o comportamento das crianças; [...].

Nessas três atribuições fica evidente o caráter vasto de atuação a que o Orientador Educacional é convocado no seu exercício cotidiano, no qual participa ativamente do processo de aprendizagem, seja aconselhando o discente, seja promovendo reflexão sobre os valores caros à sociedade. Além disso, a utilização de alguns termos merece atenção, tais como o de “ajustamento ao meio em que vive”, o qual carece de reflexão aprofundada, haja vista que a negação de um espaço pode significar uma reação saudável em meio a um ambiente degradado.

Os momentos de acolhimento mostraram-me, de maneira muito clara, que a criança pode ser o seu próprio interlocutor, sabendo organizar o discurso e demonstrar os incômodos que lhe afetam. Um fator importante para que essa fala possa ser expressa parece ser a vinculação e a relação de confiança estabelecida entre discente e profissional, seja ele professor, coordenador ou Orientador Educacional. Logo, a criança pode expressar o que sente tanto em locais de maior privacidade, como em uma conversa com algum profissional, ou estando entre os seus colegas, dentro da sala de aula.

Através das considerações dos docentes sobre o comportamento de alguns alunos, tais como baixa socialização, tristeza manifesta e desinteresse em participar das atividades propostas, respondi à solicitação para que eu pudesse realizar um acolhimento no sentido de entender a situação decorrida. Pude perceber, a partir desses momentos de acolhimentos, que casos de falecimentos, divórcio dos pais e não satisfação com o rendimento nas avaliações eram queixas que emergiam do discurso de tais sujeitos. Dessa forma, o cargo de Orientador Educacional possibilita um exercício profissional junto a professores e alunos que, com a formação em psicologia e os estudos sobre o desenvolvimento infantil, vem a corroborar com o cuidado com a saúde mental e o pleno desenvolvimento dos discentes.

Tendo constatado a existência da problemática da tristeza e do sofrimento psíquico no ambiente escolar, fundamentando-se nos estudos que realizei sobre a infância a partir das considerações de João dos Santos, ponderei ser importante o detalhamento de como a demanda do discente é acolhida pelos profissionais de educação, juntamente com as considerações dos responsáveis, para agregar ao estudo elementos consistentes das esferas educacional e familiar, tornando a análise da situação mais abrangente.

2.3 A realidade empírica

2.3.1 Escolha do local da pesquisa

O contato com o campo se deu através da vivência no cotidiano da escola na qual atuo como Orientador Educacional. A instituição escolar em que a pesquisa se desenvolveu está localizada na cidade de Sobral, distante aproximadamente 220 km da capital do Estado do Ceará, Fortaleza. Possui em média oitocentos e cinquenta alunos distribuídos em dois turnos, manhã e tarde, e oferta ensino para crianças do 1º ano ao 5º ano, que em sua maioria estão na faixa etária entre seis e dez anos. O quantitativo de docentes é aproximadamente 36 ocupando funções de professor (a) titular de sala, professor (a) substituto (a) e professor (a) de apoio.

2.3.2 Relação com o corpo docente da escola

Ocupar o cargo de Orientador Educacional, com formação em Psicologia, possibilitou que eu integrasse o espaço escolar tendo uma formação diferente da maioria dos profissionais que ali trabalhavam. Nos primeiros momentos houve a adaptação da minha função diante das

demandas que emergiam no cotidiano escolar. Inicialmente, fui convocado por alguns docentes a intervir junto às crianças cujo comportamento e/ou desenvolvimento da aprendizagem não se dava de modo satisfatório, na tentativa de resolução desses problemas. Buscava-se, em certa medida, a explicação e categorização de comportamentos e subjetividades.

Diante dessa convocação, busquei lançar um olhar macro, tentando compreender o caso a partir da demanda do docente, da história de vida do aluno e do seu ambiente familiar. Esses processos necessitam de tempo, pois exigem cuidado e reflexão para como o outro se mostra a nós, especialmente as crianças, que estão em constante processo de abertura ao mundo e experimentação dos seus comportamentos. Logo, não foi possível dar uma resposta definitiva, nem propor uma intervenção que “solucionasse” a situação de pronto.

Com o decorrer do tempo, percebeu-se que as problemáticas da infância não são passíveis de resolução apenas com explicação ou teorização, assim como não há soluções mágicas para problemas complexos. Ao contrário, há toda uma engrenagem de processos e recursos pessoais que deve ser convocada e a escola assume papel importante nesta atuação.

Estimulado favorecer o bem estar das crianças, assim como a atenuar dificuldades por parte daqueles que necessitavam de amparo e cuidado, trabalhei com os professores com propostas de atividades que visavam, principalmente, o estabelecimento de um ambiente em que a criança pudesse se expressar e que o docente estivesse atento e interessado àquilo que lhe fosse direcionado.

Dessa maneira, com propostas de atividades lúdicas, acompanhamento cuidadoso de processos e mostrando-se disponível a trabalhar nas demandas que os docentes considerassem relevantes, aproximei-me do corpo docente da escola e pude estabelecer uma relação de confiança.

2.3.3 População

O projeto foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa, obtendo aprovação, como consta no anexo C deste estudo. Os sujeitos desta pesquisa são identificados com nomes de escritores ou personagens da literatura brasileira e mundial, para atender aos aspectos éticos da investigação. Para tanto, faz-se referência aos livros *O Encontro Marcado*, de Fernando Sabino e ao livro *Olhai os Lírios do Campo*, de Érico Veríssimo. A escolha dos nomes que identificam os sujeitos da pesquisa não possui qualquer relação com as características dos personagens literários.

Dois alunos foram selecionados para participar do estudo, são eles: Eduardo, 9 anos, 3º ano; e Olívia, 10 anos, 4º ano. Eles foram devidamente autorizados pelos seus responsáveis através do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice A), assim como do Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (Apêndice B), constatando a participação espontânea da criança. A definição da quantidade de alunos seguiu a necessidade de reunir elementos que satisfizessem a visualização do objeto estudado de forma mais ampla possível, tendo em vista sempre os objetivos da pesquisa dispostos na introdução deste trabalho, assim como o tempo necessário para a coleta dos dados e análise das informações.

2.4 Entrevista

Buscando a participação ativa das crianças através de conversas e de produção artística, por considerar que essa estratégia metodológica é capaz de enunciar de maneira mais fidedigna as percepções e os sentidos conferidos pelas crianças aos seus movimentos internos e fatos que lhes ocorreram, esta pesquisa se utilizou de momentos de entrevistas para com as crianças, seus responsáveis e docentes, a fim de que cada um, a partir de sua história de vida e dos significados construídos, pudesse discorrer sobre comportamentos e interações em face da tristeza infantil. Proporcionar um ambiente acolhedor e estar atento àquilo que se fala são diferenciais desta pesquisa que ratificam a importância de se abrir à escuta da criança.

As entrevistas seguiram um roteiro semiestruturado e ocorreram em três momentos: um com a criança, um com o seu responsável e um com a docente, representando os discursos do próprio infante, do ambiente doméstico e do ambiente escolar sobre a mesma temática: a vivência do sentimento da tristeza da criança. Logo, para cada aluno participante do estudo, havia três entrevistas a serem realizadas. Como duas crianças participaram da pesquisa, totalizaram-se seis entrevistas realizadas e dois desenhos produzidos.

O roteiro semiestruturado tinha por objetivo direcionar a conversa para a temática abordada, mas não tinha a intenção de limitar a fala do entrevistado. A ideia era que também pudessem emergir informações que o entrevistado considerasse relevantes para a discussão e que não haviam sido contempladas nas perguntas do roteiro. Por isso o entrevistado foi estimulado a ter uma fala livre nesse momento. Todas as entrevistas aconteceram dentro da escola. Na entrevista com as crianças, seguiram-se as seguintes questões: “Quem é você?”, “Me conta um pouco da sua história”, “O que é tristeza para você?”, “Em quais momentos da vida você sentiu mais fortemente o sentimento da tristeza?”, “Qual o motivo da sua tristeza

atualmente?”, “De que forma você sente essa tristeza enquanto está na escola?”, “Como a tristeza influencia os seus estudos?”.

Na entrevista com os responsáveis, seguiram-se as seguintes questões: “Você acha que a tristeza do (a) seu (sua) filho (a) se manifesta na escola?”, “Quando o (a) seu (sua) filho (a) fica triste, como ele (a) se comporta?”, “Como você lida com a tristeza do (a) seu (sua) filho (a)?”, “Na sua opinião, qual deve ser a função da escola quando se depara com casos desse tipo?”.

Por fim, na entrevista com as docentes, seguiram-se as seguintes questões: “Para você, existe alguma articulação entre educação e saúde mental?”, “Já teve que lidar com casos de saúde mental que excediam a sala de aula?”, “Me conte um pouco sobre seu (sua) aluno (a)”, “Foi possível identificar a manifestação da tristeza desse (a) aluno (a) em sala de aula?”, “Para você, a tristeza pode influenciar a sociabilidade, rendimento escolar etc.?”. Esse conjunto de questionamentos, além de outros que surgiram no ato da conversa, conduziram o momento entre pesquisador e participantes do estudo.

2.5 Tratamento dos dados

A partir da transcrição das entrevistas e tendo sido realizada a leitura exaustiva das falas, houve a apreensão dos movimentos dialógicos a partir da seleção das categorias analíticas. Estas resultam dos temas de maior densidade que emergiram, assim como dos pontos de interseção entre as falas. Em sequência, realizou-se a saturação dos sentidos e reflexão crítica, relacionando-os com os objetivos da pesquisa. O pesquisador deve ultrapassar a visualização apenas dos sentidos que os discursos promovem, tendo a tarefa de desvelar aquilo que não se mostra de maneira clara ou que está por trás da aparência. Esse esforço reflexivo é que promove destaque ao estudo de caso, pois alia a capacidade de compreensão daquilo que foi dito com o movimento de interligar esses significados a partir de reflexões sociológicas, psicológicas e das demais áreas que venham a satisfazer a abordagem do tema.

No debruçar-se sobre as falas dos participantes alguns temas foram se repetindo de modo a que pudéssemos considerar o surgimento de categorias analíticas, fruto tanto das perguntas realizadas quanto de temas que surgiram ao longo da entrevista. Ao total reunimos nove categorias, a saber: sociabilidade, afetividade, tristeza, sintoma, conflito, cognição, relação professora x aluno, relação família x escola e função da escola.

Estas categorias analíticas representam o material discursivo que foi coletado a partir das perspectivas dos entrevistados e do tema abordado. Elas estão em harmonia com os

objetivos do estudo, pois versam sobre a tristeza da criança na perspectiva dos participantes, mencionando o papel da escola de acordo com a docente e a avaliação do impacto da tristeza sobre a cognição e afetividade.

2.6 Perfil psicológico dos sujeitos da pesquisa

Denominaremos de Eduardo o aluno entrevistado. Realizamos a entrevista com a pessoa de sua referência no ambiente doméstico, neste caso a avó, no qual daremos o nome de Júlia e para sua professora o nome de Carla. Dessa forma estaremos respeitando o sigilo, pois os nomes que estaremos a utilizar não correspondem aos reais. Eduardo atualmente está cursando o terceiro ano do Ensino Fundamental I. Tem nove anos de idade. Dona Júlia não concluiu seus estudos, não tem emprego fixo e ainda não é aposentada. Carla é pedagoga, já assumiu cargo de direção escolar e atualmente se dedica exclusivamente à docência. A todas foi explicado os objetivos da pesquisa, tendo recebido o aceite de maneira integral.

Faz-se necessário explicar o motivo da escolha da avó de Eduardo para participar da entrevista. A tentativa de contato inicial se deu com o pai, pois ter a participação de uma figura parental seria importante. Apesar de sucessivas tentativas, não foi possível sua participação por motivo de disponibilidade de horário. Afora o pai, a figura de referência de Eduardo no ambiente familiar é sua avó, que acompanhou seu crescimento desde o nascimento. Eduardo mora com a avó desde um ano e dois meses de idade. A participação da mãe não foi cogitada porque aí reside o conflito gerador da tristeza de Eduardo. O falecimento da mãe de Eduardo ocorreu quando o mesmo tinha quatro anos de idade.

Eduardo foi o segundo filho de sua mãe. Não sabendo precisar exatamente quantos anos tinha quando Eduardo nasceu, dona Júlia considera que a mãe de Eduardo tinha por volta de vinte anos. Sobre o período de gestação, dona Júlia afirma: “A gravidez dela foi bem, ela tava morando perto de mim. Ela brigava um pouco assim, mas não era nem tanto, não é.” Parece que o relacionamento dos pais de Eduardo foi envolto em conflitos.

Indagada se a mãe de Eduardo fez uso de algum entorpecente ou bebida alcoólica durante a gestação, dona Júlia confidencia: “Era muito difícil, ela morava lá perto de casa então eu dava muito conselho para ela. Dizia: ‘Olha, você está grávida, não é para beber.’ Ela era esparrenta, mas sempre me atendia.”.

Sobre o motivo de Eduardo morar em sua casa desde um ano e dois meses de idade, dona Júlia afirma que foi por causa de sucessivos casos de descuido da mãe de Eduardo: “Porque quando eles moravam lá perto de casa, o aniversário foi muito bonito de um ano.

Morava quase vizinho lá de casa. [...] Ele já tinha um ano e dois meses por aí, assim. Aí ela começou a trabalhar, começou a errar. Começou a deixar o menino na rua, chegava o menino tava nu no meio da rua. Ele (pai de Eduardo) disse: ‘Mãe, o Eduardo toda vez que eu chego do trabalho ele está na rua todo sujo.’ Aí eu disse: ‘Então traga esse menino para cá.’” Fica claro no discurso de que desde quando foi morar com dona Júlia, o contato de Eduardo com sua mãe foi esporádico, não ocorrendo de maneira continuada. Isso denota a falta de cuidado, por motivos que não nos debruçamos a entender, da mãe para com seu filho.

Sobre o falecimento da mãe de Eduardo, dona Júlia comenta: “Chegou a tia dele lá [...]. ‘Traz o Eduardo para ele ver pela última vez a mãe dele’. Aí ele disse: ‘A minha mãe morreu?’. Eu disse que ela foi morar com Deus. Você vai ver ela pela última vez. Aí ele: ‘Eu não quero ver ela, não!’ Aí ela disse: ‘Você tem que ir’. Eu disse que ele só ia se quisesse. ”. Eduardo acabou acompanhando seu pai no velório. Dona Júlia não compareceu. Nesse momento Eduardo tinha quatro anos de idade, estava na creche.

Antes do falecimento da mãe, apesar da ausência desta na vida do filho, Eduardo mantinha grande amor pela sua progenitora. De acordo com dona Júlia, antes do falecimento: “Antes ele era um menino alegre. Um menino legal. Às vezes, ele dizia: ‘Quando que a minha mãe vem me ver? Ela não vem me ver, né? Acho que ela está ocupada.’ Era assim. Ele sempre lembrava dela. Era louco por ela.” É interessante perceber que mesmo em uma relação conturbada entre os pais, em que havia certo descaso da mãe para com o filho, este demonstrava grande interesse pela figura da mãe.

Sobre o estado de tristeza de Eduardo e seus comportamentos, dona Júlia discorre que Eduardo só fala da mãe quando está triste, ou seja, quando algo lhe ocorre e que causa desconforto é que a memória da mãe se vivifica de maneira muito forte: “Só diz que está com saudade da mãe dele, que gostava muito da mãe dele. Mas só quando está deprimido. Eu acredito que ele faz pra chamar atenção. Ele fica chorando. Quer mais atenção. Aí fica falando da mãe dele”.

Uma curiosidade é que dona Júlia compara o caso do seu neto com o de seu esposo. Afirma: “Igual o avô dele, o meu marido. Ele perdeu a mãe dele com sete anos de idade. Ela morreu enforcada. [...] Esse meu marido quando está bêbado fica no desespero, chorando pela mãe dele. É desse jeito. Só lembra quando está bêbado. Tem desespero pela mãe dele. O Eduardo é do mesmo jeito. Só quando está deprimido.” Parece que a perda desta figura tão simbólica nesse estágio da vida acaba por acarretar marcas psíquicas que acompanharão o sujeito ao longo da existência. O caso de Eduardo e de seu avô demonstram isso.

A problemática atual que perpassa a vida de Eduardo diz respeito ao relacionamento amoroso de seu pai com uma mulher, que tem duas filhas. Por passar tempo significativo na casa da companheira e manifestar apego às filhas dela, Eduardo sente ciúmes do pai e fica desconfortável com a situação.

No que diz respeito a segunda participante do estudo, denominaremos de Olívia a aluna entrevistada. Para sua mãe daremos o nome de Elisabete e para sua professora o nome de Ana. Dessa forma estaremos respeitando o sigilo, pois os nomes que estaremos a utilizar não correspondem aos reais. Olívia está cursando o quarto ano do Ensino Fundamental I. Tem nove anos de idade e desde o primeiro ano estuda na mesma instituição. Ana é uma professora bastante experiente, tendo dado aulas para adultos e jovens, estando a se dedicar no momento a Pedagogia. Elisabete tem trinta e seis anos, possui ensino fundamental completo, é católica e não possui emprego formal, trabalhando como empregada doméstica. A todas foi explicado os objetivos da pesquisa, tendo recebido o aceite de maneira integral.

Elisabete está separada do companheiro há aproximadamente um ano, depois de uma união estável de aproximadamente vinte anos. Olívia mora com sua mãe e, às vezes, passa os fins de semana na casa do pai. A gravidez de Olívia foi planejada e Elisabete ficou bastante animada ao saber que iria ser mãe pela segunda vez, independentemente se seria menino ou menina. Tinha vinte e seis anos quando do nascimento de Olívia e seu companheiro, trinta.

Elisabete realizou pré-natal desde que soube que estava grávida. Sua gravidez foi de risco porque, pois, no nascimento do primeiro filho teve pré-eclâmpsia, que diz respeito à alteração da pressão arterial. Sentiu bastante enjoo durante a gravidez, mas não teve outros sintomas. Durante a gestação, de acordo com Elisabete: “foi alegria, durante a gestação dela foi só alegria”. Relata que não tinha nenhum problema com o companheiro. Não utilizou nenhum tipo de entorpecente ou ingeriu bebida alcoólica. O parto de Olívia foi normal.

Olívia nasceu com dois quilos oitocentos e sessenta gramas de peso. Todo o trabalho de parto durou três horas e não teve nenhum tipo de complicação. Olívia mamou durante um ano e dois meses, não usou mamadeira e engatinhou aos seis meses. Andou aos um ano e dois meses. Falou as primeiras palavras aos oito meses. Elisabete relata que a filha tinha um sono agitado e que chorava bastante. Ao ser indagada se entendia o motivo do choro, Elisabete afirma: “Não, achava que era cólica, mas era um choro desesperado. Desesperador. Agoniante até pra mim que ela não se calava, nem ficava com ninguém.” Olívia dormiu em seu berço desde os primeiros dias de vida. Durante os primeiros anos de vida precisou se internar algumas vezes e após algumas tentativas chegaram ao diagnóstico: “na última internação dela o médico fez um diagnóstico mais certo, aí no caso dela ela tinha rinite alérgica.”

Há um momento demarcador do rompimento entre o casal. Após Elisabete sair de uma internação por motivo de cirurgia de saúde, seu companheiro lhe disse que estava tendo uma relação extraconjugal: “então aquilo me abalou muito. Aí pronto, desandou-se tudo.” O ano da separação é o fatídico ano de dois mil e vinte, quando da emergência sanitária desencadeada pelo vírus da COVID-19.

A partir daquele momento Elisabete não mais quis permanecer na relação, diferente do seu companheiro que tentou reatar o relacionamento: “Ele até tentou, mas eu não aceitei mais de maneira alguma. Aí foi aonde ele foi mexer no psicológico tanto meu como das crianças. Aí foi onde chegou a ficar pesado mesmo. Todo dia ele a chama. Agora inventou que mora vizinho a mim.” Essa aproximação do ex-companheiro para com Elisabete acarreta significativos incômodos.

Indagada se Olívia sofre desde a separação dos pais, Elisabete afirma que sim. Um ponto importante da entrevista diz respeito ao histórico do sentimento de tristeza nos pais. Além da traição, Elisabete fala de um outro aspecto, sobre o modo em que foi tratada pelo companheiro ao longo da relação: “Sempre me deixou pra baixo, sempre... minha autoestima... tinha prazer em me deixar mais baixa ainda”. Continua: “Isso eu já percebia, mas sempre fui, assim, tranquila, não desabafava com ninguém. Sempre fui levando a vida... normal pra mim, né, achava que era. Não desabafava, não contava nada pra ninguém, ia passando assim.”

Elisabete conta que quando havia discussões entre o casal a dinâmica na casa mudava. Ambos ficavam sem se falar, mas Elisabete acabava por ceder por ter que resolver problemas da rotina doméstica que dependiam também do companheiro. Nesses momentos eles não dormiam juntos. Um ponto interessante é que não brigavam de maneira exposta na frente dos filhos, pelo menos até o momento da separação.

Outro momento de vivência do sentimento de tristeza por parte da mãe diz respeito ao falecimento da sua avó, ocorrido após a separação. Logo, Elisabete teve que conviver com duas perdas em sequência. Indagada sobre como conseguiu tal feito, relata: “Eu... acho que me fazendo de forte, eu acho.”

Esta apresentação inicial do caso objetiva situar o leitor no que tange as características de como a aluna se desenvolveu desde a gestação, assim como dar notas introdutórias à complexidade do conflito existente. Fica muito evidente que a posição tomada por Elisabete durante praticamente toda a relação foi de passividade para com seu companheiro. Contudo, parece haver pilares naquilo que Elisabete considera como pontos inegociáveis em um relacionamento e esse pode ser um dos motivos que lhe fizeram não mais aceitar o relacionamento quando soube da traição. O modo como Elisabete funciona no mundo não é

objeto direto desta investigação, pois seria necessário colhermos informações de sua história de vida no que se refere a sua constituição familiar, psíquica e emocional. Mas a partir dos relatos acima mencionados fica claro haver uma relação de desigualdade em que Elisabete tanto aguentava ser destrutada em muitos momentos, assim como sempre cedia nos momentos de briga, visando o bem estar dos filhos.

Mesmo que todo o período da gestação tenha sido tranquilo e que a cisão tenha ocorrido quando Olívia tinha por volta de seis anos, já havia uma relação construída entre Elisabete e seu companheiro, podendo-se deduzir que esse tratamento imperioso e, por vezes, desafetuoso emocionalmente que o companheiro tinha para com Elisabete impactaram seu estado emocional quando na gravidez.

Tendo realizado essas breves considerações, voltemos a atenção para as categorias de análise surgidas no estudo dos discursos proferidos pelo aluno, sua avó e sua professora. Essas categorias não podem ser tomadas em separado, pois fazem parte do todo que o caso representa. A opção pela separação entre categorias busca favorecer o entendimento a partir de múltiplas perspectivas de olhar. Iremos trabalhar eminentemente com falas, tendo como princípio norteador o respeito para com a história de vida de cada sujeito. Essas falas serão objeto de análise, que pressupõe compreensão do caso a partir dos vetores sociais, psíquicos e emocionais envolvidos nas relações.

3 ENTRE O CHORO E A BRINCADEIRA: A VIVÊNCIA DO LUTO E SEUS ATRAVESSAMENTOS NO COTIDIANO ESCOLAR

A apresentação do perfil psicológico de Eduardo permite, em certa medida, a visualização de como decorreu seu processo de desenvolvimento desde o período anterior ao seu nascimento. Por ter sempre participado ativamente da vida de seu neto, dona Júlia teve condições de responder a anamnese de Eduardo. Após o recolhimento dessas informações, as perguntas foram direcionadas a vivência da tristeza de Eduardo. Em conjunto com as falas de Eduardo e de sua professora, este capítulo toma como base as nove categorias analíticas que emergiram na análise do material transcrito para a análise da tristeza de Eduardo.

O luto é o grande mobilizador do sofrimento de Eduardo. O modo como ele lida com o falecimento de sua mãe, as percepções da responsável e docente da criança, assim como as implicações da tristeza para o desenvolvimento cognitivo e afetivo são analisados através das falas dos participantes. Com isso, os objetivos específicos propostos para essa pesquisa são contemplados.

Ao final, se discorrerá sobre o Teste do desenho da família a partir da teoria de Campos (2014). A análise projetiva do desenho de Eduardo demonstra a existência de um conflito na constituição familiar. Além disso, o desenho de outras figuras não referidas à família é outro aspecto que adquire relevância.

3.1 Sociabilidade

Carla fala sobre a frequência escolar de Eduardo, destacando ser boa: “Ele não é de faltar muito, não! Ele tá sempre presente. Uma frequência boa.” Com relação a sua interação com os colegas de classe, discorre: “Em relação à amizade é tranquilo. Ele consegue interagir com os meninos. Mas ele não é de tá conversando... Se levantando. Ele é um menino bem tranquilo.” O ambiente escolar parece agradável para Eduardo e a relação com seus amigos e com sua figura de referência, a professora, é de respeito. De acordo com o relato da professora, não demonstra inquietação em sala de aula. Comporta-se de maneira “normal”, ou seja, nesse sentido não demonstra nenhum comportamento que denote a vivência do sentimento de tristeza.

De acordo com dona Júlia, avó paterna do aluno, Eduardo gosta de brincar na rua com os amigos, apesar de ocorrer alguns momentos de desentendimento entre eles:

“Às vezes eu libero ele na calçada, ai ele vem chorando. Eu digo: ‘Já sei! Alguém brigou com você na rua.’ ‘Os meninos ficam frescando com a minha cara’. Eu digo:

‘Não ligue! Venha para casa. Venha olhar seus livros. Venha brincar em casa’. Eu criei meus filhos foi dentro de casa.”

Sobre sua rotina, dona Júlia esclarece: “No fim de semana é a mesma coisa. A rotina de brincar, ficar com o celular dentro do quarto, na cama.” O brincar parece ser de grande interesse para Eduardo.

No que diz respeito à capacidade de interação em momentos que está triste, dona Júlia comenta que sua tristeza é dispersada logo quando recebe convite para brincar: “É rápido, quando um menino fala: ‘Eduardo, vamos brincar?’”. Ele sai correndo feliz. É assim. Ele não é raivoso por muito tempo. Ele não é irritado por muito tempo. É só aquele momentinho. Aí volta ao normal.”

Indagado sobre os momentos em que brinca com os amigos, Eduardo responde:

“Por causa que meu pai não me chamava pra sair, eu não tinha canto pra sair, a gente saía às vezes quando ele tinha dinheiro. Agora que eu tô aqui na escola, né, eu me divirto no meio da rua, meu pai quando ele nem tem dinheiro me leva pra algum canto pra pelo menos se divertir, aí eu fico brincando lá.”

Eduardo destaca que seu pai favorece o seu brincar, além de deixar claro que a presença do pai é importante para sua vida.

Nesse primeiro momento é possível perceber que, dentro de sala de aula, Eduardo não aparenta estar em conflito. Por sua frequência escolar e comportamento serem bons, esses elementos não levantam suspeitas da necessidade de apoio para Eduardo lidar com seus sentimentos. Consegue interagir com seus pares e sua docente, gostando muito de brincar no recreio e na rua.

3.2 Afetividade

Dona Júlia discorre sobre a relação do neto com a mãe, evidenciando o grande apego de Eduardo, apesar do pouco investimento afetivo que a mãe lhe conferiu:

“Porque era assim, ela nunca ficava com ele nem dois dias, ela o empurrava lá para casa, para passear. Ele era muito apegado com ela e ela saía, pegava e deixava na calçada e ia embora.”

Demonstrando não entender tamanho afeto, afirma: “Sempre foi apegado, mas antes que ela fosse uma mãe exemplar.” De fato, para o observador comum e até mesmo para aquela

que vivenciou os momentos de descuido, é de se fazer notar que, agindo pela lógica, Eduardo não devesse gostar tanto assim da mãe. Mas o funcionamento interno do indivíduo e as condições intrapsíquicas que ocorrem na relação mãe-filho desde a gestação não são passíveis de serem explicadas racionalmente.

Após o falecimento, Eduardo evoca a mãe em momentos de tristeza. Sobre isso, dona Júlia comenta:

“Ele é um menino bom, um menino que brinca, ele não é um menino assim... de andar me respondendo. Que a minha criação é assim, eu não bato de maneira nenhuma. [...] Ele começa a ficar, quando a gente briga com ele, começa a ficar deprimido. Ele começa a dizer: ‘É que eu não tenho minha mãe, eu estou com saudade da minha mãe, eu vejo minha mãe.’ É assim. Ele começa isso aí. Olhe, pare de ser assim por que sua mãe se foi. Tem eu que não machuco você. Eu sou o contrário da sua mãe, que ela lhe machucava muito, mas eu não, eu não lhe machuco. Eu trato você bem, o que é que você quer mais? ‘É porque eu sinto falta da minha mãe.’ Eu imagino se você tivesse passado o tempo todo com ela, porque o tempo todo foi comigo e você ainda sente falta dela. Eu sei que ela é sua mãe, mas só que ela não ligava tanto para você como eu ligo, como eu estou ali presente direto. Se você está precisando de alguma coisa para poder lhe atender e sua mãe não.’ Aí ele: ‘É, mais ela era minha mãe, eu amo ela.’”.

O trecho acima interessa por demonstrar que a evocação da mãe se faz sempre em momentos de tristeza, ou seja, Eduardo volta-se para a tristeza que sente sempre quando há algum desentendimento com os amigos ou recebe alguma bronca dos seus responsáveis. É perceptível que Eduardo menciona uma mãe que só existiu para ele. Uma mãe que somente ele consegue admirar, apesar de tantos dissabores. Algo que dona Júlia demarca claramente para o neto que é uma consideração equivocada da parte dele, pois ela não fez por merecer tamanho afeto. Contudo, Eduardo insiste e reafirma que ela, apesar de todas as justificadas queixas existentes, ainda era sua mãe e, por isso mesmo, a amava.

Mencionando a relação de Eduardo com sua professora, dona Júlia discorre:

“Ele disse que fica mais triste porque a professora Carla é a cara da mãe dele. Eu ainda não a vi. Não conheço ela. Ele fala assim: ‘A minha professora é a cara da minha mãe. Quando eu olho para a minha professora me dá vontade de chorar porque ela parece muito com a minha mãe.’”

Carla menciona essa semelhança, dizendo que o próprio Eduardo já havia lhe falado desse aspecto:

“Ele consegue ver em mim... Eu até ficava admirada, a lembrança da mãe dele. Eu não sei em que momento. Ele assim o que ele me acha parecida com ela, né? [...] Ele

nunca falou. Ele só falou que eu lembro a mãe dele. Agora eu não sei se é pela parte afetiva ou é alguma... relação física. Ele nunca falou o que era”

Pode-se perceber que houve uma aproximação natural de Eduardo para com sua professora, de modo a ele lhe confessar sobre a semelhança com sua mãe. A fala sobre o conflito se deu a partir da iniciativa de Eduardo. Ele se sentiu à vontade para falar e a professora acolheu sua demanda.

Destacamos, na entrevista com Eduardo, uma fala sobre como ele percebe o lugar de seu pai e sua avó, e como ele se projeta no futuro tendo como referência essas duas pessoas:

“Quando eu crescer eu vou ser uma pessoa de bom... boa pessoa, vou ser uma pessoa boa, cuidar do meu filho, tipo o meu pai cuida de mim e a minha avó. Aí eu vou ficar... tipo, tá aqui meu filho mexendo no celular, eu vou mandar ele fazer o dever, brincar, não ficar direto no celular porque meu pai tem as vezes que manda eu brincar, fazer a tarefa, porque tem hora que eu fico mexendo muito no celular. Aí eu penso muito se eu vou querer ter alguma coisa na vida, vou ficar morando com a minha avó, com o meu pai. Qualquer dia eu vou ir pro céu que nem minha avó vai, que nem meu vô vai, qualquer dia eu vou morar lá no céu, pensando como foi o meu dia, a minha vida. E o melhor de tudo é que eu vou pensar muito em mim e pensar muito no meu filho e na minha família. E também em Deus. Só isso.”

Dois pontos emergem nessa fala. O primeiro deles diz respeito a tomar o pai como referência de comportamento, de pessoa. O segundo ponto se refere a menção que faz do céu. Eduardo, de alguma forma, nesta fala sobre como quer ser quando crescer, remete aquilo que é, para ele, o destino final de todos nós: o céu.

3.3 Tristeza

Para dona Júlia, referindo-se ao período em que Eduardo estava na creche, relata não ter recebido nenhum tipo de reclamação sobre o comportamento, somente o fato da tristeza manifesta após o falecimento da mãe. Atualmente, quando percebe Eduardo triste, indaga-o sobre o motivo: “Quando ele está triste eu digo: O que é que você já tem, meu filho? ‘Saudade da minha mãe?’ Ela está lá no céu. Está com Deus. Você tá na terra. Você tem que fazer o que você gosta. Passear. Você tem que pegar um livro para estudar que é melhor.”

A relação com a professora adquiriu contornos de intimidade com o tempo, a ponto de Eduardo detalhar sobre a situação que sua mãe vivia e sobre seu sofrimento com a perda dela:

“O que ele soltou uma vez foi que... Tia, a minha mãe bebia muito [...]. Agora ele não contou detalhes, né? O que foi que aconteceu. Agora o que ele relata muito é que ele sente muita saudade dela. Que ele lembra muito dela. Que ele chora muito. Tem dia que ele fica triste. Lembrando dela. Ele chora. Sente a falta dela. Agora como

aconteceu. O que foi que aconteceu. Ele nunca relatou, não! Ontem ele soltou assim ela bebia muito e acabou morrendo. Mas não sei detalhes do que foi que aconteceu com ela, não. ”.

As falas de Eduardo sobre o sentimento de tristeza são inúmeras. São, por vezes, difíceis de ler pela intensidade da dor. Em uma dessas falas ele destaca a importância do brincar em sua vida e o choro como manifestação da tristeza:

“minha mãe morreu quando eu tinha quatro anos de idade. Eu morava com o meu pai, fui morar com minha avó. [...] mas eu gosto muito é de brincar, se divertir pra distrair minha cabeça porque tem as vezes que eu fico chorando por causa da minha mãe. Teve um dia que saiu sangue pelo meu nariz. Tem dia que eu choro tanto que eu não consigo nem sair pro meio da rua. Aí tem dias que eu fico pensando na vida, se eu não vou ser nada... vou ser alguma coisa. Aí quando eu começo a brincar eu já vou ficando mais calmo por causa que a minha cabeça é... coisada, ela... muito pensativa...”

Em outro momento, discorre sobre o modo como sua mãe lhe tratava. É de impressionar a clareza que Eduardo tem dos possíveis motivos que levaram ela a agir de determinados modos. De acordo com Eduardo:

“uma coisa que me faz chorar, que me faz... que me faz ficar muito triste. Eu estou segurando a lágrima. Que faz eu pensar na minha mãe. Uma coisa que faz eu pensar na minha mãe. Tem umas pessoas que eu perdi, só que eu não gostava muito. Só que a pessoa que eu mais gostava na vida era minha mãe. Minha mãe ela tinha algumas vezes que cuidava de mim, só que ela era muito... ela queria cuidar do jeito que ela foi cuidada na serra com... não, ela não teve muito amor, por isso que ela me cuidou do jeito que ela estava cuidando.”

Para Eduardo, parece que as pessoas, em especial sua mãe, reproduzem os comportamentos que outrora lhe foram ensinados através da convivência. Logo, se sua mãe não recebeu amor, ela não pode cuidar melhor de Eduardo. Fica o questionamento de como Eduardo chegou a esse entendimento, muito maduro para a sua idade e que favorece um olhar compreensivo para com sua mãe.

3.4 Sintoma

Alguns elementos são levantados por dona Júlia. Um deles se refere ao sono. Diz ela:

“Ele só tem muito pesadelo. Agora perto do pai dele, porque quando ele dormia comigo ele não tinha tanto pesadelo assim. Um dia eu estava na sala bem cedinho, só ouvi o estrondo. Perguntei: “O que é menino?” “Minha mãe, eu vi minha mãe”. É porque seu pai dorme no escuro. Comigo você não dorme no escuro.”

Pode-se considerar que os sonhos relacionados à mãe evidenciam o seu desejo inconsciente de tê-la consigo.

Outro aspecto relevante, de acordo com dona Júlia, diz respeito a fala de Eduardo sobre sua mãe. Para ela: “Ele não chora pela perda da mãe dele. Ele só chora quando alguém briga com ele. Alguém que não quer brincar com ele. Aí ele chora. Ele diz que está com saudade da mãe dele. Só isso.” Dona Júlia confere um significado muito prático ao sofrimento de Eduardo. Ela parece desconsiderar que são exatamente nos momentos de desamparo que nos remetemos às figuras que nos são estimadas e sinônimos de proteção.

Para Carla, Eduardo mostra a necessidade de falar sobre sua vida. De acordo com ela:

“ele quer ser ouvido. Ele quer tá contando o que ele sente, né? Uma maneira de desabafar. E em relação na sala ele é uma criança tranquila, mas ele sente a necessidade de estar falando da vida dele. Eu acho que até um pouco pra desabafar o que ele sente, né? Que eu não sei como é em casa. Como é o tratamento dele em casa. Se ele conversa alguma coisa com a avó.”

Nota-se que o ambiente escolar se mostra para Eduardo como um espaço de tematização da própria vida. Um espaço em que ele se utiliza para elaborar suas questões através da fala. O falar sobre a vida é um elemento importante que Eduardo se utiliza.

Em outro momento, sobre a fala, Carla relata:

“Ele veio até mim, tá entendendo? Eu falei. Ele sente a necessidade de tá falando, entendeu? Ele quer contar. Não sei se pra desabafar ou achando que a gente pode... Não sei. Eu sei que ele veio a mim e começou a contar. Tia, eu quero falar da minha vida para você. Eu quero contar da minha vida para você. Aí ele foi. Um dia ele dizia uma coisa. Outro dia ele dizia outra. Entendeu?”.

Para Carla, a aproximação afetiva de Eduardo se mostra também nos abraços:

“ele é uma criança que ele é carente. Ele quer tá abraçando a gente. É tanto que ele tá na cadeira, aí abraça. Vá meu amor para cadeira, aí ele vai. Daqui a pouco ele vem de novo. Oh, tia gosto tanto de você! A gente vê que o bichinho tem... Eu não sei se é só da parte materna, né? Ou se ele é assim mesmo com todo mundo.”.

Indagado sobre conseguir estudar estando triste, Eduardo afirma: “Consigo, mas só que fico com dor de cabeça.” Esse aspecto não foi mencionado por Carla, provavelmente por não ter conhecimento dessa condição de Eduardo. Fica evidente que o estudo das disciplinas fica comprometido quando do acometimento da tristeza.

No quesito concentração, perguntado se consegue prestar atenção na aula, Eduardo conta: “fico ouvindo vozes na minha cabeça”. Esse elemento da escuta de vozes não foi por mim esmiuçado na entrevista, pois percebi ser algo que denote uma atenção clínica. Contudo, decidi expor para relatar como a vivência do luto pode ser expressa neste caso. A literatura em psicologia aponta que esse sintoma pode aparecer quando se está com depressão.

3.5 Conflito

Carla considera dois aspectos sobre o conflito de Eduardo. O primeiro diz respeito a superação do luto da mãe:

“eu acho que, o que pega aí eu acho que é a questão como você falou: o luto da mãe, né? Que eu não sei se é recente esse caso. Não sei o tempo que aconteceu, né? Mas que as lembranças dele é muito forte da mãe. Também, não sei como era, né? A mãe protetora. A atenção que ela dava a ele, né? ”.

Carla enfatiza a intensidade da saudade que Eduardo demonstra sentir de sua mãe, expresso principalmente através da fala. O desconhecimento quanto ao tempo que esse fato ocorreu denota a não apropriação da docente quanto a fato ocorrido. Carla acolhe Eduardo nas suas angústias, mas não há um envolvimento em saber como se deu a perda da mãe.

O segundo conflito se refere aos ciúmes que Eduardo sente do pai:

“E eu vejo que ele tá tendo esse conflito porque ele tá sentindo ciúmes, né? Porque eu acho que ele pensa assim: eu que sou filho era para ele dar atenção, né? E ele deixa de dar atenção pra eu que sou filho dele e vai dar atenção para outras pessoas que não tem nada a ver, entendeu?”

O outro conflito referido por Carla refere-se a possibilidade de uma nova perda por parte de Eduardo: a da convivência com o pai. Dona Júlia também comenta essa situação e assim se refere ao conflito atual de Eduardo com relação ao pai: “Não se dá com as meninas porque a madrasta não deixa nem ele chegar perto. O pai dele é muito apegado com as meninas. Aí ele fica meio que com raiva. Eu digo: ‘Meu filho, é porque elas vivem lá. O que ele arruma é para elas. Você tá aqui. O que eu arrumo é pra você. Eu não sou aposentada, não, mas quando eu for, vou dar o melhor para você.’”

Dona Júlia tenta justificar o afeto que o pai de Eduardo nutre pelas filhas de sua companheira, colocando-se para Eduardo como alguém que está disposta a lhe tratar da melhor maneira possível. Desde o nascimento de Eduardo, dona Júlia foi a pessoa que sempre esteve

próximo a Eduardo, constituindo uma referência emocional, simbólica e afetiva que Eduardo possui e que lhe ajuda a lidar com os conflitos que vivencia.

O conflito de Eduardo se expressa no modo como ele projeta seu futuro. Eduardo toma a finitude como algo incontornável. Ao ser questionado sobre como acha que será os próximos anos, não enfatiza o trabalho que quer exercer ou as atividades que quer realizar. Ao invés disso, relata sentimentos negativos:

“eu acho que vai ser uma coisa bem ruim, tipo triste, chorando, pensando na vida, pensando no meu pai. Meu pai a qualquer hora vai partir, por causa que eu já tô ficando adolescente e vai ter um dia que todos nós vamos partir, nossos filhos vão deixar lembranças.”

A problemática da finitude acompanha Eduardo em seus momentos de tristeza e quando se projeta no futuro. Esse conflito tenta ser elaborado pela via da fala, no espaço escolar. A intensidade da tristeza fica evidente no foco que faz da morte.

3.6 Relação professora x aluno

No relato de Carla, Eduardo mostra-se uma criança muito afetuosa e que é carente de atenção. Ele expressa bastante sua afetividade através de abraços. Pode-se perceber que Carla exerce sobre Eduardo forte influência emocional tanto por causa de sua aparência quanto por permitir que se estabeleça um vínculo. A relação que Carla estabelece com a demanda afetiva de Eduardo se configura como contratransferência, exercida por Carla para com o modo como Eduardo transfere seu desejo de ter uma mãe.

“Pelo que eu entendi eu acho que quem fica com ele é a avó e em relação ao comportamento ele é uma criança bem tranquila. Não dá trabalho. Tá entendendo? E o Eduardo, ele é carinhoso. Quer tá toda hora assim abraçando, demonstrando, né? Carência e querendo ser notado pela gente. Aí ele dizia, tia você é a minha professora preferida, tia! Você se parece tanto com a minha mãe, tia! ”.

Essa admiração chega no ambiente doméstico a partir dos relatos de Eduardo. A relação estabelecida entre professora e aluno transborda os muros da escola e passa a integrar a vida da criança. De acordo com dona Júlia: “Ele fala só: ‘A minha professora é ótima. Parece com a minha mãe. Por isso que eu quero bem ela.’”

Eduardo, quando discorre sobre o modo como percebe e se relaciona com Carla, refere-se ao lugar que ele admite que Carla possa ocupar em sua vida. Há, em certa medida, o

deslocamento dos afetos em direção a figura docente. E essa transferência, ao mesmo tempo que consola Eduardo, o faz reviver a falta que sente.

“A tia de matemática ela me faz ficar feliz, ela... ela é tipo uma mãe pra mim por causa que ela quase parece com a minha mãe, aí eu choro, teve um dia que ficou tudo borrado na minha visão, quando eu olhei pro lado eu vi tipo a minha mãe, quando eu balancei a cabeça era só visão. A tia perguntou o que era, eu disse que não era nada.”

A todo instante, portanto, Eduardo e Carla se afetam. Enquanto Carla tenta lidar com o afeto que lhe é direcionado, Eduardo nutre intensamente a relação com sua professora por encontrar refúgio através da fala e da aparência de ter novamente sua mãe.

3.7 Relação família x escola

Dentre as três entrevistas que foram realizadas, conseguiu-se identificar a fala apenas de Carla como contribuição a esta categoria. A carência de elementos integra a análise, haja vista que fazem parte do conjunto do material coletado. De acordo com a professora, o envolvimento dos responsáveis por Eduardo na vida escolar é praticamente inexistente.

“Não tem. A tia vem buscar o filho dela e passa e leva ele. Aí quando a gente fala alguma coisa assim, em relação... Amanhã vai ter prova. Ele tá com dificuldade nisso. Alguém ajudar ele em casa. Ela diz: eu vou falar pra mãe. Então, ela não se sente responsável. Pelo que eu percebi, né? Ela (inaudível) passa e leva ele para casa.”

Carla parece não ter nenhuma referência da família de Eduardo no qual possa recorrer quando necessário. Essa fissura é demonstração do distanciamento familiar para com as demandas escolares. Faz-se necessário interrogar os motivos que levam a esse fato. Dos aspectos mencionados até o momento, a família de Eduardo parece não conceber a escola como instituição que contribui com o desenvolvimento integral da criança, sendo responsável eminentemente pelo aprendizado das matérias.

Essa consideração emerge enquanto justificativa, pois o falecimento da mãe de Eduardo, evento significativo da vida do discente, não foi compartilhado com a escola. Os fatores que levam a esse silenciamento não foram revelados. A causa do falecimento não foi exposta. O isolamento em torno das questões escolares é fato. É possível observar, contudo, que mesmo diante dessa falta de comunicação e participação familiar, a escola pode atuar junto a demanda apresentada pela criança.

3.8 Aprendizado

Eduardo apresenta dificuldade no seu processo de aprendizagem. De acordo com Carla, o discente não possui rendimento satisfatório nas disciplinas, mas está conseguindo aprender os conteúdos, a seu tempo. Um dos motivos que Carla elenca são os eventos familiares, que acabam por influenciar emocionalmente Eduardo. Essa compreensão dos possíveis fatores que afetam o desempenho escolar demonstra que Carla leva em consideração não apenas o conteúdo eminentemente cognitivo da aprendizagem, mas também elementos de ordem familiar, social e psicológica que possam estar interferindo nesse processo, aludindo a indissociabilidade entre cognição e afeto.

“Agora o aprendizado... Ele é mais lento, sabe? A aprendizagem dele ainda tá em processo. Acho que devido também a muitas coisas que ele tem vivido, né? Eu acho que às vezes também acaba afetando, né? Porque o emocional tá muito ligado, né? A gente tiver bem, emocionalmente, a gente... acho que o desempenho é melhor. Ele tá em processo. Tem coisas que ele consegue. Outras que ele é mais lento, entendeu?”.

Para Carla, estar emocionalmente bem é um fator relevante na consideração do aprendizado do discente. Nesse sentido, a docente pondera que os acontecimentos ocorridos com Eduardo podem vir a influenciar na dificuldade do aprendizado. A vivência do luto, enquanto principal motivo do sofrimento, assim como o novo relacionamento amoroso do pai, são fatores que podem estar a interferir nessa problemática. Dona Júlia relatou apenas como era no período da creche, anterior ao falecimento da mãe: “Ele aprendia. Sempre passava.”

O falecimento da mãe de Eduardo se deu quanto o mesmo tinha quatro anos de idade. Durante esse período ocorre o conflito inconsciente do Complexo de Édipo, estruturante da subjetividade do sujeito, em que o desejo da criança se direciona às figuras parentais. Para Holanda (1998), a criança pode vir a investir na sua aprendizagem quando da resolução do Complexo de Édipo, pois poderá canalizar sua libido para aprender. Nesse sentido, Eduardo ficou órfão em um período significativo do seu desenvolvimento infantil, tendo que lidar tanto com o falecimento de sua mãe, quanto com elementos de ordem psíquica.

3.9 Função da escola

Dona Júlia afirma que a função da escola está ligada a dar o apoio necessário para que Eduardo resolva seu conflito: “A função da escola é falar para ele que a mãe dele se foi. Não volta mais. Que ela está bem para poder amenizar a dor dele.” Parece que dona Júlia quer a

ajuda da escola para dar conta de um acontecimento familiar que reverbera na vida de seu neto. Ela interessa-se que Eduardo “entenda” que a mãe dele faleceu.

Quando indagada sobre como a escola pode contribuir para essa situação, dona Júlia não menciona o caráter pedagógico, próprio da instituição. A principal tarefa seria, portanto, auxiliar Eduardo no seu sofrimento, explicá-lo sobre a morte de uma das pessoas mais importantes de sua vida. De acordo com essa compreensão, explicações sobre o fenômeno da finitude teriam a capacidade de atenuar o sofrimento, como se a racionalidade diante da morte fosse a estratégia mais “eficiente” para lidar com ela.

Essa percepção racional parece, em certa medida, desconsiderar o caráter simbólico e afetivo constituinte da finitude. A tristeza de Eduardo, portanto, não adquire legitimidade diante da consideração de dona Júlia. A razão constitui um pilar necessário à compreensão do fenômeno da morte, mas não é possível desconsiderar o caráter afetivo presente na sua vivência.

Para Carla, o trabalho a ser feito pela escola já está sendo realizado. Contudo, a docente foca no trabalho realizado em sala de aula, não mencionando os demais atores escolares envolvidos nessa situação, tais como o trabalho da coordenação pedagógica e da orientação educacional. Questiona-se, a partir disso, se a docente não percebe como efetivo o apoio conferido pelas outras equipes:

“Eu acho que esse trabalho já tá bem encaminhado, né? Conversando. Quando dá eu converso com ele. Eu digo, reze, meu filho. Peça a Deus pra lhe dar força. Quando você estiver triste pense em coisas boas que você viveu pra espantar a tristeza. Aí ele: tá bom, tia! Eu vou fazer assim agora. (inaudível) Eu acho que ele quer ser ouvido. Eu não sei se alguém escutando e falando alguma coisa pra ele se sente mais confortável e ameniza mais um pouco, né? O que ele sente. Porque muitas pessoas quando têm alguma tristeza ela não sabe falar, né? E ele não. E ele já quer botar para fora. Não sei se essa maneira já é uma maneira de aliviar, né? Porque você falando, às vezes, você se sente mais... Eu acho que essa é a maneira que ele encontrou de amenizar o que ele sente porque ele quer falar para alguém. Ele quer ser ouvido, né?”.

Carla enfatiza a espiritualidade como elemento importante na elaboração da tristeza e exorta Eduardo a rezar e pensar em momentos de alegria, pois isso possibilitaria um afastar-se do sofrimento. Carla, portanto, estimula Eduardo a uma vivência que ela acredita ser importante e efetiva. Além disso, enfatiza que o aluno, diferentemente do que se costuma observar, deseja ser falar sobre sua demanda e Carla coloca-se como interlocutora diante dessa necessidade. Isso provoca a reflexão de quais outros alunos, quer se manifestem através da fala ou não, necessitam de atenção e momentos de escuta. Ter uma relação dialógica com os discentes parece ser um componente importante no acompanhamento do desenvolvimento cognitivo e afetivo dos mesmos.

3.10 Desenho da família

No desenho de Eduardo, realizado após o comando: desenhe sua família, é possível observar que, para o aluno, sua família é constituída por quatro pessoas. Pelo tamanho das figuras, intui-se que são um casal de adultos e duas crianças, que diz respeito aos pais, seu irmão e ao próprio Eduardo. A avó de Eduardo está ausente no desenho. Os integrantes da família parecem estar separados e Eduardo coloca-se próximo a sua mãe.

Como complemento da paisagem, Eduardo desenhou uma árvore, o planeta Terra e o Sol. Esses elementos no desenho, por si só, já causam estranhamento, pois excedem aquilo que foi proposto no comando inicial. Ademais, o Sol e a Terra adquirem traços humanos com feições que denotam raiva. A árvore possui apenas dois frutos. No desenho, de forma geral, é possível a identificação de todos os elementos.

As técnicas projetivas de desenho são corroboradas por estudos de validação e padronização, sendo métodos de avaliação construídos com base científica. Tal recurso auxilia na compreensão do modo de funcionamento psíquico do sujeito, sendo necessário que a interpretação dos elementos contidos no desenho tenha como base não apenas os registros contidos nos manuais.

O conhecimento da vida do sujeito é elemento significativo para a análise do desenho. O esforço de interpretação deve respeitar a especificidade de cada história de vida e, a partir do conhecimento adquirido dos acontecimentos da vida de Eduardo, o recurso do desenho é utilizado nesta pesquisa enquanto amplificador do diálogo para com a criança. De acordo com Souza (2011), os elementos contidos no desenho são produzidos com base na afetividade, operando como uma espécie de linguagem, ao proporcionar que o observador entre em contato com os afetos e percepções do autor do desenho. Nisso reside a importância tanto do desenho quanto do diálogo sobre o material produzido.

Algumas características quanto ao tamanho das figuras, traço, simetria e pressão ao desenhar são indicadores da condição emocional e possibilitam visualizar como o indivíduo percebe seu lugar no seio familiar. No desenho feito por Eduardo, o tamanho normal das figuras denota inteligência e equilíbrio emocional. O traço mostra-se contínuo e forte, diferente do que ocorre em indivíduos deprimidos, em que o traço do desenho é leve. (Campos, 2014)

A partir do que foi relatado da vida de Eduardo, a indicação de equilíbrio emocional e ausência da patologia depressiva faz sentido porque Eduardo concebe sua família de forma idealizada, tal como mostra o desenho. Esse modo de perceber e dar significado a sua família lhe possibilita uma organização mental. A família mantém-se unida e todos estão felizes.

Mesmo demonstrando consciência sobre os acontecimentos de sua vida, em meio ao sofrimento do luto, acarretado pela saudade da mãe, e a convivência com o pai, que se divide com a família da atual companheira, a imagem que guarda de sua família atenua a dor que sente, assim como lhe possibilita investir em outras áreas, como a escola.

Em uma análise que desconsiderasse os acontecimentos da vida do sujeito, não seria possível conceber, partindo somente do desenho, que Eduardo é órfão de mãe. A presença da mãe, tal como está no desenho, não releva a difícil condição de luto que está vivenciando. A mãe não aparece no céu, como ele outrora afirmara, mas junto a ele. A ausência da avó no desenho enfatiza o interesse pelo distanciamento da realidade, em contraposição ao sentido idealizado que ele confere, importante para sua organização mental.

Optou-se por apresentar de maneira literal a conversa que houve entre pesquisador e aluno acerca do desenho da família. Nela será possível observar que o desenho é ferramenta capaz de indicar a existência de conflito. Eduardo desenha sua falecida mãe, mas não desenha sua avó, com quem vive atualmente.

Lucas - Eduardo, me explique o seu desenho.

Eduardo - Aqui é minha mãe. Só que não deu muito certo porque eu não sei desenhar muito bem. Desenho no olho assim. Aí, aqui é meu pai, aqui meu irmão, aqui eu.

Lucas - Eu notei que seu pai e sua mãe estão com trajes, roupas escuras.

Eduardo - É porque eu tentei fazer a roupa do Flamengo.

Lucas - Ah! Tentou fazer a roupa do Flamengo. Na sua mãe também.

Eduardo - Aqui (inaudível) eu tentei desenhar é... a blusa do Brasil.

Lucas - Porque você colocou sua mãe e seu pai nas extremidades e você e seu irmão no meio?

Eduardo - Porque eu tentei fazer ele segurando a minha mão e a do meu irmão, mas não deu certo.

Lucas - E sua mãe, pelo que eu estou vendo aqui, está sorrindo.

Eduardo - Tentei colocar ela sorrindo. Ia colocar um sorvete, mas eu esqueci.

Lucas - Ela está sorrindo. Seu pai está sorrindo. Você e seu irmão também.

Eduardo - É porque a gente está se divertindo. Todo mundo.

Lucas - E essa árvore, esse mundo e esse sol?

Eduardo - É tipo a gente em uma paisagem, porque eu não consigo fazer direito. Meu irmão sabe desenhar mais do que eu.

Lucas - Certo. Beleza. Então essa é a sua família.

Eduardo - Minha avó é a que me dá mais atenção.

Lucas - E porque não colocou ela no desenho?

Eduardo - Me esqueci. E também era minha família, né?

Lucas - Mas não tem problema.

Eduardo - Fiz só o desenho.

Lucas - Pronto, beleza!

Figura 1 – Desenho da família do aluno Eduardo



Fonte: arquivo de pesquisa

3.11 Significados e percepções

As entrevistas revelam fatos e desvelam significados. Estes são a maneira como cada participante percebe e confere sentido aos eventos que lhe perpassam. Ao analisar os sentidos conferidos pelos participantes neste caso, quatro pontos merecem destaque, são eles: luto, importância do brincar, figura docente mais tradicional e desejo de pertencimento familiar.

A vivência do luto em Eduardo é clara. É possível que passasse despercebido em caso de uma observação despreziosa em sala de aula, em que não houvesse interação dialógica. Contudo, as falas das entrevistadas e da própria criança evidenciam que esse luto é experienciado de maneira bastante acentuada e que se manifesta através do choro e da saudade da mãe, além dos pensamentos sobre a finitude.

O conteúdo da tristeza de Eduardo emerge no ambiente escolar através das falas sobre sua vida, que direciona à professora. É possível observar que esta, além de se mostrar fisicamente parecida com a mãe de Eduardo, segundo o olhar do mesmo, cria uma vinculação para com seus alunos, o que permite que eles se sintam à vontade para lhe remeter assuntos não só do meio escolar, mas de suas próprias vidas. Esse comportamento de Eduardo direcionado à professora também mostra que ele utiliza bastante o recurso da fala como maneira de compartilhar aquilo que viveu, apesar da pouca idade, assim como para encontrar amparo no ouvinte, pois parece não ter muito acolhimento no seio familiar, em que essas manifestações são compreendidas como sem justificativa. A fala, assim como o choro, são vias muito utilizadas por Eduardo para lidar com sua tristeza.

É mister enfatizar que Eduardo não se diferencia dos demais colegas de classe quanto à frequência, nem ao desempenho escolar, apesar de seu processo de aprendizado mostrar-se um pouco mais lento comparado aos demais. Além disso, tomando como base os critérios que nortearam a escolha dos participantes deste estudo, Eduardo aparentemente não preencheria de maneira satisfatória os elementos em um estudo sobre a tristeza, por se mostrar um aluno com comportamentos dentro do padrão. Nesse caso, só se pode saber da sua condição de órfão de mãe e da vivência do luto através daquilo que ele fala, pois a participação familiar se mostra fragilizada quanto ao compartilhamento dessas informações. Depreende-se, a partir disso, a importância de o docente conhecer a história de vida de seus alunos, a fim de entender de maneira mais ampla os processos que podem vir a interferir no pleno desenvolvimento do infante. Para Holanda (2016), Santos defende a importância de o educador conhecer como se deu o desenvolvimento físico, motor e afetivo da criança.

João dos Santos defende que não basta o professor apenas gostar da criança. O professor deve conhecer o processo de desenvolvimento da criança, tanto do ponto de vista cognitivo e afetivo como psicomotor. Ele tem ainda que saber respeitar o seu ritmo, diferente em cada caso. (p. 74) *Pedagogia Terapêutica*)

A maneira como Eduardo compreende as situações a que foi submetido por sua mãe, ratificadas tanto pela criança quanto pela sua avó, chama atenção pela maturidade do pensamento. Normalmente, quando uma criança sofre maus tratos por parte de seus pais, a tendência é ela direcionar a culpa para si mesma, na tentativa de não perder o vínculo com tais figuras, algo que não ocorre neste caso.

A imagem que Eduardo guarda de sua mãe, em seu conteúdo, não vislumbra fantasias de uma mãe com comportamentos e afetos que só ele consegue perceber. Pelas falas de Eduardo, pode-se considerar que ele tem consciência das atitudes de sua mãe, que envolvem desde o descuido ao abandono material e afetivo. Contudo, ele organiza seus pensamentos atribuindo significado à figura que ela representa em sua vida: a maternidade. Parece que, para Eduardo, as práticas de sua mãe não lhe deslegitimam a ocupar a função de mãe, pois sua compreensão repousa no entendimento que ela só pode dar aquilo que recebeu da vida. Chega a ser espantoso tal entendimento proferido por uma criança de nove anos, que perdeu a mãe aos quatro anos de idade. Não é possível saber ao certo como se realizou tal elaboração. Contudo, isso demonstra a capacidade de maturidade que uma criança pode ter. Santos, no programa intitulado ‘Fazer xixi na cama’, ao explicar o título dos seus programas de rádio, discorre sobre o elo constitutivo da criança com sua mãe.

A pessoa perguntar-se ‘a minha mãe quem é?’ tem sempre aquela conotação de nós nos interrogarmos sobre o que nós somos na origem, na base, no princípio de tudo, porque evidentemente nós tivemos desde o princípio um pai, uma mãe e irmãos, e avós e outras pessoas a volta, mas de fato a personagem privilegiada e importante no início da vida, a relação que se estabeleceu antes demais, foi com a mãe já dentro da barriga da mãe. (programa 38)

Apesar desse entendimento maduro, Eduardo volta-se, por vezes, a pensamentos sobre a finitude quando reflete sobre a própria vida e, também, ao projetar seu futuro. Ele remete à vida no céu tanto na fala quanto no desenho. Esse aspecto da sua experiência com o luto parece denotar maior cuidado em termos de saúde mental, por conter elementos que engendram certo risco.

Um fator bastante importante na vida de Eduardo diz respeito ao brincar. A brincadeira é utilizada pelo aluno como uma estratégia para fugir da tristeza, assim como para socialização com os amigos. O efeito do brincar adquire dimensões, portanto, nos aspectos existencial e relacional.

Por mais que o sentimento da tristeza não seja um imperativo na vida de Eduardo, ou seja, por mais que a tristeza não lhe acometa de maneira contínua e prolongada, quando ela se faz presente vem de maneira intensa e o brincar proporciona um distanciar-se da magnitude desse sentimento. O brincar parece ter influência na ampliação da capilaridade relacional de Eduardo para com seus pares, além de uma maneira saudável de lidar com a tristeza. Sobre a importância de um ambiente escolar alegre e divertido, que proporcione brincadeiras e momentos lúdicos, Santos faz referência a Casa da Praia, um centro de pedagogia experimental que recebia crianças com dificuldade de aprendizado, no contraturno escolar.

À referência ao ambiente festivo da Casa da Praia, somos forçados a explicar em que é que ele consiste e qual o significado terapêutico. De fato, não procuramos o ambiente festivo como objetivo, ele surgiu como explicação da melhoria geral que observamos em todas as crianças e da conclusão óbvia de que as festas são antidepressivas. (Santos)

A relação de Carla para com seus alunos, à maneira como ela expõe e tomando como referência este caso especificamente, remete a uma performance docente mais tradicional, direcionada prioritariamente à transmissão do conhecimento. Percebe-se um movimento vertical na relação com os discentes. Sobre o caso em questão, a interação deu-se início por Eduardo, que obteve acolhimento da professora na sua demanda. Contudo, não houve uma maior proximidade de Carla para com o que Eduardo lhe trazia. Parece que o maior efeito dessa relação diz de uma compreensão ampliada da educadora do modo de estar de Eduardo em sala de aula e do seu processo de aquisição de conhecimento.

O interesse da docente parece estar restrito àquilo que Eduardo lhe contava. Esse movimento, por si só, não possibilita que se julgue errada a maneira como a docente lidou com a situação, pois há de se ter consciência que assim como os alunos chegam à escola com suas trajetórias de vida recheadas de momentos felizes e tristes, o mesmo ocorre com os professores. Dar o apoio necessário em alguns casos pode exigir demais de uma pessoa, uma energia que ela pode não dispor no momento. Além disso, houve acolhimento e Eduardo ratifica a boa relação que tem com sua professora e com o ambiente escolar. Sobre essa relação professora-aluno, Cavalcante (2013) refere-se a importância que João dos Santos confere ao conhecimento acerca da subjetividade do aluno:

[...] a nova teoria proposta por Santos contempla o paradigma da interdisciplinaridade, possibilitando aos psiquiatras e psicólogos repensarem a sua prática profissional. Isso significa ter que levar em conta, não apenas os aspectos instrumentais da educação, mas, também enfatizar, como a subjetividade do aprendiz se processa. Assim a relação médico-paciente, psicólogo-paciente ou professor-aluno poderá ser trabalhada e

construída, segundo ele, a partir do aprofundamento de temas que venham a esclarecer as possíveis limitações ou erros da ação educativa. (2013, p. 163)

Por fim, parece evidente que Eduardo deseja pertencer a uma família. Esse desejo pode ser compreendido por pelo menos duas maneiras: Eduardo pode não se sentir pertencente a sua própria família ou Eduardo ainda não aceitou que a família que um dia teve não existe mais. É possível, também, que essas duas formas de compreensão coexistam na percepção de Eduardo. Esse desejo é expresso no desenho da família, no qual desenha seus pais e seu irmão, sem mencionar a sua avó. Família parece remontar, para Eduardo, a essa lógica nuclear, com as figuras parentais, apesar de ter vivido boa parte da vida com sua avó. Ademais, a atual situação que seu pai está inserido, de início de uma nova relação amorosa, coloca Eduardo novamente na posição de uma possível perda de um ente querido, simbolicamente.

4 RUPTURAS FAMILIARES E SAÚDE MENTAL: REVERBERAÇÕES NO CONTEXTO ESCOLAR

Este capítulo, à exemplo do capítulo anterior, tematiza as falas dos participantes a partir das nove categorias analíticas que emergiram da análise do material transcrito, a saber: sociabilidade, afetividade, tristeza, sintoma, conflito, cognição, relação professora x aluno, relação família x escola e função da escola, tendo como base as entrevistas realizadas com a aluna Olívia, sua responsável e sua professora.

A separação dos pais é o grande mobilizador do sofrimento de Olívia. A instituição escolar, na figura da professora da discente, veio estabelecer uma relação de confiança com a criança, através de conversas e estímulo à participação nas atividades. Olívia convive com o conflito familiar, com todas as dificuldades de ordem psicológica engendradas pela situação, e encontra amparo na escola.

O Teste do desenho da família, ao final, dará subsídios para a compreensão da maneira como Olívia dá significado à constituição de sua família. É possível observar traços que chamam atenção, como o formato feminino das roupas, mesmo nas figuras masculinas, assim como a distância entre os membros da família.

4.1 Sociabilidade

Ana está como professora de Olívia a partir desse ano. Não tinha nenhum conhecimento prévio dos seus comportamentos. Descreve assim as primeiras percepções que teve da aluna: “A Olívia, desde o início do ano que eu vinha observando, é uma menina “na dela”, muito calada, não se relaciona muito com os amigos da sala de aula, ficava muito sem se comunicar, até mesmo comigo era difícil, né.” A falta de interação da aluna foi uma marca importante para que a professora percebesse que algo diferente se passava.

Ana continua: “Eu só notava ela muito triste, aquela menina muito calada, olhava assim com aquele olhar e aí aquilo vem me preocupando e eu quis saber o porquê. Foi que ela veio falar comigo com relação a separação.”; “Nem pro recreio quer ir”. As percepções do olhar e do falar são mais do que aspectos demonstrados pela aluna e passam a ser vetores a partir do momento que a professora lhe confere significado. Importa dizer que, mais do que descrever ou saber das características dos discentes, importa mais o que o docente faz com isso a partir das ferramentas que dispõe.

Essas falas demonstram o interesse da professora por entender o que se passava com sua aluna. Para quem tem que instruir mais de vinte e cinco alunos ao mesmo tempo, como é o caso da docente, lançar esse olhar cuidadoso para com a aluna denota uma atividade pedagógica regida pelo afeto. Nessa aproximação e mútua afetação a aluna pôde comunicar seu desagravo. O afeto prevaleceu no estabelecimento da confiança de Olívia para com sua professora, mais do que o tempo decorrido. A disposição, assim como o incômodo em visualizar a aluna naquele estado, movimentaram a professora em sua busca por entender os motivos daqueles comportamentos.

Para Olívia, quando indagada sobre suas amizades, relata: “Tem gente que conversa comigo, mas quando chega o amigo deles, eles não conversam mais comigo.” Há certa passividade em querer e esperar que o outro fique com ela. Essa falta de reconhecimento de laços afetivos no ambiente escolar pode ser um fator a contribuir para sua inibição e faltas, como posteriormente se mostrará. É perceptível um fechamento para o mundo, em que mesmo aspectos de grande interesse coletivo dos alunos, como o recreio, não se faz nutritivo para as demandas da aluna. Esse é o modo como ela se apresenta na escola em meio aos conflitos que tem que lidar. É importante reforçar que, diante das mesmas variáveis, outra criança pudesse apresentar comportamentos diferentes. Por isso que o aprendizado do estudo de caso não se pretende generalista, mas vem a reforçar o modo de se perceber as problemáticas.

O comportamento típico de Olívia, portanto, pode ser descrito por essa fala de Ana: “Ela é “na dela” todo tempo, o tempo todo, o tempo todo. Eu já a mudei de lugar um dia desses, coloquei ela no meio da sala perto de alguém pra ver se ela, né... Ela ficou “na dela” lá e lá ela ficou”. Porém, com o passar do tempo e de maneira muito paulatina, foi possível para Ana reconhecer pequenas mudanças no comportamento de Olívia: “hoje eu já a vejo já mais... querendo participar, eu já vejo um pouco de interesse em querer aprender. Mas, assim mesmo de convivência, não. Ela é “na dela” o tempo todo.” Parece que houve uma melhora no interesse das matérias, fruto provavelmente do afeto nutrido pela professora.

4.2 Afetividade

Elisabete presenciou duas formas de afeto da filha. Quando ainda mantinha relação com o companheiro relata sobre a relação entre Olívia e os pais: “normal é tipo mãe e filha, né, a gente brinca, conversa, faz palhaçada e tudo. Agora com o pai, quando eu estava presente, também era até mais afetuosa, muito apegada, né. Ele demonstrava muito carinho por ela, atenção. Era assim no tempo que a gente estava junto.” Levando em consideração que a

separação se deu quando a criança tinha seis anos, é possível perceber que antes disso o apego ao pai era bastante forte, manifestação do complexo de Édipo. De acordo com a teoria psicanalítica e nos estudos corroborados por Holanda (1998), a criança está madura psiquicamente para aprender e estar na escola quando da resolução da problemática intrapsíquica entre ela e seus pais, um componente universal, vivenciado por todas as pessoas. A separação dos pais parece ter se dado no momento de vivência desse conflito, não favorecendo a sua resolução.

Em uma observação mais direta, Elisabete relata: “ela é do tipo de criança que se apega, ela se apega. Quando ela gosta, ela se apega.”. Essa frase foi proferida em um momento da entrevista em que se falava sobre a falta de amigos na escola. E mais uma vez remonta a questão da passividade de Olívia frente aos seus colegas de classe, ao mesmo tempo que faz pensar do receio que pode haver em se afetar e depois ser abandonada ou ser separada.

Para a professora de Olívia:

“a mãe dela sentiu que está melhor porque ela está vindo que está vindo todos os dias. Até no dia que eu fiquei de atestado, na sexta-feira, ela não veio, porque ela disse que não vinha, porque eu não estava aqui, ela não vinha. Mas eu noto ela mais feliz, eu estou notando ela mais assim, sabe? Mais ainda muito triste, ainda. Uma tristeza muito grande.”

A frequência mais acentuada reflete o crescente interesse que, muito provavelmente, se direciona a professora. Um exemplo disso está aparente quando a aluna não quis ir à escola quando soube da falta de sua docente. Há um fortalecimento da relação entre professora e aluna. Nisso se demonstra o quanto a afetividade está inserida no processo de aprendizado.

4.3 Tristeza

Essa categoria é bastante significativa para a pesquisa. Poderemos visualizar as percepções dos participantes sobre a tristeza da infante. Para sua professora o motivo da tristeza de Olívia reside na separação dos pais: “ela disse que a tristeza dela é muito grande por causa da separação dos pais que ela não queria”.

Para Elisabete, o motivo da tristeza da filha tem um núcleo, que diz respeito aos pais, mas também se manifesta por outro fator, de cunho escolar. Sobre a experiência em que presenciou forte sentimento de tristeza da filha, Elisabete relata: “O pai falou que ia se matar na frente dela. Onde eu vi minha filha mesmo... com uma tristeza profunda.”. Fica evidente que a maneira como o pai de Olívia reagiu a separação acabou por influenciar negativamente o comportamento dos filhos.

Ainda de acordo com Elisabete: “às vezes eu procuro ela, ela está dentro do quarto, está deitada, coberta. E eu: ‘Olívia, o que é que está acontecendo? Fala pra mim, o que é que aconteceu?’ Ah, outra coisa que ela fica triste, quando não tira cem por cento. Ela chega a chorar.”. Nesse trecho pode-se visualizar que o retraimento e isolamento são maneiras utilizadas por Olívia para lidar com a tristeza. Também é perceptível o incremento de um elemento novo que se coloca na análise da tristeza de Olívia e diz respeito a quantidade de acertos nas provas. Parece que, mais do que tirar uma boa nota, os alunos são sempre estimulados a tirarem ‘cem por cento’, expressão muito comum no universo escolar da escola.

Por fim, ainda na perspectiva da mãe: “e outra coisa que ela fala também, que não tem amigos.”; “Antes ela falava que não queria mais estudar porque não tinha amigo, não ficava com ninguém na hora do recreio.” Nisso se coloca a importância que a criança dá ao relacionamento com seus pares.

Quando se pediu para a aluna falar da sua própria tristeza, relata: “é quando o meu pai ameaça a minha mãe, fica brigando com ela. Só isso que é tristeza.”. Evidencia-se, aqui, que para a criança mais do que a separação, como mencionado anteriormente, é a ameaça e as discussões de um para com o outro que lhe afligem. Sua fala, “só isso que é tristeza”, parece denotar haver uma imagem da tristeza que ela carrega dentro de si. Sobre as notas e se isso seria motivo de tristeza, Olívia afirma: “porque quase todo mundo tirou dez, aí eu tirei sete. Aí eu fiquei triste.”.

4.4 Sintoma

Esta categoria expressará, através das falas dos participantes, o modo como Olívia reage a tristeza. A começar por sua professora, para Ana: “Ela não tinha motivação, ela não tinha ânimo pra nada. Ela não fazia a tarefa de casa porque ela disse que não fazia. Ela custava a terminar a tarefa. Ela ficava desanimada, ficava com dor de cabeça. Ela inventava qualquer tipo de doença. Mas ela não fazia quase nada”. Além da falta de interação, a desmotivação pelas matérias escolares é bastante perceptível.

Em outra fala: “ela ficava ‘na dela’ e ela ia mais pra casa do que ficava aqui porque inventava uma dor de cabeça... eu não sei se ela inventava. Ela dizia que estava com dor de cabeça, pedia pra ligar pra mãe. Uma dor de barriga, pedia pra ligar pra mãe. E ela todo tempo assim, calada.”. A dor de barriga manifestada por Olívia aparece duas vezes no discurso da professora.

Para Elisabete, quando Olívia está triste: “não come e chega a ter febre emocional.”. Sobre a infrequência de Olívia, que também se faz sintoma, Elisabete relata: “É frequente porque, como eu lhe falei, é sempre a mesma coisa: ‘Ah, eu não tenho amiga’, ‘Na hora do recreio eu não fico com ninguém’, ‘hoje eu não fui boa, não fui cem por cento’, ‘ah, mãe, eu não quero ir pra escola’”. A falta de interação é uma questão importante que Olívia levanta para justificar a sua mãe a não ida para a escola.

Outro sintoma importante relatado pela mãe diz respeito a mudança de comportamento de Olívia quando vê o pai:

“A revolta dela comigo é sempre quando ela está com o pai, que ela chega revoltada. Eu não sei o que ele fala pra ela, mas ela sempre chega revoltada comigo. Ela chega a gritar, coisa que ela não faz. Ela chega a responder. E eu: o que é que aconteceu, seu pai falou o quê pra você pra você estar revoltada comigo? Porque eu só quero seu bem, lhe trato com tanto carinho, tanto amor, e eu não estou entendendo essa sua revolta comigo”.

Essa “revolta” elencada pela mãe quando Olívia vê seu pai descrevem uma reação desproporcional e instável por parte de Olívia, uma reação frente a desordem afetiva.

Para a própria criança:

“eu me sinto sozinha, fico chorando, não quero ficar perto de ninguém, quero ficar no meu lugar só. Aí às vezes eu peço o celular pra eu jogar pra ver se eu me alegro com a minha prima, pra gente jogar juntas. Aí eu tento fazer isso só pra mim tirar o que eu tô pensando de tristeza.”.

A solidão parece ser um refúgio das problemáticas vividas. É um afastar-se do que ocorre, vivenciar sozinha a tristeza, sem que ela seja amplificada pela presença de um dos pais. Essa forma de reagir à tristeza chama atenção.

Por fim, é mister destacar uma fala de Olívia sobre o estar em sala de aula: “fico pensando no que aconteceu, aí eu não consigo me concentrar muito na aula com o que está na minha cabeça.” A relação conflituosa dos pais desemboca totalmente, nesse caso, no modo de ser e estar de Olívia. Fica o questionamento: como os professores percebem a falta de concentração de seus alunos?

4.5 Conflito

Na compreensão de Ana sobre o conflito de Olívia: “ela estava muito triste por causa da separação. E era muita desavença, muita tristeza e ela gostava demais do pai dela e ela achava

que o pai dela ia deixar de ser pai porque eles tinham se separado.” Para sua professora, essa é a forma na qual Olívia vivencia seu conflito. Há, por parte de Olívia, a compreensão de que será abandonada ou que a causa da separação seja por causa da mãe, haja vista o pai querer reatar o relacionamento.

Para amplificar o conflito vivido por Olívia, de acordo com Ana, o conflito se instaura na: “separação, do pai brigar com a mãe. O pai ameaça a mãe. O pai acha que a mãe arranjou outro namorado e não quer de jeito nenhum.”. Não há como não mencionar os traços do patriarcado que relegam a mulher à condição de subserviente perante o esposo, na percepção deste, ao mesmo tempo que não aceita que a mulher se posicione e defenda seus próprios interesses.

Elisabete conta o momento exato do rompimento e como ele se deu:

“foi quando eu estava internada e eu estava suspeitando... internada e suspeitando. Suspeitava dele com outra pessoa. Aí quando eu recebi alta ele foi e abriu o jogo. Aí desandou-se tudo, porque eu operada, assim, fragilizada. Uma pessoa operada é o mesmo que estar de resguardo, né. Então aquilo me abalou muito. Aí pronto, desandou-se tudo.”

Para Elisabete, no início Olívia não conseguiu compreender bem o que se passava e pedia para a mãe voltar com o pai:

“no início ela não queria aceitar o pai dela com outra pessoa, né. Não queria de jeito nenhum. Até chorava, pedia pra mim voltar pro pai dela, mas eu conversava com ela que não dava mais certo, o pai dela tinha outra companheira e ela tinha que aceitar. Então era assim... quando foi pro fim ele já tinha era outra, passava a semana na casa de uma, quando pensava que não, ele passava a semana na casa de outra.”

Isso demonstra a pouca maturidade de Olívia na compreensão da situação vivenciada pelos pais, assim como revela que a separação foi escancarada de modo muito agressivo para Olívia, não conseguindo entender a maneira como se deu aquele rompimento. A sua necessidade era de manter os pais unidos, algo que sua mãe considerava não mais realizável.

Em momento de maior emoção na entrevista, ao ser questionada sobre como lidava com tantos conflitos e desentendimentos, Elisabete responde:

“sinceramente, tem horas que eu não sei o que fazer. Por muitas vezes eu pensei assim... em desistir ou abandonar, sabe? Assim, pra mim, meus filhos estavam bem com o pai, né. Tipo assim... comentei isso com a minha mãe, se eu saísse de cena, seria melhor para os meus filhos? Eu acho que com o pai eles seriam melhor do que comigo. Por muitas vezes eu pensei isso, em desistir.”

Essa fala escancara a real condição da mulher que, com pouco amparo, tem que resolver conflitos gerados e mantidos muitas vezes pelo companheiro.

Olívia, guardando a ternura da infância, foi sendo obrigada a amadurecer sobre essas questões e teceu essas considerações sobre o conflito que estava vivenciando dentro de si: “fiquei chateada, muito chateada. Por isso que eu gostava, que eles... a gente brincava. Era legal. Mas agora eu entendo. Ele fez o mal, mas não deixa minha mãe seguir a vida.”.

As memórias das discussões seguem vivas. Diante de mais uma discussão, Olívia recorda:

“aí eu não me lembro como foi que terminou, aí a gente foi pra minha avó, pra minha avó, e minha mãe já estava lá. Aí a gente teve que dormir na minha avó porque a gente estava com medo do meu pai fazer alguma coisa com a gente lá, fazer alguma coisa com a minha mãe ou com a gente lá em casa.”

Memórias difíceis de esquecer. Como ter uma vida seguindo todos os protocolos de boa aluna diante de tal tragédia familiar?

4.6 Relação professora x aluna

Essa categoria vem a mostrar, na óptica da professora, como se dava a interação dela com sua aluna. Das maneiras que tentava acessar Olívia, Ana relata: “eu conversando com ela, todo dia eu chegava, ficava conversando, e ela relatava várias situações de tristeza, tristeza, tristeza. Mas aí depois ela foi melhorando, melhorando, conversando e eu estou notando que ela está melhor.”. Esse ponto é significativo porque demonstra a importância tanto do afeto quanto de como a fala pode ser uma ferramenta potente de elaboração dos conflitos, mesmo para uma criança.

Em outra estratégia de acesso a aluna, Ana considerou a possibilidade de fazer um acordo:

“Como ela faltava muito, ela inventava uma história todo dia pra mãe dela com dor, não sei o quê, que sentia isso, aquilo outro, e aí eu fui conversar com ela e fiz um acordo com ela pra ela vir todos os dias pra escola, tentei abrir os olhos dela com relação a isso da falta, né, e que ela estaria muito melhor na sala de aula do que em casa vendo as coisas e sentindo tristeza. E que aí eu disse a ela que quando passasse a avaliação externa eu deixaria ela em casa, mas até lá ela teria que me prometer de vir todos os dias pra estudar, pra melhorar e tudo. Realmente está sendo bom.”

Há ganhos diretos para ambas as partes, mas é de saltar os olhos a sensibilidade da professora em atribuir responsabilidade para aluna, assim como a estimular sua ida a escola através do acordo. Ana continua:

“eu acredito que tenha sido, né, porque eu fiz um acordo com ela e esse acordo está prevalecendo até hoje. Ela está vindo todos os dias. Quando passar a avaliação eu disse a ela que deixaria ela em casa. Se ela quisesse voltar ela voltava, se não, ficava o restante do mês de junho em casa. E eu acho que seja por isso. Conversando todo tempo com ela, perguntando como é que ela está, se as coisas estão melhores”.

Essa relação de afeto entre Olívia e sua professora parece ter desenvolvido o interesse pela escola a uma maior autonomia pessoal. Contudo, é nítido que o desafio se faz diário e os ganhos podem ocorrer de maneira muito gradual. Em uma fala mais aberta, Ana afirma:

“Eu olho, tem dias que o mundo parece que tem acabado na cabecinha dela. E hoje, na hora da saída, quando eu pensei que não tinha aquela pessoa atrás de mim, me deu um abraço, quando eu olhei, não era ela?! Que ela nunca tinha feito isso. Acho que ela sentiu minha falta na sala, eu acho..”.

São os demonstrativos de mudança. Novos olhares e novos comportamentos. O interesse da professora, o processo de fala da aluna e tantos outros eventos cotidianos vão favorecendo uma presença mais envolta em paz de Olívia. Uma paz que é interior, pois os conflitos externos continuam a esporadicamente ocorrer.

4.7 Relação família x escola

A fala a ser proferida pela professora diz do seu lugar, de docente que teve o primeiro contato com a aluna nesse ano. Posso afirmar que o caso da aluna já era conhecido pela coordenação pedagógica. Contudo, vale ressaltar o peso da fala de Ana sobre a comunicação com o ambiente doméstico na pessoa da responsável pela criança, sua mãe: “Quem falava comigo era a avó. A avó vinha e me relatava porque eu soube das informações por ela, pela Olívia, e depois pela avó. A avó, muito preocupada, porque via essa menina muito triste, né, e tinha medo até de alguma coisa. Mas a mãe mesmo, não.”.

Para Elisabete, o apoio que recebeu da escola foi e está sendo de grande valia:

“no começo eu sofri que só porque ela, com pena dele, não queria ficar na escola, era só chorando. E quando ele me vê saindo ele diz pros meninos que eu tô saindo pra me prostituir. Aí se vê eu arrumada diz que vai me matar, não sei o quê, não sei o quê. Aí ela fica logo com medo, quer ficar comigo. Agora não, que eu tô conversando com ela, com o apoio da escola, ela melhorou bastante”.

Como reagir frente a ameaças? Como significar um comportamento tão agressivo vindo do próprio pai de quem se nutre grande afeto? São questões sem resposta, pois não se situam no campo da teoria. Os conflitos vão se resolvendo internamente e pela linguagem temos o contato de apenas um viés dessa resolução.

4.8 Aprendizado

Com relação a cognição, fica claro perceber que os processos psicológicos ligados a capacidade de aprender estão em conformidade com o esperado para a idade. O que ocorre é que, em momentos de sofrimento, eles são afetados. Sobre como está se dando o aprendizado, Ana comenta: “estava muito baixo, mas está melhorando. Pequeninho, mas está, eu percebo. Eu vejo o interesse dela mais, ela já se anima quando tira uma nota melhorzinha. Não é uma nota muito boa não, é uma nota mais ou menos.”

A percepção de Elisabete sobre isso é mais fatídica ao afirmar: “ela cai muito... nas notas, percebo nas notas, assim, nas tarefas ela... ela é assim, uma criança que aprende rápido, mas quando ela está triste ela: ‘eu não sei isso, não sei aquilo...’ Isso eu noto. Assim, afeta os estudos, sempre os estudos”.

Depreende-se, a partir dessa consideração, que o rendimento escolar pode ser afetado sobremaneira quando da existência de um conflito. Há de se avaliar a magnitude do conflito e como a escola pode contribuir para que as reações negativas sejam minimizadas.

4.9 Função da escola

De acordo com Ana:

“o meu papel eu estou tentando fazer. A coordenadora, né, acho que ela devia... eu acredito que ela já fez, já chamou a mãe, já conversou com a mãe pra tentar ajudar, de que maneira poderia ajudar e fazer alguma coisa pra ela poder melhorar e você como orientador, né, pra conversar com ela pra fazer um trabalho pra ver se ela melhora e ela sai dessa tristeza dela que eu ainda vejo ainda... triste.”

Já para Elisabete:

“a minha opinião é que... não precisou nem eu pensar muito não porque a escola até já sentiu o problema dela. Eu não sei nem o que dizer porque o apoio que eu tive aqui,

né, da coordenadora, do psicólogo, né, que é você. Então, assim, não sei o que dizer. Acho que... não sei.”.

A função do Orientador Educacional é tida como importante no processo, assim como da coordenação pedagógica. Houve uma reunião de elementos escolares que agiram em prol da situação. De maneira sistemática, cada um agiu conforme sua função. No caso da Orientação Educacional, fica o questionamento: até que ponto a utilização do saber psicológico corroborou para o melhor entendimento do caso? O profissional de psicologia atua, nesta situação, com base no seu repertório de conhecimento sobre o comportamento humano, ocupando uma função pedagógica.

4.10 Desenho da família

A produção do desenho se deu após o comando: desenhe a sua família. Ao observar o desenho de Olívia é possível identificar, por meio da análise projetiva, a existência de conflitos. Os membros da família aparecem todos distanciados. A figura do pai está apequenada e com trajes aparentemente femininos. O irmão, mesmo sendo um jovem, aparece também bastante pequeno em relação aos demais. A figura da mãe aparece com as maiores dimensões.

Quanto a localização, os elementos do desenho parecem estar distanciados do centro, principalmente o pai e o irmão. Essa organização descentralizada pode indicar desajustamento do indivíduo ao ambiente. O traço possui aparente força, o que sugere que Olívia está em conflito. A falta de detalhes é outro aspecto que chama atenção e indica um sentimento de vazio e baixa energia. Por fim, o tamanho pequeno das figuras indica inibição da personalidade, timidez e sentimento de inferioridade. (Campos, 2014)

As considerações acima realizadas estão em sintonia com as características apresentadas pela aluna. Dessa forma, o desenho da família mostra-se uma importante estratégia de diálogo com a criança, assim como de conhecimento de possíveis conflitos que ela possa estar vivenciando. De modo especial, há de se destacar que a relação forte existente entre Olívia e sua mãe está bem representada pela centralidade e tamanho que a mãe aparece na figura. Abaixo, optou-se por apresentar de maneira literal a conversa que houve entre pesquisador e a aluna acerca do desenho da família.

Lucas: Olívia, por que o pai vem primeiro?

Olívia: Porque, como ele está separado da minha mãe, aí eu fiz ele primeiro pra depois desenhar a família que eu estou, que é minha mãe e meu irmão.

Lucas: Então é como se você dividisse o desenho em duas partes: com o seu pai...

Olívia: Meu pai na casa dele e minha mãe... eu e meu irmão na minha casa.

Lucas: Então não é que você esteja entre sua mãe e seu pai, é porque essa é uma parte da família e aqui é outra. É isso? A sua mãe está entre seu irmão...

Olívia: E eu.

Lucas: Por que?

Olívia: Por causa que, eu quis colocar ela no meio porque ela já é uma parte do meu coração e do meu irmão. Aí eu coloquei meu pai do meu lado porque ele já é a outra parte.

Lucas: Então por mais que você esteja nesta família (apontando para a família com a mãe e o irmão), teu coração está nela e com o teu pai também. Agora, notei que teu irmão está pequenininho aqui, por quê?

Olívia: É porque eu não estava acostumada a fazer desenho grande. Meu irmão é quase do tamanho da minha mãe, fica até aqui na minha mãe.

Lucas: E todos estão sorrindo, né. Todos estão felizes?

Olívia: Hrum.

Lucas: Sua mãe está feliz?

Olívia: Sim.

Lucas: Você está feliz?

Olívia: Sim.

Lucas: O seu pai?

Olívia: Mais ou menos.

Lucas: Mais ou menos? Certo.

Figura 2 – Desenho da família do aluno Eduardo



Fonte: arquivo de pesquisa

4.11 Significados e percepções

Ao analisar os sentidos conferidos pelos participantes neste caso, cinco pontos merecem destaque, são eles: sensibilidade docente, separação dos pais, fixação de Olívia à mãe, situação psicológica de Elisabete e processo de abertura de Olívia. Sobre esse último aspecto, parece ter início a partir de seu interesse pela professora. Ana, através do estímulo às conversas e dos incentivos à presença e à participação, atribuía um lugar privilegiado à Olívia. Mesmo percebendo que Olívia não desempenhava da melhor maneira a função esperada de “boa aluna”, tanto pela sua desmotivação quanto pela não realização das atividades, foi-lhe dado o merecimento da atenção. Uma atenção recheada de afeto. Não é de se admirar que, em casos desse tipo, a preguiça seja logo tomada por docentes como justificativa pelo não interesse da criança aos assuntos escolares, algo que não foi identificado nesta situação. A escola mostrou-se um ambiente afetivo e dialógico, um espaço que lhe conferiu à Olívia suporte na vivência da sua situação. Para Berge:

“É um erro atribuir à escola apenas uma função intelectual; seria como se ela não tivesse outro fim senão o de formar inteligências e o de transmitir conhecimentos. Na realidade, a escola constitui um novo meio de vida para a criança.” (Berge, p. 41)

Um trecho do programa de rádio ‘Insucesso Escolar’ vai totalmente ao encontro do tema da desmotivação e coaduna com o comportamento que a docente realizou junto a aluna. Para Santos, não é cabível afirmar que a criança vai para a escola de má fé:

“A criança nunca está de má fé para ir à escola, ela pode é não perceber aquilo, não se interessar, não estar motivada, como se diz em linguagem psicológica, não estar motivada e, portanto, não ser capaz de aderir a proposta que é feita” (Santos)

Para Santos, a afetividade e a inteligência não podem ser tomadas em separado. Nos primeiros anos de vida escolar, especialmente no Ensino Fundamental I, a figura docente vem a ser uma referência afetiva para a criança, indicando que a afetividade se manifesta tanto no desenvolvimento dos conhecimentos ensinados pela escola quanto pela segurança emocional da criança.

Se a vida emocional se refere à segurança que pode dar o ambiente e se este diz respeito ao conhecimento das coisas, podemos concluir que conhecer e estar tranquilo se desenvolvem geneticamente em simultâneo. Inteligência e afetividade são duas formas do processo básico do desenvolvimento. Inteligência e afetividade definem um certo tipo de comportamento: o das atitudes que caracterizam a estabilidade (para aprender na escola). (Santos, 2017, p. 20)

As situações vividas por Elisabete, juntamente com os sentidos proferidos, denotam uma situação de sofrimento que, neste caso, parece recair em um adoecimento. Não é possível realizar tal afirmativa de maneira categórica, pois há a necessidade de uma avaliação clínica e, ademais, não é o objetivo deste estudo. Contudo, daquilo que se mostra através das falas, é de se fazer notar que Elisabete encontra-se fragilizada, principalmente pelas intempéries engendradas durante a separação com o ex-companheiro. No programa ‘Eu não gosto que se metam na minha vida’, Santos discorre sobre o impacto de uma mãe deprimida para a saúde mental dos filhos:

As crianças que não tiveram pais ou que não tem pai ou que tem uma mãe muito deprimida, ou que vivem em situações de miséria ou perturbação mental e afetiva dos pais são crianças que têm, portanto, uma necessidade muito grande de se confrontar com a miséria ou com a falta de afeto e que, portanto, tem que se insensibilizar, não é possível ter sensibilidade. (Santos)

Nesse trecho também toca a questão da insensibilidade, o que faz remeter a fala de Ana sobre o comportamento de Olívia: “Ela é na dela todo tempo, o tempo todo, o tempo todo.” Isso demonstra um fechamento da discente, a ponto de não se permitir afetar-se mesmo em meio aos seus pares e aos muitos atrativos que o ambiente escolar dispõe, como o recreio.

A separação dos pais demarca um acontecimento de forte carga emocional para Olívia, tanto pela separação de dois entes que ela tanto gostava, quanto pelas situações de agressividade colocadas. No programa de rádio intitulado ‘Açoites e peras doces na educação’, ao se referir

às reações contundentes que os adultos podem ter, Santos afirma elas podem ser aceitas pelas crianças, desde que demonstrem autenticidade: “A criança aceita muito bem qualquer reação do adulto desde que ela seja autêntica”.

Não parece ter havido tamanho respeito e cuidado para com os impactos da situação vivida entre o casal. O comportamento demonstrado especialmente pela figura paterna, tendo sido feitas referências tanto por Elisabete quanto por Olívia, rompe os critérios de autenticidade dispostos por Santos para uma relação saudável. Em mais um excerto, Santos afirma:

O que é importante na atitude educativa dos pais ou dos mestres na escola [...] é realmente a espontaneidade. Se eles são espontâneos, se eles podem ser espontâneos como foram em crianças, eles agem naturalmente com o amor e a agressividade e, portanto, fornecem à criança um modelo de pessoa autêntica (Açoites e peras doces na educação)

No que tange a fixação de Olívia à figura materna, demonstrada no sentir dor de cabeça ou dor de barriga para que fosse para casa. A relação mãe-filha é que estabelece as bases para que haja autonomização por parte da criança. Nesse caso, tanto a figura materna estava acometida por uma fragilidade emocional, quanto o medo decorrente das ameaças e do confronto faziam com que Olívia não cogitasse a possibilidade de alçar novos voos. Um senso de proteção unia mãe e filha. Os outros aspectos da vida, como a escola, estavam naquele momento sendo colocados em segundo plano. De acordo com Berge (1990): “Quando uma criança não beneficiou de um investimento suficiente de afetividade por parte da mãe, é-lhe mais tarde difícil investir qualquer coisa que lhe seja exterior.” (A higiene Mental na Escola, p. 55)

O processo de abertura de Olívia adquire contornos relevantes na medida em que Ana se dispõe a entender e dar suporte à aluna. Esse movimento pode ser caracterizado como uma pedagogia do cuidado. Não se pode afirmar se a docente sabia dos impactos positivos que podiam ser gerados na atitude de escuta, disponibilidade e motivação, mas fica claro que houve uma melhora reverberada tanto na presença da aluna, que se tornou mais ativa, quanto do interesse pelas matérias escolares. Para Berge (1990)

A escola desempenha uma função na formação da personalidade através do meio que ela constitui e através do exercício de uma terapêutica simples comparável à terapêutica dita institucional. Na medida em que age sobre a personalidade da criança, a escola contribui para o seu equilíbrio afetivo, porque tem o poder de corrigir os erros da família, de a completar, quer bem, quer mal. (p. 49)

Ana possibilitou à Olívia um lugar em que pudesse falar sobre si mesma, daquilo que a atormentava. Essa atitude demonstra uma sensibilidade docente e acabou por gerar um canal de comunicação entre as partes. Comunicar é mais do que falar. Comunicar é perceber e ser percebido. Diante disso, pode-se constatar que a intimidade que essa relação adquiriu vai ao

encontro das necessidades afetivas que a discente apresentou. Ao atribuir-lhe um valor ligado não ao mérito, mas ao afeto, Ana privilegia o entendimento de que a escola pode ter considerável papel na elaboração das emoções da criança, especialmente quando se trata de problemáticas que por ventura ela venha a passar.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa estudou a tristeza infantil manifestada no ambiente escolar priorizando a reunião de informações dos sujeitos que estão imbricados com a problemática, quais sejam: a própria criança, seus responsáveis e as docentes dos alunos. A metodologia qualitativa descritiva corroborou com a abordagem proposta do objeto de estudo, pois possibilitou um debruçar-se sobre as falas dos participantes, cada um discorrendo a partir do lugar social que ocupavam e da maneira como compreendiam a temática em investigação.

A representação do ambiente familiar e da instituição escolar, nas pessoas dos responsáveis e das docentes, potencializou a compreensão da situação vivenciada pela criança, pois conseguiu agregar fatos significativos da vida do discente na descrição e análise da situação. A participação da própria criança integra o conjunto de informações que proporcionaram uma análise mais ampla e coesa das duas situações estudadas, fornecendo mais densidade na compreensão da tristeza nas crianças.

A escuta da criança é elemento essencial no estudo da tristeza da criança e, portanto, foi uma prioridade nesta pesquisa. A metodologia qualitativa possibilitou entrar em contato com a vivência da criança a partir da sua própria interpretação sobre a tristeza. A realização de entrevista e a produção de desenho foram favoráveis ao desvelamento dos sentidos contidos nas falas e na concepção de família da criança, fator de relevância na comparação com as falas dos demais participantes. Esse procedimento de triangulação das falas revelou aproximações e distanciamentos, assim como demonstraram a importância da escuta da criança e da participação da família junto a escola para um melhor entendimento da situação.

A triangulação ocorreu por meio da comparação entre as falas da criança, responsável e docente, possibilitando a realização de uma reflexão mais aprofundada sobre as relações familiares das crianças, assinalando aspectos relevantes para a compreensão atual da relação família-escola, afora outros que indicam aspectos que precisam ser modificados para o êxito desta relação. Houve, portanto, êxito na reunião de informações, e consequente comparação das falas, provenientes dessas três fontes.

A coleta de dados através das entrevistas favoreceu a ocorrência de um diálogo fluido sobre o tema, pois ao mesmo tempo que orientou as falas para que versassem sobre a vivência da tristeza do infante, possibilitou que temas tangentes surgissem, ratificando a singularidade de cada olhar perante a mesma situação. Dessa forma, o objetivo geral dessa pesquisa foi contemplado, pois as percepções dos participantes foram descritas e analisadas.

A partir das falas dos sujeitos da pesquisa, nove categorias analíticas emergiram enquanto temas importantes na tematização da problemática em estudo, a saber: sociabilidade, afetividade, tristeza, sintoma, conflito, relação professora x aluna, relação família x escola, aprendizado e função da escola. A discussão das duas situações que compõe esse estudo a partir das nove categorias analíticas elencadas contemplaram os objetivos específicos propostos, pois versam sobre a manifestação da tristeza no contexto escolar, as implicações da tristeza sobre o desenvolvimento cognitivo e afetivo da criança e a função da escola diante do tema.

Tais implicações são constatadas na falta de concentração durante a aula do aluno Eduardo, quando seus pensamentos se perdiam nas lembranças de sua falecida mãe; na vontade idealizada de Eduardo em pertencer a uma família com pai, mãe e irmão, tal como expresso no desenho da família; na recusa em ir à escola da aluna Olívia, por querer estar na presença da mãe; na baixa socialização de Olívia, quando não interagia com seus pares durante o recreio, nem participava da aula.

É importante destacar que em ambos os casos as docentes demarcaram um processo de aprendizado abaixo do esperado para a idade, no qual a aquisição do conhecimento se dava de maneira mais lenta que a maioria dos demais alunos. Esse comprometimento do aprendizado pode ser produto da tristeza proveniente da vivência dos conflitos do luto e da separação dos pais, haja vista as funções psicológicas superiores da memória, atenção e vontade estarem claramente afetadas. Em relação à afetividade, o impacto da vivência da tristeza se mostra no fechamento de Olívia perante as relações interpessoais, em que o vínculo com a mãe solidifica sua relação com as demais pessoas, assim como o pensamento direcionado à falta da mãe sempre em que se encontra em situação de desconforto.

A análise do material coletado constitui parte importante do estudo, pois desvela os sentidos presentes nas falas. Lançar um olhar para além dos fatos em si, observando as nuances de cada caso, são movimentos próprios da pesquisa qualitativa. A perspectiva inovadora sobre o processo educacional do psicanalista de Lisboa, juntamente com as considerações de teóricos do desenvolvimento, forneceu os subsídios necessários para a compreensão das situações estudadas e possibilitou um salto qualitativo no estudo.

Assuntos de ordem pedagógica, psicológica e social emergiram enquanto áreas de conhecimento que estão em interseção. Essa constatação fundamenta a relevância do paradigma científico de conectividade para a educação, pois revela a necessidade de os profissionais conceberem o processo educacional a partir de um olhar macro, considerando a saúde mental como condição de melhor apropriação dos conteúdos repassados em sala de aula e da convivência entre seus pares. A concepção desse novo paradigma, proposto por Branco em sua

tese de doutoramento sobre o pensamento e obra de João dos Santos, compreende que a educação é um campo que se relaciona com outras áreas de saber, como a antropologia e a psicologia. E, dessa forma, o processo de ensino-aprendizado contempla um olhar não apenas pedagógico, mas também social e psíquico.

O apoio da família alargada evidenciou-se através da relação da família com a escola e na maneira como as docentes abordam o tema. As problemáticas da infância e adolescência são passíveis de serem desveladas no espaço escolar e convocam a participação de saberes de diferentes áreas de conhecimento para o devido reconhecimento e apoio das situações.

Algumas constatações surgiram ao fim do processo. Uma delas diz respeito ao impacto sobre a saúde mental que a instituição escolar pode proporcionar nos seus discentes. A escola pode contribuir na identificação de problemáticas da infância para o devido suporte e/ou encaminhamento. Para tanto, uma maior sensibilidade quanto a observação e escuta dos profissionais que trabalham na escola são elementos significativos para a compreensão do processo de desenvolvimento e aprendizado da criança. O conhecimento dos eventos significativos da vida da criança pode ajudar na compreensão dos avanços e recuos do processo de aprendizado.

Nesse sentido, é importante que seja dada à criança a oportunidade de falar sobre si mesma. Tornar essa prática efetiva dentro da escola é reconhecer que a criança tem autonomia para refletir e dizer o que considera bom ou ruim. O investimento em momentos de fala pode revelar incômodos e dificuldades da criança, assim como podem evidenciar os fatores positivos para o processo de aprendizado. Dessa forma, a criança torna-se partícipe importante na sua própria trajetória escolar. O estabelecimento de uma relação mais fluida entre professor e aluno pode favorecer tanto a busca por melhores índices de rendimento, quanto proporcionar um acompanhamento com a saúde mental do discente.

O desenho da família esteve em total sintonia com a fala da criança. A interpretação do desenho pela criança esteve em consonância com as situações de luto e ruptura familiar que as crianças tiveram que lidar. Isso demonstra que o recurso da produção artística pode revelar condições e afetos familiares e, portanto, ser um recurso importante de reconhecimento das percepções que a criança nutre sobre sua família e outras esferas de sua vida.

Por fim, é mister considerar a necessidade que mais estudos sejam realizados no ambiente escolar tendo como foco a saúde mental dos estudantes, especialmente aqueles que se encontram inseridos no período infantil, momento de estruturação da personalidade. A utilização da metodologia de estudo de caso pode contribuir no aprofundamento das situações

de pesquisa. Outra abordagem de pesquisa, as quanti-quali, também podem fornecer um parâmetro mais amplo com o aumento da população de participantes.

REFERÊNCIAS

A ESCOLA como linha de montagem: se não sabe porque é que pergunta? Lisboa: Rádio Comercial, [1983] Programa de rádio.

AÇOITES e peras doces na educação: se não sabe porque é que pergunta? Lisboa: Rádio Comercial, [1983]. Programa de rádio.

BARBOSA, H. da S. S. **Caracterização do perfil profissional e modos de atuação do orientador educacional na rede pública de ensino de Sobral-CE**. 2022. 74 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Psicologia e Políticas Públicas) - Campus Sobral, Universidade Federal do Ceará, Sobral, 2022.

BERGE, André; SANTOS, João. **A higiene mental na escola**. Lisboa: Editora Livros Horizonte, 1970.

BRANCO, M. E. C. **João dos Santos: saúde mental e educação**. 3. ed. Lisboa: Editora Coisas de Ler, 2016, p. 42.

CAMPOS, Dinah Martins de Souza. **O teste do desenho como diagnóstico da personalidade: validade, técnica de aplicação e normas de interpretação**. 47. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2014.

CAVALCANTE, Maria Juraci Maia; HOLANDA, Patrícia Helena Carvalho; MARTINS, Antônia Lis de Maria (org.). **Tecnologias da educação: passado, presente e futuro**. 1. ed. Fortaleza: Edições UFC, 2018. v. 1.

CAVALCANTE, Maria Juraci Maia *et al.* **História da educação comparada: missões, expedições, instituições e intercâmbios**. Fortaleza: Editora UFC, 2013.

EU NÃO gosto que se metam na minha vida: se não sabe porque é que pergunta? Lisboa: Rádio Comercial, [1983]. Programa de rádio.

FIQUEI com vontade de chorar: se não sabe porque é que pergunta? Lisboa: Rádio Comercial, [1983]. Programa de rádio.

G1. Casos de depressão e ansiedade entre crianças e adolescentes cresceram 120% na capital paulista em três anos, diz levantamento. **G1**, 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2021/12/07/casos-de-depressao-e-ansiedade-entre-criancas-e-adolescentes-cresceram-120percent-na-capital-paulista-em-tres-anos-diz-levantamento.ghtml> Acesso em: 21 nov. 2023.

HOLANDA, Patrícia Helena Carvalho e MORATO, Pedro Jorge Parrot. **Pedagogia Terapêutica: diálogos e estudos luso-brasileiros sobre João dos Santos**. Lisboa: Product Solutions Catalysis Ltd, 2016. p. 74.

HUTTEL, Joseane *et al.* A depressão infantil e suas formas de manifestação. **Psicologia Argumento**, 2011.

INSUCESSO escolar: se não sabe porque é que pergunta? Lisboa: Rádio Comercial, [1983]. Programa de rádio.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. **Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 3, p. 621-626, 2012.

MOREIRA, Jacqueline de Oliveira. Édipo em Freud: o movimento de uma teoria. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 9, n. 2, p. 219-227, maio/ago. 2004.

REVISTA CRESCER. Estudo aponta aumento nos casos de ansiedade e depressão entre crianças nos últimos anos. **Crescer**, 2022. Disponível em: <https://revistacrescer.globo.com/Saude/noticia/2022/03/estudo-aponta-aumento-nos-casos-de-ansiedade-e-depressao-entre-criancas-nos-ultimos-anos.html>. Acesso em: 21 dez. 2023.

SANTOS, J. **Ensaios sobre educação II**: o falar das letras. Lisboa: Editora Livros Horizonte, 1983.

SANTOS, J. **A casa da praia**: o psicanalista na escola. 5. ed. [S. l.]: Product Solutions Catalysis, 2017.

SANTOS. **Ensaios sobre educação I**: a criança quem é? Lisboa: Livros Horizonte, 2016.

SOUZA, Audrey Setton Lopes de. O desenho como instrumento diagnóstico: reflexões a partir da psicanálise. **Bol. Psicol.**, São Paulo, v. 61, n. 135, p.207-215, 2011.

PATIAS, Naiana Dapieve; HOHENDORFF, Jean Von. Critérios de qualidade para artigos de pesquisa qualitativa. **Psicologia em Estudo**, Maringá, n. 24, p. 1-14, 2019.

APÊNDICE A – LISTA COMPLETA DOS PROGRAMAS DE RÁDIO

- 1 – Eu não gosto que se metam na minha vida - entre a excessiva tolerância e uma educação com Valores
- 2 – Da fala à escrita - um diálogo à distância
- 3 – Quanto riso, quanta alegria - o Picasso ria-se com o corpo todo
- 4 – Açoites e peras doces na educação - todos somos eternamente crianças culpadas de desobediência às proibições educativas
- 5 – Uma criança exprime-se nas suas brincadeiras - brincar, regras e limites e as possibilidades de integração no desenvolvimento psíquico da criança
- 6 – Como é que a gente dorme sem sonhar - a pessoa está mais ou menos sempre a sonhar
- 7 – É durante o sono que se pode pensar tudo - sonho a revelação do inconsciente
- 8 – Era uma vez um golfinho - o problema da vida e da morte
- 9 – Importância da intimidade - intimidade e a Constituição da Vida Mental
- 10 - Insônia - o medo de ter o pesadelo e de sonhar
- 11 - A história do menino Jesus - férias de culpabilidade e de Complexo de Édipo
- 12 – Um velho que não prestava - não se pode ser observador sem ser observado
- 13 - O menino Jesus verdadeiro - aquilo que existe em nós de criativo vem da infância
- 14 - O meu menino Jesus - a psicanálise é a arte de fazer com que as pessoas recuperem a sua infância
- 15 – Nós cá estamos sempre para fazer falhar a educação que recebemos - a importância da criatividade e da revolta
- 16 – Desde que nasci isto está a ser um sonho - as pessoas todas têm medos desde o berço
- 17 – Não se pode dormir sem sonhar - o pesadelo é um sonho falhado
- 18 - O bebê a querer mandar no elefante - o subconsciente é inventado com a linguagem falada
- 19 – Se Deus existe é um grande geômetra - a necessidade de limitar o espaço geométrico é essencial para o desenvolvimento afetivo e intelectual da criança
- 20 - O risco de pensar em fantasmas - a vida interior está povoada de personagens internas que estamos constantemente a criar
- 21 – Fiquei com vontade de chorar - a tristeza é um estado de espírito essencial à vida interior, e o melhor diálogo que podemos ter com a tristeza é chorar
- 22 - O recreio - a escola é um local de encontro que tem que transbordar do próprio local
- 23 – Insucesso escolar - a criança não faz outra coisa desde que abre os olhos, ao nascer, se não tentar aprender
- 24 – Deixem as crianças roubar - as creches feitas à pressa, o pessoal escolhido ao acaso para escolas são violência, geram violência

- 25 - A escola como linha de montagem - a passagem da linguagem direta, antes da escola, para a linguagem indireta que é a escrita
- 26 - O senhor devia era falar com minha irmã que é pequenina e que se levanta de noite e anda lá pela casa assim com os braços estendidos e depois a minha mãe fica muito aflita que ela caia - o enigma da confiança: como é que uma criança intui que pode confiar num adulto
- 27 - Eu tenho a camionete marcada para logo à tarde - todas as perturbações chamadas comportamentais têm por base a depressão ou a ansiedade
- 28 - Violência, indiferença e furto infantil - só se pode impor como aprendizagem qualquer coisa para que a criança esteja motivada
- 29 - O perigo da inundação universal - a capacidade da criança para reter os seus pensamentos
- 30 - Dar guita ao papagaio - se a gaguez é uma inibição para o falar, é preciso desinibir a fala
- 31 - O meu maple ficou completamente estourado - a primeira forma de educação imposta pelos adultos sobre a criança é a educação para a limpeza
- 32 - A morte de Dom Afonso Rodrigues - compreender Pai e Mãe implica primeiro reunir os dois e depois separar os dois
- 33 - O tabu da tristeza - o silêncio é tão respeitável como o que a criança tem para dizer
- 34 - Paixão e tristeza - não reconhecimento por parte dos adultos de que as crianças têm direito a estar tristes
- 35 - Dois meninos gogos - cada um tem a neurose que mais lhe convém. Conseguir que a criança tenha uma neurose autónoma.
- 36 - Percebeu que eu não era um adulto como os outros - há evidentemente uma compreensão da dinâmica da linguagem que nos faz compreender os outros
- 37 - Brincar aos médicos- porque é que a masturbação é considerado um fenómeno pecaminoso
- 38 - Fazer chichi na cama - à medida que a criança vai controlando o chichi e o cocó, isso constitui também uma vida interna no pensar e fantasiar
- 39 - Fazer festinhas no papel com o pincel - os primeiros desenhos e pinturas das crianças são uma projecção do seu corpo sobre a superfície plástica
- 40 - O caso da criança com dificuldade em aprender os nomes das pessoas - a inteligência nasce no sonho, na imaginação para criar a razão
- 41 - Édipo - a triangulação que perpassa a vida do sujeito, a intimidade dos pais e os mistérios da sua união
- 42 - O complexo de Édipo das raparigas - ideias sobre a sexualidade feminina
- 43 - O direito das crianças a sua própria tristeza - a fantasia de morte e o desejo infantil recalçado da morte dos progenitores
- 44 - O menino que dava a entender que não merecia os seus presentes de natal - o sonhar com o corpo bloqueia os sonhos sobre a vida íntima dos adultos
- 45 - O menino que sabia o que era o superego - o investimento libidinal nos pais, transforma-se em identificação, possibilitando uma renúncia à satisfação dos seus desejos

- 46 - O menino que tinha se apoderado de uma gaveta - constituição do espaço interno da criança
- 47 - O miúdo que andava na lua - a relação cognição e afeto na escola
- 48 - O rapazinho que mutilava os coelhos - perda parte de si e o sonho como forma de elaborar o sofrimento do corpo
- 49 - Querido cavalinho dos meus sonhos - objeto imaginário como forma de lidar com as lacunas afetivas e na elaboração da ansiedade e agressividade
- 50 - A cabeça serve para sonhar o sonho de não fazer chichi na cama - sonhos guardiões do sono
- 51 - O menino que sabia o que era o superego - entidade interna que impõe o limite à criança de fazer determinada coisa - Parte 2
- 52 - Tenho medo não tenho força não posso lutar o meu pai está em Paris - o papel do objeto transicional na intermediação do mundo interno e externo da criança
- 53 - Fazer chichi na cama é um ato de boa educação - quando a criança deixa fluir de forma simbólica aquilo que não consegue conter

APÊNDICE B – TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS

ENTREVISTA 01 – DONA JÚLIA

Lucas - Dona Júlia, eu queria que você me falasse um pouco da história de vida do Eduardo. Tentando enfatizar os momentos para ele de tristeza na vida dele. Então, se ele morou sempre com você ou não, como é que ele é em casa, como ele era na creche. Me conte o histórico, por favor!

Dona Júlia - Não, ele é um menino bom, um menino que brinca, ele não é um menino assim... de andar me respondendo. Que a minha criação é assim, eu não bato de maneira nenhuma, eu só digo: “Olhe, não é assim, você está errando, você está ligando para os seus amiguinhos.” Ele começa a ficar, quando a gente briga com ele, começa a ficar deprimido. Ele começa a dizer: “É que eu não tenho minha mãe, eu estou com saudade da minha mãe, eu vejo minha mãe.” É assim. Ele começa isso aí. Olhe, pare de ser assim por que sua mãe se foi. Tem eu que não machuco você. Eu sou o contrário da sua mãe, que ela lhe machucava muito, mas eu não, eu não lhe machuco. Eu trato você bem, o que é que você quer mais? “É porque eu sinto falta da minha mãe.” “Eu imagino se você tivesse passado o tempo todo com ela, porque o tempo todo foi comigo e você ainda sente falta dela. Eu sei que ela é sua mãe, mas só que ela não ligava tanto para você como eu ligo, como eu estou ali presente direto. Se você está precisando de alguma coisa para poder lhe atender e sua mãe não.” Aí ele: “É, mais ela era minha mãe, eu amo ela.” Com 4 anos ele perdeu ela, né?

Lucas - Desde sempre o Eduardo morou com a senhora?

Dona Júlia - Desde o ano e pouco. Porque era assim, ela nunca ficava com ele nem dois dias, ela empurrava ele lá para casa, para passear. Ela empurrava ele lá para casa. Ele era muito apegado com ela e ela saia pegava e deixava na calçada e ia embora.

Lucas - Então sempre ele foi apegado com ela.

Dona Júlia - Sempre foi apegado, mas antes que ela fosse uma mãe exemplar.

Lucas – Então, foi com um ano e meio que ele começou a morar com a senhora com idas e vindas, não é?

Dona Júlia - Pois é! Com um ano e meio, quando começou a morar no bairro, começou a errar.

Lucas - Você lembra do período da gravidez?

Dona Júlia - A gravidez dela foi bem, ela tava morando perto de mim. Ela brigava um pouco assim mas não era nem tanto, não é. Ela se transformou mais quando ela foi para o bairro.

Lucas - No período da gravidez eles estavam juntos?

Dona Júlia - Estavam. Estavam juntos!

Lucas - Tinham algumas brigas, mas continuavam juntos...

Dona Júlia - É, meu filho amava ela, ele era louco por ela. Ela traindo ele e ele querendo ficar lá.

Lucas – Mas, nesse período de gravidez não tinha havido traição ainda?

Dona Júlia - Rapaz, que ele não soubesse, não é? A gente sabia, mas via que ele amava muito ela então ninguém dizia.

Lucas - Então provavelmente tinha.

Dona Júlia - Tinha. Só foi ficar descoberto mesmo quando ela foi para o bairro.

Lucas - Então me diga uma coisa, o período de gestação foi relativamente tranquilo. Ela fazia uso de bebida ou de alguma droga?

Dona Júlia - Era muito difícil, ela morava lá perto de casa então eu dava muito conselho para ela. Dizia: “Olha, você está grávida, não é para beber.” Ela era esparrenta, mas sempre me atendia.

Lucas - Quando João nasceu você lembra como foram os primeiros meses?

Dona Júlia - Os primeiros meses foram bons. Quando ele já tava quase com um ano que ela foi passar uns dias lá em casa, meu filho também foi parar no hospital. Começou uma depressão alta dele, aí ela foi morar lá em casa. Eu que dava de comer bem a ele, na hora certa. Ela não. Até para ela eu tinha que preparar e levar para ela, porque ela mesma não tirava. Se fosse para ela pegar, não tirava de jeito nenhum.

Lucas - Então durante a gravidez eles moravam juntos, seu filho e ela... e depois o João nasceu. Depois, com quantos anos que o João foi morar com você?

Dona Júlia - Ele tava com um ano... quase dois anos. Porque quando eles moravam lá perto de casa, o aniversário foi muito bonito de um ano. Morava quase vizinho lá de casa. Aí depois ela ganhou essa casa no bairro. Ele já tinha um ano e dois meses por aí, assim. Aí ela começou a trabalhar, começou a errar. Começou a deixar o menino na rua, chegava o menino tava nu no meio da rua. Ele disse: “Mãe, o Eduardo toda vez que eu chego do trabalho ele está na rua todo sujo.” Aí eu disse: “Então traga esse menino para cá.”

Lucas - Ainda não entendi, ela ganhou uma casa no bairro?

Dona Júlia - Ganhou.

Lucas - Mas por que o seu filho não foi com ela? Não entendi.

Dona Júlia - Ele foi com ela, porque eram dos dois na casa.

Lucas - Então foram os três, ela, o pai e o João.

Dona Júlia – Isso! Aí foi lá que ela começou a errar. Teve um dia que ele chegou lá em casa chorando na madrugada com as roupas arreventadas e uma mochila preta. Aí eles se separaram e ela ficou lá na casa.

Lucas - A senhora lembra quantos anos o Eduardo tinha?

Dona Júlia - Ele tinha uns dois anos.

Lucas - Foi quando ele foi morar com você, seu filho e ele.

Dona Júlia - Morar de verdade porque só era indo e voltando. Indo e voltando. Não tinha lugar. Não ficava certo com ela, nem nada. Aí a família ia pegar o menino e buscar lá em casa para levar para um canto, né? Passava um tempo lá com ele, a irmã dela. Às vezes ia para um canto lá onde ela morreu. Ela parecia que dava 50 por semana para a irmã dela ficar com o menino. Ela disse que o menino tava correndo, tomou uma queda e torceu o braço. Aí ela tava no Regional com o menino. Voltou do Regional. Foi lá no IPU entregar o menino. Aí quando ela entregou o menino, passou dois dias, ela foi entregar lá em casa. Ela mesmo foi deixar: “Tá aí, cria”. Jogou ele encima do meu filho. Ele estava até trabalhando. Aí ele ligou para mim: “Mãe, a minha companheira veio deixar o menino. E aí, mãe?”. Rapaz, se for para estar indo e voltando eu não quero, não! “Mas, o menino vai estar aqui. Ela empurrou o menino para mim. Bateu na minha cara e deixou o menino aqui comigo.” Eu estava ajudando a minha filha que tem dois meninos, aí eu disse: “Traga”. Trabalhava na casa da minha filha e levava ele nos braços. Aí foi sendo criado, depois desse tempo ela não tomou mais. De maneira nenhuma. Teve um dia que eu estava na casa da minha filha, aí ela trouxe um sapato para ele. Aí me disse: “Dona Júlia, agora eu estou melhorando, estou estudando, estou sendo uma pessoa diferente”. Eu disse: “Graças a Deus! Se ajeita e pega seu filho que eu não quero ele para mim, não”. Quando foi no mês de abril que veio a notícia que ela tinha morrido. Eu fiquei sem chão, porque eu gostava dela.

Lucas - A senhora quer uma aguinha?

Dona Júlia - Não, não. (inaudível). Aí toda vez que ele chorava, ele dizia: “Vó minha (inaudível). Maior é minha mãe”. Ela está no céu. Não se preocupe que eu nunca vou lhe maltratar, sempre vou estar presente para você. Aí, por um acaso quando alguém briga, um amigo dele briga, ele começa a chorar. Aí ficou desse jeito, aí.

Lucas - A senhora lembra quantos anos ela tinha quando o Eduardo nasceu?

Dona Júlia - Ela era nova. Acho que tinha uns 19 anos. Não tenho certeza. (inaudível). Aí a mãe dela, de vez em quando, vem cá ver, né? A casa de lá é dele e do outro. O outro filho dela é de outro homem.

Lucas - O Eduardo foi o segundo filho dela?

Dona Júlia - Segundo filho.

Lucas - Quando Eduardo nasceu, esse segundo filho tinha quantos anos?

Dona Júlia - Ele tinha uns 4 anos.

Lucas - Ela dava o mesmo tratamento?

Dona Júlia - Ele sempre foi criado com a outra avó. Eu percebia que ela sempre queria ele bem, mas por causa dos erros dela, não ligava para ele.

Lucas - Esses erros quais são?

Dona Júlia - Os erros dela era usar drogas, tá se prostituindo, dela gostar de homem, gostar de mulher. Depois de ficar com meu filho ela começou com essas coisas. Depois ele se separou dela. Ela era mau exemplo para ele. “Ela é namorada da minha mãe”. Eu dizia: “Não, é amiga”. Eu queria tirar isso da cabeça dele, de saber que a mãe dele gostava de mulher.

Lucas - Eu quero que a senhora tente lembrar. Quando a senhora ficou sabendo do falecimento da mãe do Eduardo, o Eduardo estava com você, tinha 4 anos. Como que foi ele receber essa notícia?

Dona Júlia - Chegou a tia dele lá: “Traz o Eduardo para ele ver pela última vez a mãe dele”. Aí ele disse: “A minha mãe morreu?”. Eu disse que ela foi morar com Deus. Você vai ver ela pela última vez. Aí ele: “Eu não quero ver ela, não”! Aí ela disse: “Você tem que ir”. Eu disse que ele só ia se quisesse.

Lucas - Ele com 4 anos de idade?

Dona Júlia – Isso!

Lucas - Aí ele quis ir. A senhora lembra como foi ele lá no velório da mãe?

Dona Júlia - Eu não lembro porque eu não fui. Quem levou foi o meu outro filho, sem ser o pai dele.

Lucas - Certo. Com 4 anos ele já estava estudando?

Dona Júlia - Tava. Ele estava na creche.

Lucas - Apesar dessa briga com os pais, como ele era na creche?

Dona Júlia - Eu não recebia reclamação dele não. Só tristeza, depois que ela morreu.

Lucas - E antes dela morrer?

Dona Júlia - Antes ele era um menino alegre. Um menino legal. Às vezes, ele dizia: “Quando que a minha mãe vem me ver? Ela não vem me ver, né? Acho que ela está ocupada.” Era assim. Ele sempre lembrava dela. Era louco por ela.

Lucas - Ela que deixou lá e ia vê-lo muito dificilmente, não é?

Dona Júlia - Muito difícil porque quem ia deixar e buscar na creche era eu.

Lucas - Mesmo tendo pouco contato ele sempre falava da mãe.

Dona Júlia - Sempre. Amava ela demais. Falava sempre dela. “Eu não gosto de ficar com a minha mãe, não. Ela sempre me bate. “Meu filho, ela te bate por algum erro que você faz. Se você responder ela bate mesmo”. Ela era assim. Ela era errada, mas batia nele quando ele respondia ela. Ela batia nele mesmo.

Lucas - Depois que ela faleceu, como foi que ele ficou na creche?

Dona Júlia - A mulher dizia que era para ele ser apoiado por um terapeuta. Ele ficava muito triste na creche. Aí eu peguei e contei a história para ela.

Lucas - Ele aprendia direitinho?

Dona Júlia - Ele aprendia. Sempre passava.

Lucas - Depois que a mãe faleceu, alguma coisa mudou na rotina dele? Comportamento?

Dona Júlia – Não. Mudou, não. Mudou quando alguém briga com ele. (inaudível). Às vezes eu libero ele na calçada, aí ele vem chorando. Eu digo: “Já sei! Alguém brigou com você na rua. “Os menino ficam frescando com a minha cara”. Eu digo: “Não ligue! Venha para casa. Venha olhar seus livros. Venha brincar em casa”. Eu criei meus filhos foi dentro de casa (inaudível). É assim.

Lucas - Ele continua comunicativo? Ou ele gosta de ficar sozinho na dele? O que é que mudou?

Dona Júlia - Ele até para ir no banheiro precisa de mim. Ele é assim. Não fica só assim não. A cama dele é assim e a minha é assim. Agora ele está dormindo (inaudível) não está dormindo no meu quarto porque o pai dele está passando um tempinho lá em casa. Aí ele dorme com o pai dele. Mas quando o pai dele não estava lá, ele dormia perto de mim.

Lucas - Ele fala que sente saudades da mãe?

Dona Júlia - Da mãe? Fala.

Lucas - Ele fala que amava ela?

Dona Júlia - Ele fala que gostava dela.

Lucas - Certo.

Dona Júlia - Mas amar não dizia assim não. Vai ver não sabe nem o que é amar.

Lucas - Fora ela, quem ele é mais apegado, gosta muito?

Dona Júlia - Da família lá ou da minha família?

Lucas - De toda a família.

Dona Júlia - Ele é apegado com o pai dele e comigo. Também com o tio dele que mora lá em casa, o irmão do pai dele. “Tio, ajeite minha bicicleta. Tio ajeite isso para mim. Tio, vamos brincar?”

Lucas - Certo. Ele fala alguma coisa da escola?

Dona Júlia - Às vezes ele fala: “Olha vó, tirei 100. 100%.” Ele fala isso.

Dona Júlia - Ele se alimenta direito? Ele dorme direito?

Dona Júlia - Sim. Ele só tem muito pesadelo. Agora perto do pai dele, porque quando ele dormia comigo ele não tinha tanto pesadelo assim. Um dia eu estava na sala bem cedinho, só ouvi o estrondo. Perguntei: “O que é menino?” “Minha mãe, eu vi minha mãe”. É porque seu pai dorme no escuro. Comigo você não dorme no escuro.

Lucas – Então, no período da creche, o que mudou foi que as professoras notaram ele mais triste.

Dona Júlia - É. Mais triste.

Lucas - Fora isso, mais nada?

Dona Júlia - Mais nada.

Lucas - Depois disso ele foi estudar onde?

Dona Júlia - Ele veio estudar aqui.

Lucas - Lembra qual foi o ano?

Dona Júlia – Vixe! Não lembro, não. Da creche, ele saiu com 7 anos. Por causa do coronavírus ele veio estudar aqui com uns 7 anos.

Lucas - Pois é. O período da pandemia, como foi para vocês?

Dona Júlia - Não foi muito bom. Demorou de estudar. No começo tudo com máscara. Ele tá vivo. Muitos foram embora.

Lucas - Era para ele ter começado o primeiro ano com 6 anos?

Dona Júlia - Era. Já tava com 7 anos quando veio para cá.

Lucas - E agora está com 9 anos, já. Ele não repetiu de ano não?

Dona Júlia - Nenhuma vez.

Lucas - Ele entrou atrasado na escola?

Dona Júlia - Entrou atrasado. Assim, não foi por causa da gente e nem da escola. Foi por causa dessa tal de pandemia. Aí ele entrou um pouco atrasado. Com 6 anos já era pra estar na escola.

Lucas - Da creche, ele ficou em casa, não é? Por causa do vírus.

Dona Júlia - É.

Lucas - Depois voltou para a escola.

Dona Júlia - Ele retornou para a creche e da creche retornou para cá.

Lucas - Nesses três anos, primeiro ano, segundo ano, terceiro ano, o que você nota? Está indo bem? Fala da mãe?

Dona Júlia – Não. É difícil. Só quando ele está deprimido. Quando alguém briga com ele, ele lembra da mãe.

Lucas - Não tem outro momento que ele lembre, não?

Dona Júlia - Não. Só se lembra quando está deprimido, quando alguém briga. Se eu disser qualquer coisa: “Você está brigando comigo”. “Não estou! Estou dizendo apenas no momento o que é para você fazer. Não estou brigando com você”.

Lucas - Ele tem uma professora, professora Carla, não sei se ele já te falou. Ele diz que ela tem a aparência da mãe.

Dona Júlia - Ele diz isso mesmo. Ele disse que fica mais triste porque a professora Carla é a cara da mãe dele. Eu ainda não vi ela. Não conheço ela. A mãe dele era uma franjinha, branquinha, cabelo meio assim, longo (inaudível). Cabelo claro.

Lucas - Aí ele fala da tia Carla com felicidade ou com tristeza?

Dona Júlia - Ele fala assim: “A minha professora é a cara da minha mãe. Quando eu olho para a minha professora me dá vontade de chorar porque ela parece muito com a minha mãe.

Lucas - Como você acha que essa saudade dele (inaudível). É um luto que ele passa. Como isso atrapalha na vida dele? Qual a sua análise?

Dona Júlia – Rapaz, eu acredito que atrapalha. Se ele estiver triste quando alguém diz alguma coisa com ele. Atrapalha um pouco a vida dele.

Lucas - Se não, ele consegue estudar, fazer as atividades dele?

Dona Júlia - Consegue, brincar. Ele gosta muito de jogar.

Lucas - Quando ele está triste o que ele costuma fazer?

Dona Júlia - Quando ele está triste eu digo: “O que é que você já tem, meu filho? Saudade da minha mãe? Ela está lá no céu. Está com Deus. Você tá na terra. Você tem que fazer o que você gosta. Passear. Você tem que pegar um livro para estudar que é melhor.” Pronto.

Lucas - Vamos supor, na semana passada, de segunda a sexta, todos os dias, ele fala alguma coisa da mãe? Ou fala dificilmente?

Dona Júlia - Fala muito difícil. Muito difícil ele falar. Tem até uma memória boa porque meu pai morreu eu tinha 4 anos de idade e eu não lembro de nada.

Lucas - Então ele não fala tanto assim. Ele chora?

Dona Júlia - Ele não chora pela perda da mãe dele. Ele só chora quando alguém briga com ele. Alguém que não quer brincar com ele. Aí ele chora. Ele diz que está com saudade da mãe dele. Só isso.

Lucas - Certo. Eu quero saber, Dona Júlia, quando ele está triste. Vamos supor que aconteceu alguma coisa com ele. Uma briga. Ele fica triste. A senhora diz para ele esquecer a briga?

Dona Júlia - Eu digo assim: “Olha filho, a gente não é de briga, não.” “Eu sou igual a minha mãe, ela brigava com todo mundo.”

Lucas - Ele falava isso.

Dona Júlia - “Minha mãe brigava com meu pai quando ele batia nela”. Também lá no bairro brigava com as outras. Eu dizia: “Não seja igual a sua mãe, não! Sua mãe é uma e você é outro. Seja igual a seu pai, que não gosta de briga”. Aí ele: “Não, eu sou que nem minha mãe”.

Lucas - Essa fala dele é recente?

Dona Júlia – Não. Ele fala daqui, acolá. Um dia ele foi bater em um menino aí eu fui brigar com ele. Aí ele: “Oras, ele veio me bater. Eu fiz que nem a minha mãe.” Tem nada igual não.

Lucas - Ele te obedece? Ele te respeita?

Dona Júlia - Obedece mais o pai dele. Porque eu sou assim, não sou de bater, não sou de nada. Às vezes eu chamo ele duas, três vezes, ele não me obedece. Aí minha outra filha: “Eduardo, você está desobedecendo mãe?”

Lucas - Como ele é em casa? Porque ele estuda de tarde, né? Como ele é de manhã e à noite?

Dona Júlia - De manhã e de noite ele fica brincando na minha rua, andando de bicicleta, jogando bola. O pai dele quando tem um tempinho, leva ele na praça para jogar bola. É assim. A única coisa que ele perturba é quando ele está com fome.

Lucas - Certo. Ele vai dormir que horas?

Dona Júlia - Ele fica no celular dele. Eu dei um celularzinho para entreter ele. Às vezes fica até onze horas da noite no quarto. Depois dorme e acorda nove, dez horas. Vai fazer o dever.

Lucas - Então ele dorme onze e acorda nove, dez.

Dona Júlia - É.

Lucas - E só faz o dever quando acorda?

Dona Júlia - É.

Lucas - Aí vem para cá. De noite o que é que ele faz?

Dona Júlia - Fica brincando, andando de bicicleta, jogando bola com o pai dele lá na pracinha.

Lucas - Ele entra que horas?

Dona Júlia - Dez horas, que eu fico sentada na rua até dez horas.

Lucas - Então ele fica lá quando você está lá.

Dona Júlia – É. Quando eu não estou lá, eu chamo logo.

Lucas - Certo. Falou do sono, da alimentação... Eu quero saber como você acha que a escola, o que ela deve fazer quando encontra casos como o do seu neto, triste com a ausência da mãe. Qual a função da escola na sua opinião?

Dona Júlia - A função da escola é falar para ele que a mãe dele se foi. Não volta mais. Que ela está bem para poder amenizar a dor dele.

Lucas - Você acha que a escola está cumprindo o papel dela?

Dona Júlia - Não sei. Ele não me fala nada. Eu tiro da cabeça dele. Fico tirando direto.

Lucas - Certo. A senhora tem alguma coisa importante? Um evento importante que queira mencionar da vida do Eduardo?

Dona Júlia – Não. Só isso mesmo. Agora esse negócio dele querer morar com o pai, ele não se dá com as meninas. Não se dá com as meninas porque a madrasta não deixa nem ele chegar perto. O pai dele é muito apegado com as meninas. Aí ele fica meio que com raiva. Eu digo: “Meu filho, é porque elas vivem lá. O que ele arruma é para elas. Você tá aqui. O que eu arrumo é pra você. Eu não sou aposentada, não, mas quando eu for, vou dar o melhor para você.” Meu sonho. O pai dele, quando morava com a mãe dele mandava sempre dizendo pra guardar só para ele. Quando ele queria comer alguma coisa diferente. Às vezes ele queria levar alguma merenda pra escola. Comprava e ele trazia. Mas agora o pai dele está morando lá em casa, né? Aí o pai dele faz compras, um arroz, um macarrão. Aí eu digo: “Meu filho, faça menos compras e deixe as coisas dele. Deixar os “Toddynhos” que ele gosta. Fazer as coisas”. Porque ele come as coisas de panela, mas não é a mesma coisa. Tem que ter a merenda dele de manhã. Ele não toma café. Toma um iogurte, um Toddynho. “Quando você não estava aqui, todo o dinheiro que eu arrumava era para ele.” Ele comia bem. Aí ele reclama que o pai dá R\$ 2,00 para ele merendar. Eu já dava 3 pra ele comprar o Toddynho dele e o biscoito. “Meu pai me deu R\$ 2,00. O que eu vou fazer com R\$ 2,00?” “Meu filho, compre o Toddynho que eu faço um pão para você”. “Não, mas isso não é merenda, não.”

Lucas - O que ele faz no final de semana, Dona Júlia?

Dona Júlia - No fim de semana é a mesma coisa. A rotina de brincar, ficar com o celular dentro do quarto, na cama.

Lucas - Veja, ele não fala que lembra da mãe em nenhum outro momento, apenas quando alguém briga com ele?

Dona Júlia – É. Apenas quando está triste, está deprimido.

Lucas - Quando ele está em outro momento, ele chega a falar da mãe?

Dona Júlia - Não fala, não!

Lucas - Da mãe ele sempre fala que está com saudade? Ele nunca fala outra coisa?

Dona Júlia - É. Só diz que está com saudade da mãe dele, que gostava muito da mãe dele. Mas só quando está deprimido. Eu acredito que ele faz pra chamar atenção. Ele fica chorando. Quer mais atenção. Aí fica falando da mãe dele.

Lucas - Agora ele está com nove anos e parece que as memórias estão muito vivas. É provável que o tempo passe e ele fique com essas memórias.

Dona Júlia - Isso. Igual o avô dele, o meu marido. Ele perdeu a mãe dele com sete anos de idade. Ela morreu enforcada.

Lucas - Do mesmo jeito.

Dona Júlia - Do mesmo jeito. Esse meu marido quando está bêbado fica no desespero, chorando pela mãe dele. É desse jeito. Só lembra quando está bêbado. Tem desespero pela mãe dele. O Eduardo é do mesmo jeito. Só quando está deprimido.

Lucas - Quando ele está deprimido, ele demora deprimido ou é rápido?

Dona Júlia - É rápido, quando um menino fala: “Eduardo, vamos brincar?”. Ele sai correndo feliz. É assim. Ele não é raivoso por muito tempo. Ele não é irritado por muito tempo. É só aquele momentinho. Aí volta ao normal.

Lucas - Certo. Mais alguma coisa?

Dona Júlia - Não, só isso. Tem uma coisa que ele nunca quis morar com a avó dele.

Lucas - A outra avó?

Dona Júlia – Isso. Porque diz que ela é carrasca. Passou um tempinho lá.

Lucas - E nessa escolha que ele vai ter que fazer, a senhora acha que ele vai ficar com quem? Com o pai ou com a senhora?

Dona Júlia - Ele ama o pai dele, mas detesta a madrasta.

Lucas - Então a senhora acha que ele vai ficar com a senhora?

Dona Júlia - Vai porque ele não passa uma semana aqui perto da escola, voltou lá para casa. Pior que eu tirei ele do cadastro. O bichinho ficou sem ganhar nada.

Lucas - Pode colocar de novo, não é?

Dona Júlia - Agora tá difícil porque está com 3 meses que não vem nada. Só pode colocar de novo se vier a visita. Aí ele não está em cadastro de ninguém, porque a mulher lá não quer atrapalhar o cadastro dela.

Lucas - Certo.

Dona Júlia – Aí, eu acredito que se ele for morar lá com o pai dele e a mulher que ele vai casar no dia 8, eu acho difícil ele ficar lá. Ele é muito apegado comigo. Gosta muito do pai dele, mas é apegado comigo.

Lucas - Certo. Essa questão das notas, ele só fala quando tira 100%...

Dona Júlia - É. Fica feliz.

Lucas - Ele fala outra coisa da escola?

Dona Júlia - Não, ele só fala quando o menino bate nele e eu quero vim aqui e ele fala: “Não, vó! Não vá, não”.

Lucas - Essa não ouvi.

Dona Júlia - “Vó, o menino lá me bateu”. Pois eu vou falar com a professora. “Não vá não. Já está tudo bem”.

Lucas - Ele fala da tia Carla?

Dona Júlia - Ele fala só: “A minha professora é ótima. Parece com a minha mãe. Por isso que eu quero bem ela.”

Lucas - Mais alguma coisa ele fala da escola?

Dona Júlia – Não! Só isso.

ENTREVISTA 02 – PROFESSORA CARLA

Lucas – Professora, por gentileza, me fale sobre o aluno Eduardo.

Carla – Pronto! O Eduardo é um menino, pelo que eu pude constatar... Porque ele fica o primeiro tempo na minha sala e no segundo ele vai para outra sala que a gente troca, né? Porque o Português e Matemática... e ele assim... ele consegue ver em mim... Eu até ficava admirada a lembrança da mãe dele. Eu não sei em que momento. Ele assim o que ele me acha parecido com ela, né? E aí ele começou a demonstrar a carência, né? Ele quer ser ouvido. Ele quer tá contando o que ele sente, né? Uma maneira de desabafar. E em relação na sala ele é uma criança tranquila, mas ele sente a necessidade de estar falando da vida dele. Eu acho que até um pouco pra desabafar o que ele sente, né? Que eu não sei como é em casa. Como é o tratamento dele em casa. Se ele conversa alguma coisa com a avó. Pelo que eu entendi eu acho que quem fica com ele é a avó e em relação ao comportamento ele é uma criança bem tranquila. Não dá trabalho. Tá entendendo? E o Lucas, ele é carinhoso. Quer tá toda hora assim abraçando, demonstrando, né? Carência e querendo ser notado pela gente. Aí ele dizia, tia você é a minha professora preferida, tia! Você se parece tanto com a minha mãe, tia! Aí, de vez em quando ele fica querendo soltar... Conversar sobre o que aconteceu na vida dele. (inaudível). Oh, tia! Minha mãe bebia demais. Aí ele não terminou de falar, né? Ele vai soltando as coisas devagarzinho. (inaudível). Os meninos ficar... vem aí abraça. Eu acho que ele quer contar no individual, tá entendendo? Aí, oh, meu amor! (inaudível). Aí ele fica por ali. Depois ele volta. Vai soltando as coisas da vida dele. Oh, tia! Eu vou ficar com saudade de você! Meu pai vai casar com a mulher que ele arranjou e eu vou morar lá. Depois das férias eu não vou mais lhe ver. Eu vou ficar com tanta saudade de você! O bichinho! (inaudível) Coração na mão!

Lucas – Professora, ele chegou a relatar que tipo de semelhança ele vê em você?

Carla – Não. Ele nunca falou. Ele só falou que eu lembro a mãe dele. Agora eu não sei se é pela parte afetiva ou é alguma... relação física. Ele nunca falou o que era, entendeu?

Lucas – Há dele uma necessidade de fala. Fala da própria vida. Quando ele fala da própria vida e cita a mãe e aí ele cita mais alguma coisa da própria vida?

Carla - Não ele só fala em questão eu acho que ele tá se sentindo não sei se é ciúme ou é abandonado, né? Pelo fato da mulher que o que o pai dele arranhou ter filhos, né? Aí, às vezes, ele solta. Ele dá mais atenção aos filhos da mulher do que a mim, entendeu? Ele solta essas partes, né? Então, eu acho que ele quer atenção. Como eu falei, né? Ele é uma criança que ele é carente. Ele quer tá abraçando a gente. É tanto que ele tá na cadeira, aí abraça. Vá meu amor para cadeira, aí ele vai. Daqui a pouco ele vem de novo. Oh, tia gosto tanto de você! A gente vê que o bichinho tem... Eu não sei se é só da parte materna, né? Ou se ele é assim mesmo com todo mundo.

Lucas – Professora, como é a frequência dele na escola?

Carla – Não. Ele não é de faltar muito, não! Ele tá sempre presente. Uma frequência boa.

Lucas – E o aprendizado?

Carla – Agora o aprendizado... Ele é mais lento, sabe? A aprendizagem dele ainda tá em processo. Acho que devido também a muitas coisas que ele tem vivido, né? Eu acho que às vezes também acaba afetando, né? Porque o emocional tá muito ligado, né? A gente tiver bem, emocionalmente, a gente... acho que o desemprego é melhor. Mas ele também não é uma criança... tá entendendo? Ele tá em processo. Tem coisas que ele consegue. Outras que ele é mais lento, entendeu?

Lucas – Ele não pega as coisas com muita facilidade, mas ele consegue aprender.

Carla – É. Justamente!

Lucas – Me diga se ele faz amizade. Consegue fazer amizade?

Carla – Não. Em relação à amizade é tranquilo. Ele consegue interagir com os meninos. Mas ele não é de tá conversando... Se levantando. Ele é um menino bem tranquilo.

Lucas – O que ele fala da mãe?

Carla – Não. O que ele soltou uma vez foi que... Tia, a minha mãe bebia muito e aí mataram ela. Agora ele não contou detalhes, né? O que foi que aconteceu. Agora o que ele relata muito é que ele sente muita saudade dela. Que ele lembra muito dela. Que ele chora muito. Tem dia que ele fica triste. Lembrando dela. Ele chora. Sente a falta dela. Agora como aconteceu. O que foi que aconteceu. Ele nunca relatou, não! Ontem ele soltou assim ela bebia muito e acabou morrendo. Mas não sei detalhes do que foi que aconteceu com ela, não.

Lucas – Então, analisando superficialmente, parece que ele tá em dois conflitos, né? Um, que é o luto da mãe. Que carrega há um tempo, né? E o outro agora, é com relação aos filhos da companhia do pai. Ele relata que tá sentindo um pouco abando. Ele consegue relatar isso?

Carla – É. Ele fala que dá mais atenção aos filhos da mulher. Ele falou nessas palavras: ele dá mais atenção aos filhos da mulher do que a mim. Ele já falou desse jeito.

Lucas – Professora, você me fala aqui da carência. Fala do carinho dele. Ele é um menino muito carinhoso. Mas eu queria saber como é que você identificou, né? De que maneira a tristeza nele? Neste aluno. Foi você que identificou?

Carla – Não. Ele veio até mim, tá entendendo? Eu falei. Ele sente a necessidade de tá falando, entendeu? Ele quer contar. Não sei se pra desabafar ou achando que a gente pode... Não sei. Eu sei que ele veio a mim e começou a contar. Tia, eu quero falar da minha vida para você. Eu quero contar da minha vida para você. Aí ele foi. Um dia ele dizia uma coisa. Outro dia ele dizia outra. Entendeu?

Lucas - Então. Não foi possível saber, no meio de tantos alunos que ele passava por essa situação, né?

Carla – Ainda, não.

Lucas - Ele não tinha dado nenhum traço.

Carla - Porque os meninos são enturmados. Ele não é de origem de minha sala, tá entendendo? Aí, logo de cara, ele já... É tanto que ele gosta de tá falando. Ele não tem vergonha, né? Aí ele chegou e disse que queria falar na vida dele para mim.

Lucas – Você sabe dizer se ele fala isso também com outra professora?

Carla – Não sei. Ainda não... Agora fiquei com essa curiosidade!

Lucas – Professora, você me falou que ele é um menino que tem uma boa frequência. Consegue aprender no tempo dele, né? Socializa bem. Você acha que fora isso, né? Fora o aprendizado, a tristeza tá influenciando em algum outro aspecto da vida dele?

Carla – Eu acho que, o que pega aí eu acho que é a questão como você falou: o luto da mãe, né? Que eu não sei se é recente esse caso. Não sei o tempo que aconteceu, né? Mas que as lembranças dele é muito forte da mãe. Também, não sei como era, né? A mãe protetora. A atenção que ela dava a ele, né? E eu vejo que ele tá tendo esse conflito porque ele tá sentindo ciúmes, né? Porque eu acho que ele pensa assim: eu que sou filho era para ele dar atenção, né? E ele deixa de dar atenção pra eu que sou filho dele e vai dar atenção para outras pessoas que não tem nada a ver, entendeu?

Lucas – São filhas da companheira dele? São filhas?

Carla - Ele não citou ainda. Assim, ele fala filhos, né? De modo geral. Ele não fala. Mulher, eu acho que ele não falou, não.

Lucas - Para finalizar, professora. Como você acha que a escola, a escola como um todo, pode ajudar num caso desse aqui de um aluno que manifeste sua tristeza, né? Ele não chora em sala de aula, mas ele afirma que chora muito, né?

Carla – Em casa.

Lucas - Ele tá em dois conflitos. Como é que a escola pode ajudar, na sua opinião?

Carla - Eu acho que esse trabalho já tá bem encaminhado, né? Conversando. Quando dá eu converso com ele. Eu digo, reze, meu filho. Peça a Deus pra lhe dar força. Quando você tiver triste pensa em coisas boas que você viveu pra espantar a tristeza. Aí ele: tá bom, tia! Eu vou fazer assim agora. (inaudível) Eu acho que ele quer ser ouvido. Eu não sei se alguém escutando e falando alguma coisa pra ele se sente mais confortável e ameniza mais um pouco, né? O que ele sente. Porque muitas pessoas quando têm alguma tristeza ela não sabe falar, né? E ele não. E ele já quer botar para fora. Não sei se essa maneira já é uma maneira de aliviar, né? Porque você falando, às vezes, você se sente mais... Eu acho que essa é a maneira que ele encontrou de amenizar o que ele sente porque ele quer falar para alguém. Ele quer ser ouvido, né?

Lucas - A gente não sabe como é ele em casa. Mas, a gente sabe que aqui ele se relaciona. Conversa. Porque tem gente que lida com a tristeza (inaudível).

Carla – Ele, não! Ele tem é vontade de falar. Aqui a gente não pode tá escutando assim dentro de sala que tem muito menino pra gente dar conta, né? Mas, a vontade dele é de botar para fora o que ele tá sentindo. O que que ele tá passando e aí eu não sei também como é o relacionamento em casa com avó. Se a avó dá essa atenção para ele, entendeu? Ou se ele se sente, sei lá, abandonado. Porque ele fala tão frequentemente da mãe dele que às vezes a gente... Assim, às vezes, vem assim uma impressão que ela era a única pessoa que dava atenção e carinho para ele. Às vezes eu tenho esse pensamento. Porque ele nunca falou da avó. A avó é isso e isso. Minha avó, né? Minha tia. Ele não fala. A única coisa que ele fala é que a saudade é muito grande da mãe. Que ele chora a falta dela e o que ele fala do pai é o ciúme que ele tá sentindo por (inaudível) ter arranjado outra família, né? Deixando ele um pouco de lado.

Lucas – Então, o contato com a família não é muito (inaudível).

Carla – Porque se ele tivesse... Sei lá... A gente não sabe o que que acontece, né? Porque eu acho que...

Lucas – Mas eu me refiro principalmente o contato da família com a escola.

Carla – Não. Não. Não tem. A tia vem buscar o filho dela e passa e leva ele. Aí quando a gente fala alguma coisa assim, em relação... Amanhã vai ter prova. Ele tá com dificuldade nisso. Alguém ajudar ele em casa. Ela diz: eu vou falar pra mãe. Então, ela não se sente responsável. Pelo que eu percebi, né? Ela (inaudível) passa e leva ele para casa.

Lucas – E o pai vem pegar?

Carla – Difícil. A maioria das vezes quem vem é a tia. A tia, eu acho que tem um filho aqui e aí passa e leva ele.

ENTREVISTA 03 – EDUARDO

Lucas: E que você me contasse um pouco da sua história de vida... onde você morou, onde você estudou até chegar aqui, por favor.

Eduardo: Eu comecei a estudar na creche, só que é numa creche aí que eu esqueci o nome. Minha mãe morreu quando eu tinha quatro anos de idade. Eu morava com o meu pai, fui morar com minha avó. Minha avó [00:34], esqueci, mas eu gosto muito é de brincar, se divertir pra distrair minha cabeça porque tem as vezes que eu fico chorando por causa da minha mãe. Teve um dia que saiu sangue pelo meu nariz. Tem dia que eu choro tanto que eu não consigo nem sair pro meio da rua. Aí tem dias que eu fico pensando na vida, se eu não vou ser nada... vou ser alguma coisa. Aí quando eu começo a brincar eu já vou ficando mais calmo por causa que a minha cabeça é... coisada, ela... muito pensativa, que nem meu pai, meu pai pensa muito. Eu penso que nem ele, mas mais ou menos. Meu pai levava a gente pra sair, pra mim brincar, pra mim distrair, pra mim se divertir. Tem as vezes que pessoas aí que fica perguntando [1:29] eu falo, só que chorando. Tipo, é aquela pessoa que tá aqui, aí aquela outra tá aqui, aí a pessoa conversa com a pessoa pergunta sobre a mãe, aí eu choro, fico falando e chorando ao mesmo tempo, segurando a lágrima. E tipo a pessoa está aqui uma e aqui outra, aí as pessoas se juntam e... algumas saem da vida do outro e a outra pessoa [1:55]. É tipo num filme, a pessoa está aqui e a outra aqui. Então a pessoa está aqui, a pessoa manda separar, então a pessoa ficou só. Tipo a minha vida, é meu pai, ele namorava com a minha mãe e ela brigava muito com ele, ela discutia muito com ele porque ela bebia. Um dia quando minha mãe tinha outro namorado ela... ele foi subir a cela de moto, eu caí pra trás, minha mãe levantou só o marido dela, deixou eu caído, minha avó me levantou aí eu fiquei... quem cuidava mais de mim foi minha avó e o meu pai cuidava mais ou menos, por isso ele... quando ele não era da igreja, ele ficava saindo para os cantos, bebia, chegando altas noites, aí agora ele é da igreja, chega às vezes tarde, às vezes cedo, pois ele quer ser obreiro. E eu quando crescer quero ser pastor, fazer alguma coisa da minha vida, se divertindo, se distrair. Quando eu crescer eu vou ser uma pessoa de bom... boa pessoa, vou ser uma pessoa boa, cuidar do meu filho, tipo o meu pai cuida de mim e a minha avó. Aí eu vou ficar... tipo, tá aqui meu filho mexendo no celular, eu vou mandar ele fazer o dever, brincar, não ficar direto no celular porque meu pai tem as vezes que manda eu brincar,

fazer a tarefa, porque tem hora que eu fico mexendo muito no celular. Aí eu penso muito se eu vou querer ter alguma coisa na vida, vou ficar morando com a minha avó, com o meu pai. Qualquer dia eu vou ir pro céu que nem minha avó vai, que nem meu vô vai, qualquer dia eu vou morar lá no céu, pensando como foi o meu dia, a minha vida. E o melhor de tudo é que eu vou pensar muito em mim e pensar muito no meu filho e na minha família. E também em Deus. Só isso.

Lucas: Certo. Você lembra o tempo da creche? Não precisa dizer o nome da creche, mas lembra quando estava na creche? Lembra de algum amigo ou alguma professora na creche?

Eduardo: Tenho alguns amigos aqui, tem uma professora que ela está aqui.

Lucas: Quem é?

Eduardo: É uma tia que... é um pouquinho... ela é gorda e também ela é do primeiro ano. E também tem os meus amigos, Vitória, tem alguns aí. Aí tem mais alguns aí e eu vou pensando.

Lucas: E era bom o tempo da creche?

Eduardo: Era

Lucas: Por que?

Eduardo: Pois eu tinha um pouco de amizades, de algumas coisas. Eu tinha as minhas responsabilidades, a tia mandava às vezes colocar os nomes das pessoas, aí meu amigo me ajudava. Só que agora só tenho alguns amigos aqui e que eu vivo perguntando sobre eles.

Lucas: Certo. A creche é quando a gente tem quatro, cinco anos de idade. Com quatro anos você disse que a sua mãe faleceu. Você estava na creche. Você lembra como foi perdê-la estando na creche? Você consegue lembrar?

Eduardo: Tinha alguns dias que eu ficava chorando, aí a tia me animava aí ficava lá. Tinha dia que eu ia pra minha avó, né, aí eu ficava brincando, se divertindo, pelo menos pra mim esquecer minha mãe, quando eu lembrava da minha mãe eu já chorava. Chega quase saía sangue do meu nariz.

Lucas: Entendi. E você veio, depois da creche, veio pro primeiro ano. Vamos tentar lembrar qual ano foi o do primeiro ano. Você está com nove anos no terceiro ano, dois mil e vinte e três, né. Dois mil e vinte e dois, ano passado, você estava no segundo ano. Dois mil e vinte e um você estava no primeiro ano. Em dois mil e vinte, que foi o ano da pandemia, estava na creche e tinha cinco anos. Correto? Então você fez o primeiro ano em dois mil e vinte e um, depois da pandemia, né. Como é que foi esse período pra ti, da pandemia? Porque eu lembro que as pessoas saíram, não vieram pra escola pra ficar em casa. Como foi pra ti?

Eduardo: Foi alguns dias bom, só que eu ficava chorando pra vir pra escola.

Lucas: Você queria ir pra escola?

Eduardo: Era por causa que lá a tia às vezes me [7:11], me divertia.

Lucas: Em casa não?

Eduardo: Em casa... estava mais quando era dentro de casa, por causa que meu pai não me chamava pra sair, eu não tinha canto pra sair, a gente saía às vezes quando ele tinha dinheiro. Agora que eu nesta escola, né, eu me divirto no meio da rua, meu pai quando ele nem tem dinheiro me leva pra algum canto pra pelo menos se divertir, aí eu fico brincando lá. É tipo, tipo... aquela pessoa que está dentro de casa, sozinha, parecendo que está no escuro. Tipo uma caixa fechada assim. Aí eu pensava que estava assim, aí meu pai ligava a luz e eu ficava com medo. Só isso mesmo.

Lucas: Tá certo. Entendi. João, eu quero saber o que é tristeza pra ti.

Eduardo: Uma coisa que me faz chorar, que me faz... que me faz ficar muito triste. Eu estou segurando a lágrima. Que faz eu pensar na minha mãe. Uma coisa que faz eu pensar na minha mãe. Tem umas pessoas que eu perdi, só que eu não gostava muito. Só que a pessoa que eu mais gostava na vida era minha mãe. Minha mãe ela tinha algumas vezes que cuidava de mim, só que ela era muito... ela queria cuidar do jeito que ela foi cuidada na serra com... não, ela não teve muito amor, por isso que ela me cuidou do jeito que ela estava cuidando. Aí ela começou a ficar com maus amizades, aí assim que ficou falecida. Se tivesse tipo ninguém por aqui eu falava como ela morreu.

Lucas: Tudo bem. Tranquilo. Sem problemas. Eu quero saber em quais momentos da sua vida, veja, você tem nove anos. Desde ao nascer, até agora, quais momentos você sentiu mais forte a tristeza?

Eduardo: Foi no dia que meu pai não estava perto de mim, só minha avó, meu vô saiu, sai e bebe. Meu pai tinha dia que saía, eu ficava chorando. O dia que eu senti mais tristeza foi domingo, no dia das mães. Aí eu fiquei com tanto choro que chega saiu sangue assim.

Lucas: Outros momentos que você ficou muito triste.

Eduardo: Foi sexta na escola, teve dia que eu ficava chorando. Teve um dia que eu fiquei com tanta dor de cabeça lembrando da minha mãe que eu chorei e não aguentei. Aí eu fiquei chorando tanto que... os olhos tudo borrado quando eu estou com dor de cabeça.

Lucas: Me diga uma coisa, o falecimento da sua mãe lhe deixou triste?

Eduardo: No dia que eu fui no enterro dela, na hora que eu segurei eu já senti uma coisa falando que não era pra mim chorar.

Lucas: Tá certo. Veja, eu perguntei sobre a sua vida até agora, né, os momentos tristes pra ti. Eu quero saber atualmente, nos últimos dias, tem algum motivo pra você ficar triste?

Eduardo: Só alguns, por causa que as vezes meu pai não está comigo, minha avó sai, meu tio sai. Tem dia que eu tô sozinho, eu quase fico chorando lembrando na minha mãe, pensando que o meu pai faleceu, as pessoas tudinho faleceram, aí fico chorando o dia quase que eu penso em fazer uma coisa ruim, mas eu não fiz por causa que eu lembra da minha mãe, aí uma pessoa na minha cabeça falando que não era pra mim fazer isso, aí eu não fiz.

Lucas: João, como é vir pra escola estando triste?

Eduardo: Não sei, eu só... quando eu venho pra escola triste eu fico com a cabeça na mesa. É tipo a pessoa chorando assim.

Lucas: Mas você consegue estudar?

Eduardo: Consigo, mas só que fico com dor de cabeça.

Lucas: Consegue prestar atenção na aula?

Eduardo: Fico ouvindo vozes.

Lucas: Vozes?

Eduardo: Na minha cabeça.

Lucas: Certo. Pra finalizar, essa é a última pergunta, eu quero saber como é que você acha que vai ser conviver... você está no terceiro ano, próximo ano é o quarto, depois o quinto... com essa tristeza, o que é que você acha que vai ser?

Eduardo: Eu acho que vai ser uma coisa bem ruim, tipo triste, chorando, pensando na vida, pensando no meu pai. Meu pai a qualquer hora vai partir, por causa que eu já tô ficando adolescente e vai ter um dia que todos nós vamos partir, nossos filhos vão deixar lembranças.

Lucas: Certo. Entendi. Mais uma pergunta, pra finalizar. Como a escola pode te ajudar a lidar com essa tristeza?

Eduardo: A tia de matemática ela me faz ficar feliz, ela... ela é tipo uma mãe pra mim por causa que ela quase parece com a minha mãe, aí eu choro, teve um dia que ficou tudo borrado na minha visão, quando eu olhei pro lado eu vi tipo a minha mãe, quando eu balancei a cabeça era só visão. A tia perguntou o que era, eu disse que não era nada.

Lucas: De que outras formas a gente pode te ajudar?

Eduardo: Só me fazendo [15:43] e não chorar.

Lucas: Tá certo. A escola é um lugar bom e feliz pra ti?

Eduardo: Sim.

Lucas: Você gosta de estar aqui?

Eduardo: (sinal positivo com a cabeça)

Lucas: Certo.

ENTREVISTA 04 – DONA ELISABETE

LUCAS: A gente vai começar agora uma anamnese psicológica infantil, tá? Ela tem nove anos?

ELISABETE: Nove.

LUCAS: Sua formação, por favor. Superior, Ensino Médio...

ELISABETE: Ensino Fundamental Incompleto. Só até a oitava.

LUCAS: Pretende finalizar algum dia?

ELISABETE: Sim.

LUCAS: Religião.

ELISABETE: Católica.

LUCAS: Profissão.

ELISABETE: É... trabalha, assim, em casa de... como é que a gente chama?

LUCAS: Nas casas das pessoas? Tipo fazendo faxina.

ELISABETE: Pronto, faxina, isso.

LUCAS: A formação do pai.

ELISABETE: Ensino Fundamental Incompleto também.

LUCAS: Fundamental Incompleto?

ELISABETE: Hrum.

LUCAS: A religião dele é católica?

ELISABETE: Evangélica.

LUCAS: Estado civil dos pais. Separados?

ELISABETE: Separados.

LUCAS: Divorciados, né. Faz quanto tempo?

ELISABETE: Um ano, vai fazer um ano.

LUCAS: A criança reside somente com você?

ELISABETE: Sim.

LUCAS: Os finais de semana passa com o pai?

ELISABETE: Às vezes.

LUCAS: Sobre a concepção, a gravidez da Olívia, foi planejada?

ELISABETE: Foi.

LUCAS: Como é que você se sentiu quando soube que ia ter um filho, independente se era homem ou mulher.

ELISABETE: Feliz, animada.

LUCAS: Ficou com medo, alguma coisa assim?

ELISABETE: Só ansiosa.

LUCAS: Vocês estavam tentando? Foi depois que vocês se uniram? Chegaram a se casar?

ELISABETE: Não, a gente não casou, foi união estável durante vinte anos e... foi planejada ela.

LUCAS: Então ficou feliz, animada, ansiosa. É filha única?

ELISABETE: Não, tenho um rapaz.

LUCAS: Certo. Quando você teve a Olívia, quantos anos você tinha?

ELISABETE: Vinte e seis.

LUCAS: E o pai, você recorda?

ELISABETE: Trinta, ele já tinha trinta.

LUCAS: Aborto, já chegou a ter algum?

ELISABETE: Não.

LUCAS: Sobre a gestação, a gestação da Olívia, você e seu ex-companheiro possuíam quanto tempo de união?

ELISABETE: Já fazia já um bom tempo, viu... agora pra mim me lembrar na gestação dela... não lembro.

LUCAS: Mais de dez anos?

ELISABETE: Mais.

LUCAS: Mais de quinze anos?

ELISABETE: Mais, mais de quinze anos.

LUCAS: A duração da gestação.

ELISABETE: Trinta e seis semanas.

LUCAS: Fez pré-natal?

ELISABETE: Fiz.

LUCAS: A partir de qual mês... A partir de qual semana ou mês?

ELISABETE: Como assim?

LUCAS: Assim que você descobriu, já fez o pré-natal?

ELISABETE: Sim, sim. Desde o início.

LUCAS: A gravidez foi de risco?

ELISABETE: Sim.

LUCAS: Por que?

ELISABETE: Por conta já do primeiro que eu tive pré-eclampsia.

LUCAS: Sobre as suas condições físicas, como é que foi a gravidez? Sentiu muito enjoo, vomitou, como é que foi?

ELISABETE: Muito enjoo.

LUCAS: Mais alguma coisa?

ELISABETE: Não. Dela só foi enjoo mesmo.

LUCAS: Dor de cabeça, essas coisas...

ELISABETE: Não.

LUCAS: Essa é uma pergunta importante, sobre as condições psicológicas, tristeza, alegria, ansiedade, depressão, como é que foi?

ELISABETE: Foi alegria, durante a gestação dela foi só alegria.

LUCAS: Não tinha nenhum problema com o companheiro, né.

ELISABETE: Não.

LUCAS: Usou algum tipo de álcool, droga, cigarro...

ELISABETE: Não.

LUCAS: Sobre o parto, cesária ou normal?

ELISABETE: Normal.

LUCAS: Lembra da altura e do peso, mais ou menos?

ELISABETE: Dois oitocentos e sessenta. Agora, altura não lembro não, sei que ela é dois oitocentos e sessenta.

LUCAS: Quanto tempo durou o início do trabalho de parto até ela nascer?

ELISABETE: Eu fui pelas nove da manhã e meio dia ela nasceu.

LUCAS: Três horas?

ELISABETE: Três horas.

LUCAS: Teve algum tipo de complicação?

ELISABETE: Não.

LUCAS: Nenhuma?

ELISABETE: Nenhuma.

LUCAS: Precisou ir pra incubadora?

ELISABETE: Não.

LUCAS: Sobre o pós-parto e os primeiros meses, mamou no seio?

ELISABETE: Mamou.

LUCAS: Quanto tempo?

ELISABETE: Um ano e dois meses.

LUCAS: Um tempinho, né.

ELISABETE: Hrum.

LUCAS: Usou mamadeira?

ELISABETE: Não.

LUCAS: Nos primeiros meses, como é que era o sono dela, agitado ou não?

ELISABETE: Agitado.

LUCAS: Por que que você acha que era?

ELISABETE: Porque ela era uma bebê muito chorona.

LUCAS: Entendia o motivo do choro?

ELISABETE: Não, achava que era cólicas, mas era um choro desesperado. Desesperador.

Agoniante até pra mim que ela não se calava, nem ficava com ninguém.

LUCAS: Ou seja, nem sentindo seu cheiro ela se acalmava.

ELISABETE: Sim, era desse jeito, era um bom tempinho pra ela ir...

LUCAS: Entendi. Nos primeiros meses ela dormia sozinha ou com os pais?

ELISABETE: Sozinha.

LUCAS: Desde quando mais ou menos?

ELISABETE: Desde quando a gente chegou em casa.

LUCAS: Ela tinha o quarto dela?

ELISABETE: Tinha o berço dela.

LUCAS: E já dormia no berço.

ELISABETE: Já dormia no berço.

LUCAS: Certo. Precisou se internar?

ELISABETE: Várias vezes.

LUCAS: Por qual motivo?

ELISABETE: No início a gente achava que era pneumonia, só se internava por pneumonia.

LUCAS: Mas não era?

ELISABETE: Não era. Na última internação dela o médico fez um diagnóstico mais certo, aí no caso dela ela tinha rinite alérgica.

LUCAS: Nos primeiros meses você apresentou algum tipo de medo ou fobia?

ELISABETE: Não.

LUCAS: Idade em que ela engatinhou.

ELISABETE: Seis meses.

LUCAS: Idade em que ela andou.

ELISABETE: Um ano e dois meses.

LUCAS: Demorou um pouquinho.

ELISABETE: Demorou.

LUCAS: Teve alguma dificuldade no desenvolvimento motor, pegar coisas...

ELISABETE: Não.

LUCAS: Idade com que falou.

ELISABETE: Sete, oito meses já dizia algumas coisinhas, palavrinhas, já.

LUCAS: Teve algum problema de dicção, gagueira...

ELISABETE: Não.

LUCAS: Interação social. Como é a interação dela com você e com o pai?

ELISABETE: Normal.

LUCAS: O que é normal?

ELISABETE: Normal é tipo mãe e filha, né, a gente brinca, conversa, faz palhaçada e tudo. Agora com o pai, quando eu estava presente, também era até mais afetuosa, muito apegada, né. Ele demonstrava muito carinho por ela, atenção. Era assim no tempo que a gente estava junto.

LUCAS: Como é a interação dela com o irmão e com os familiares?

ELISABETE: É boa também, é boa.

LUCAS: Vocês visitam os familiares ou ficam mais em casa, como que é?

ELISABETE: Só a minha mãe.

LUCAS: Vai mais pra mãe.

ELISABETE: Só com a mãe.

LUCAS: E como é a interação dela com a avó dela?

ELISABETE: É ótima, com a mãe é ótima.

LUCAS: Ainda tem avô, ela?

ELISABETE: Tem.

LUCAS: É boa também?

ELISABETE: Com o meu vô não, ela já não fala, né.

LUCAS: Como é a atitude dela diante de estranhos?

ELISABETE: Não fala, é sempre de cabeça baixa... Eu digo: 'Olívia, diga um oi, dê bom dia'. Ela só balança a cabeça.

LUCAS: Me diga sobre os hábitos de lazer, costumam passear?

ELISABETE: Agora sim, de vez em quando saiu com ela.

LUCAS: Me parece que foi uma mudança drástica o rompimento, a separação.

ELISABETE: Com certeza.

LUCAS: Vocês viveram muito tempo juntos, tiveram um rapaz que já tem dezessete anos, né, tiveram a Olívia. Já havia desentendimentos? Você consegue me dizer qual foi o momento que houve desentendimentos?

ELISABETE: Sim. Foi quando eu estava internada e eu estava suspeitando... internada e suspeitando. Suspeitava dele com outra pessoa. Aí quando eu recebi alta ele foi e abriu o jogo. Aí desandou-se tudo, porque eu operada, assim, fragilizada. Uma pessoa operada é o mesmo que estar de resguardo, né. Então aquilo me abalou muito. Aí pronto, desandou-se tudo.

LUCAS: Isso a Olívia tinha quantos anos?

ELISABETE: A Olívia tinha... eu estava internada eu acho que ela já estava aqui no primeiro ano. Foi em dois mil e vinte... em dois mil e dezenove. Não, foi em dois mil e vinte.

LUCAS: Que era no primeiro ano, então. Ela estava no primeiro ano.

ELISABETE: Estava no primeiro ano. Foi, ela estava no primeiro ano, já.

LUCAS: Você precisou fazer uma cirurgia, ficou internada e aí foi o momento em que descobriu o caso extra conjugal do companheiro e aquilo lhe abalou de tal forma. E a partir daquele momento vocês não ficaram mais juntos.

ELISABETE: Não. Ele até tentou, mas eu não aceitei mais de maneira alguma. Aí foi aonde ele foi mexer no psicológico tanto meu como das crianças. Aí foi onde chegou a ficar pesado mesmo. Todo dia ele chama ela. Agora inventou que mora vizinho a mim.

LUCAS: Mora vizinho a você.

ELISABETE: Está morando vizinho. Aí tá ali vinte e quatro horas olhando, pastorando. Aí todo dia quando eu chego com ela ele chama ela. Aí pronto: 'minha filha, estou doente... minha filha eu vou morrer'. No começo eu sofri que só porque ela, com pena dele, não queria ficar na escola, era só chorando. E quando ele me vê saindo ele diz pros meninos que eu tô saindo pra me prostituir. Aí se vê eu arrumada diz que vai me matar, não sei o quê, não sei o quê. Aí ela fica logo com medo, quer ficar comigo. Agora não, que eu tô conversando com ela, com o apoio da escola, ela melhorou bastante. Mas o psicológico dela estava...

LUCAS: Então quer dizer que desde o primeiro ano ela sofre?

ELISABETE: Sim, desde a separação, porque no início ela não queria aceitar o pai dela com outra pessoa, né. Não queria de jeito nenhum. Até chorava, pedia pra mim voltar pro pai dela, mas eu conversava com ela que não dava mais certo, o pai dela tinha outra companheira e ela tinha que aceitar. Então era assim... quando foi pro fim ele já tinha era outra, passava a semana na casa de uma, quando pensava que não, ele passava a semana na casa de outra. Aí era todo tempo assim, na casa de uma, na casa de outra, na casa de uma, na casa de outra.

LUCAS: Entre vocês, entre você e a Olívia, há demonstrações de afeto?

ELISABETE: Sim.

LUCAS: Quais?

ELISABETE: Carinho, amizade...

LUCAS: Assistem juntas?

ELISABETE: Assistio.

LUCAS: Escutam música?

ELISABETE: Aah, demais. Dançam...

LUCAS: Certo. Quais brincadeiras que ela gosta?

ELISABETE: De brincar de escolinha e boneca.

LUCAS: Certo. Bom, agora eu vou afunilar. Essa foi a anamnese, tá? Agora vou afunilar para o tema que é da tristeza, tá?

ELISABETE: Certo

LUCAS: Agora eu quero saber sobre o histórico do sentimento de tristeza dos pais. Eventos que provocaram tristeza entre vocês dois.

ELISABETE: Traição.

LUCAS: Mais algum?

ELISABETE: Assim, ele sempre me deixou pra baixo.

LUCAS: Certo. Você percebia isso desde o início?

ELISABETE: Sim. Sempre me deixou pra baixo, sempre... minha autoestima... tinha prazer em me deixar mais baixa ainda.

LUCAS: Isso você veio perceber depois?

ELISABETE: Isso eu já percebia, mas sempre fui, assim, tranquila, não desabafava com ninguém. Sempre fui levando a vida... normal pra mim, né, achava que era. Não desabafava, não contava nada pra ninguém, ia passando assim.

LUCAS: Tá certo. Quais comportamentos vocês apresentavam quando estavam tristes?

ELISABETE: Ficar sem se falar até por... mês.

LUCAS: Convivendo na mesma casa?

ELISABETE: Na mesma casa, mas sem se falar. Eu não conseguia. Sempre era a minha parte, assim, ser mais durona, né. E, assim, pra mim é assim... pra mim eu sou assim, se não está dando mais certo, cada qual segue sua vida e pronto, mas ele já é diferente. Sempre da minha parte, a gente ficava sem se falar até por um mês.

LUCAS: Vocês ficavam sem se falar, às vezes por mês, né. A dinâmica da casa mudava, né. Mudava de qual forma? Quando era assunto envolvendo a Olívia, como é que vocês faziam?

ELISABETE: Eu tinha que ceder, eu tinha que procurar falar com ele.

LUCAS: Dormiam juntos? Como é que a rotina se modificava?

ELISABETE: Quando no momento de raiva, eu ficava só no quarto e mandava ele ir pra sala. Sempre ia pra sala.

LUCAS: Brigavam de forma exposta na casa, na frente da Olívia?

ELISABETE: Não.

LUCAS: Certo. Vou fazer uma pergunta um pouco mais particular sobre você, tá? Eu perguntei sobre eventos que provocaram tristeza entre vocês dois, você e seu ex-companheiro, falou a traição. E você, falando de você, da sua história de vida... um evento que provocou grande tristeza pra você. Pode ser o mesmo ou não.

ELISABETE: Grande tristeza...

LUCAS: Isso. Da sua história de vida.

ELISABETE: No momento, assim, foi a perda da minha avó. Eu me senti muito, muito triste, abalada. Nem nesse momento eu tive apoio dele.

LUCAS: Olívia já era nascida?

ELISABETE: Sim.

LUCAS: Então você descobriu a traição quando ela tinha mais ou menos cinco ou seis anos. E quando a sua avó faleceu ela tinha mais ou menos quantos anos?

ELISABETE: Sete.

LUCAS: Então você teve que conviver com duas perdas.

ELISABETE: Sim.

LUCAS: E como é que foi isso?

ELISABETE: Eu... acho que me fazendo de forte, eu acho. Mas...

LUCAS: Ainda se faz?

ELISABETE: Ainda.

LUCAS: Tá certo.

ELISABETE: Mas essa semana... não, semana passada, eu desabei, não aguentei mais. Aquela angústia, sabe, aquela dor, assim... quando você não desabafa, né. Aí eu não sei conversar com ninguém, eu não sou assim de conversar com ninguém. Não tenho amigos, né. Sou assim, só na minha. As vezes é que eu conto as coisas pra minha mãe, mas nem tudo. Aí essa semana eu tive um grande assim... uma tristeza, sabe? Aí pronto, chorei, chorei, chorei, chorei. Aí, aliviou. Aí, pronto, né. Estou de pé de novo.

LUCAS: Mas não chegou a comentar com ninguém...

ELISABETE: Não. Várias vezes a mãe perguntou: ‘mulher, o que é que tu tem?’ E eu: nada, mãe, nada.

LUCAS: Agora vamos falar sobre a sua ótica, né. O histórico de sentimento de tristeza na Olívia. Pra você, quais eventos, até agora, provocaram tristeza significativa nela?

ELISABETE: A separação.

LUCAS: Teve mais algum?

ELISABETE: O pai falou que ia se matar na frente dela. Onde eu vi minha filha mesmo... com uma tristeza profunda.

LUCAS: Isso tudo em decorrência, pelo que eu estou entendendo, da separação.

ELISABETE: Sim.

LUCAS: Em decorrência não, que começou na separação. Quando ela está triste, a Olívia, como é que ela se comporta?

ELISABETE: Na dela. Fica só. As vezes eu procuro ela, ela está dentro do quarto, está deitada, coberta. E eu: 'Olívia, o que é que está acontecendo? Fala pra mim, o que é que aconteceu?' Ah, outra coisa que ela fica triste, quando não tira cem por cento. Ela chega a chorar.

LUCAS: Sêrio?

ELISABETE: Sêrio. Foi agora, ela fez a... ela até mostrou, parece que uma tirou oito, a outra tirou nove, né.

LUCAS: Quando não tira cem por cento, né.

ELISABETE: Sim. E outra coisa que ela fala também, que não tem amigos. Isso também.

LUCAS: Eu vejo até ela... se relacionando com alguns colegas.

ELISABETE: Agora ela fala, né.

LUCAS: Mas antes não falava?

ELISABETE: Antes não falava. Antes ela falava que não queria mais estudar porque não tinha amigo, não ficava com ninguém na hora do recreio. 'As minhas amigas não falam comigo'. 'As amiguinhas que eu tinha estava na outra sala'. Era sempre assim.

LUCAS: Certo.

ELISABETE: E ela é do tipo de criança que se apega, ela se apega.

LUCAS: Às outras crianças ou a outras pessoas?

ELISABETE: Pessoas, crianças. Quando ela gosta, ela se apega.

LUCAS: Quando ela está triste, ocorre alguma mudança na rotina? Por exemplo: altera o sono, o apetite... alguma coisa muda?

ELISABETE: Muda.

LUCAS: O quê?

ELISABETE: Não come e chega a ter febre emocional.

LUCAS: Por exemplo, quando não tirou cem por cento, ela sentiu alguma coisa?

ELISABETE: Não, só chora.

LUCAS: Você consegue perceber quando a febre é emocional?

ELISABETE: Sim.

LUCAS: Quando ela está triste, seja pela separação que vez por outra alguma coisa acontece, seja pelas ameaças do pai, seja que não tira cem por cento, como é que isso impacta na vinda dela pra escola, na concentração, no aprendizado? Como é que você acha que impacta?

ELISABETE: Ela cai muito... nas notas, percebo nas notas, assim, nas tarefas ela... ela é assim, uma criança que aprende rápido, mas quando ela está triste ela: 'eu não sei isso, não sei aquilo...' Isso eu noto. Assim, afeta os estudos, sempre os estudos.

LUCAS: Por exemplo, quando ela não tira cem por cento, ela chora.

ELISABETE: Chora.

LUCAS: Mas ela consegue depois ficar tranquila e vir pra aula e tentar se recuperar?

ELISABETE: Conversando muito com ela.

LUCAS: Se não conversar...

ELISABETE: Se não conversar ela nem pra escola quer vir. Mas eu conversando, aí ela vai tirando aquilo da cabeça, aí pronto. Esquece, né.

LUCAS: Interessante. Sentimentos que tem entre você e a Olívia. Entre vocês tem medo, por exemplo?

ELISABETE: Sim.

LUCAS: Tem raiva?

ELISABETE: Tem.

LUCAS: Entre vocês duas.

ELISABETE: Tem.

LUCAS: Revolta?

ELISABETE: Muita.

LUCAS: Tristeza?

ELISABETE: Sim.

LUCAS: Culpa?

ELISABETE: Não.

LUCAS: Ansiedade?

ELISABETE: Muita.

LUCAS: Solidão.

ELISABETE: Hrum.

LUCAS: Angústia?

ELISABETE: Demais.

LUCAS: Impotência?

ELISABETE: Não.

LUCAS: Alívio?

ELISABETE: Sim.

LUCAS: Indiferença?

ELISABETE: Não.

LUCAS: Eu vou querer que você me explique só um desses pontos, por favor. Por que entre vocês há ou medo, raiva, ou revolta...

ELISABETE: A revolta dela comigo é sempre quando ela está com o pai, que ela chega revoltada. Eu não sei o que ele fala pra ela, mas ela sempre chega revoltada comigo. Ela chega a gritar, coisa que ela não faz. Ela chega a responder. E eu: o que é que aconteceu, seu pai falou o quê pra você pra você estar revoltada comigo? Porque eu só quero seu bem, lhe trato com tanto carinho, tanto amor, e eu não estou entendendo essa sua revolta comigo. Nesse ponto é isso aí.

LUCAS: Mas depois volta ao normal?

ELISABETE: Demora um pouco, demora um pouco.

LUCAS: Tá certo. Como é que foi pra você essa entrevista? Foi a primeira parte, viu?

ELISABETE: Foi bom.

LUCAS: Foi bom por quê?

ELISABETE: Porque parece que eu me senti até aliviada. Sabe? Coloquei muita coisa pra fora.

LUCAS: Você acha que a tristeza da Olívia se manifesta, se apresenta quando ela vem à escola?

ELISABETE: Sim.

LUCAS: É frequente que ela venha triste à escola? É muito intenso? Me fale sobre a frequência e a intensidade, por favor.

ELISABETE: É frequente. É frequente porque, como eu lhe falei, é sempre a mesma coisa: ‘Ah, eu não tenho amiga’, ‘Na hora do recreio eu não fico com ninguém’, ‘hoje eu não fui boa, não fui cem por cento’, ‘ah, mãe, eu não quero ir pra escola’.

LUCAS: Sempre arranja alguma coisa?

ELISABETE: Sempre arranjando alguma coisa.

LUCAS: Eu quero saber como é que você lida com a tristeza dela, como é pra ti?

ELISABETE: Sinceramente, tem horas que eu não sei o que fazer. Por muitas vezes eu pensei assim... em desistir ou abandonar, sabe? Assim, pra mim, meus filhos estavam bem com o pai, né. Tipo assim... comentei isso com a minha mãe, se eu saísse de cena, seria melhor para os meus filhos? Eu acho que com o pai eles seriam melhor do que comigo. Por muitas vezes eu pensei isso, em desistir.

LUCAS: E agora?

ELISABETE: Agora não, eu penso assim... peço muita sabedoria a Deus para criar meus filhos e seguir, né.

LUCAS: Certo. Na sua opinião, qual a função da escola quando se depara com um caso semelhante ao da Olívia? Que apresenta comportamentos em decorrência de um conflito familiar. Qual a função da escola na sua opinião, por favor.

ELISABETE: A minha opinião é que... não precisou nem eu pensar muito não porque a escola até já sentiu o problema dela. Eu não sei nem o que dizer porque o apoio que eu tive aqui, né, da coordenadora, do psicólogo, né, que é você. Então, assim, não sei o que dizer. Acho que... não sei.

LUCAS: Então você foi bem acolhida.

ELISABETE: Bem acolhida, isso. Me senti bem acolhida, minha filha também.

LUCAS: Você teria mais alguma coisa a acrescentar? Alguma informação sobre você ou sobre a Olívia que você acha que é importante mencionar?

ELISABETE: Não, acho que não.

ENTREVISTA 05 – PROFESSORA ANA

LUCAS: Professora, eu quero que você me conte um pouco sobre a Olívia, por favor.

ANA: A Olívia, desde o início do ano que eu vinha observando, é uma menina na dela, muito calada, não se relaciona muito com os amigos da sala de aula, ficava muito sem se comunicar, até mesmo comigo era difícil, né. Desinteressada, faltando muita aula. Até que um dia eu me aproximei e eu fui perguntar o porquê da tristeza dela e ela disse que era pelo fato dos pais terem se separado e ela estava muito triste por causa da separação. E era muita desavença, muita tristeza e ela gostava demais do pai dela e ela achava que o pai dela ia deixar de ser pai porque eles tinham se separado. Aí eu aconselhei e disse que não, que ele não ia deixar de ser pai dela, mas que ela teria que aceitar porque o pai dela tinha arranjado outra pessoa e eu perguntei se a

mãe também, né. Ela disse que também. Mas eu disse que da mesma forma que o pai tinha o direito de ter outra vida, a mãe dela teria também. Aí eu perguntei pra ela: Olívia, vamos imaginar, você queria ver seus pais juntos novamente? Ela disse: sim. Mas você queria ver eles juntos unidos ou brigando constantemente como você disse que eles brigavam? “Não, eu queria ver eles unidos”. Então, mas você quer ver seu pai com a sua mãe brigando todo tempo você vendo briga? “Não”. Então, pronto. Ele não vai deixar de ser seu pai, ele vai continuar sendo seu pai e ela precisa seguir a vida dela e o seu pai também, ele não vai deixar de ser seu pai. E aí ela foi, eu conversando com ela, todo dia eu chegava, ficava conversando, e ela relatava várias situações de tristeza, tristeza, tristeza. Mas aí depois ela foi melhorando, melhorando, conversando e eu estou notando que ela está melhor porque, assim... como ela faltava muito, ela inventava uma história todo dia pra mãe dela com dor, não sei o quê, que sentia isso, aquilo outro, e aí eu fui conversar com ela e fiz um acordo com ela pra ela vir todos os dias pra escola, tentei abrir os olhos dela com relação a isso da falta, né, e que ela estaria muito melhor na sala de aula do que em casa vendo as coisas e sentindo tristeza. E que aí eu disse a ela que quando passasse a avaliação externa eu deixaria ela em casa, mas até lá ela teria que me prometer de vir todos os dias pra estudar, pra melhorar e tudo. Realmente está sendo bom. As vezes eu chego perto dela, aí eu pergunto como é que ela está. Ela diz que está melhor. A mãe dela sentiu que está melhor porque ela está vendo que está vindo todos os dias. Até no dia que eu fiquei de atestado, na sexta-feira, ela não veio, porque ela disse que não vinha, porque eu não estava aqui, ela não vinha. Mas eu noto ela mais feliz, eu estou notando ela mais assim, sabe? Mais ainda muito triste, ainda. Uma tristeza muito grande. Tudo por causa disso.

LUCAS: Da separação, né.

ANA: Da separação, do pai brigar com a mãe. O pai ameaça a mãe. O pai acha que a mãe arranjou outro namorado e não quer de jeito nenhum. E aí estão morando de frente. De frente mesmo. Mas a tristeza dela eu acredito que seja por isso mesmo.

LUCAS: Certo. Me fale um pouco, professora, sobre essa questão dela não se relacionar. Ela é na dela e não se relacionava nem com você mesma, né. Então, nem com os amigos, nem com você.

ANA: Não.

LUCAS: Ela ficava muito...

ANA: Na dela. Ela ficava na dela e ela ia mais pra casa do que ficava aqui porque inventava uma dor de cabeça... eu não sei se ela inventava. Ela dizia que estava com dor de cabeça, pedia pra ligar pra mãe. Uma dor de barriga, pedia pra ligar pra mãe. E ela todo tempo assim, calada.

LUCAS: Por mais que ela estivesse na dela, participar das atividades, da aula...

ANA: Não. Já hoje eu já noto. Hoje eu já vejo ela já mais... querendo participar, eu já vejo um pouco de interesse em querer aprender. Mas, assim mesmo de convivência, não. Ela é na dela o tempo todo.

LUCAS: E notas, rendimento, como é que está?

ANA: Está melhorando. Estava muito baixo, mas está melhorando. Pequeninho, mas está, eu percebo. Eu vejo o interesse dela mais, ela já se anima quando tira uma nota melhorzinha. Não é uma nota muito boa não, é uma nota mais ou menos.

LUCAS: Nesse problema aí de separação, a mãe dela já veio falar com você?

ANA: Não. Quem falava comigo era a avó. A avó vinha e me relatava porque eu soube das informações por ela, pela Olívia, e depois pela avó. A avó, muito preocupada, porque via essa menina muito triste, né, e tinha medo até de alguma coisa. Mas a mãe mesmo, não.

LUCAS: Você vem falando que ela estava bem triste e ela vem melhorando aos poucos, aos pouquinhos.

ANA: Muito pouco.

LUCAS: Melhorando rendimento, participação em sala de aula.

ANA: Muito pouco, muito pouco.

LUCAS: O que você acha a que se deve essa melhora, o que você acha?

ANA: Na realidade, eu acho que pelo fato de eu chegar conversando e... eu acho que ela tem uma confiança em mim, não sei. Eu acredito que tenha sido, né, porque eu fiz um acordo com ela e esse acordo está prevalecendo até hoje. Ela está vindo todos os dias. Quando passar a avaliação eu disse a ela que deixaria ela em casa. Se ela quisesse voltar ela voltava, se não, ficava o restante do mês de junho em casa. E eu acho que seja por isso. Conversando todo tempo com ela, perguntando como é que ela está, se as coisas estão melhores. Se ela saiu com o pai dela, se ela saiu final de semana com o pai. Ela disse que sai.

LUCAS: Esse momentos de conversa... porque a sala tem muitos alunos, você tem muitas atividades, como é que acontece essas atividades?

ANA: Eu vou até ela.

LUCAS: Na cadeira dela.

ANA: É. Fico bem baixinho conversando com ela.

LUCAS: Todo dia?

ANA: Não. Todo dia não. Uma vez por semana. As vezes quando eu pergunto algo a ela, ela responde, eu parablenizo ela pra todo mundo ver. Eu dou ela como exemplo, que ela melhorou muito, que ela está melhorando, incentivando ela desta maneira, né. Mas, assim, de estar todo dia conversando, não.

LUCAS: Você me falou aqui como é que identificou a tristeza dela para além do semblante, Você me falou de certa forma do semblante dela, um pouco triste, aí me falou outras coisas: ela ficar muito na dela; por ficar na dela, não se relacionar com os amigos de sala, nem com você mesma. Tem alguma outra coisa que você nota que a tristeza atinge ela e você percebeu?

ANA: Eu só notava ela muito triste, aquela menina muito calada, olhava assim com aquele olhar e aí aquilo vem me preocupando e eu quis saber o porquê. Foi que ela veio falar comigo com relação a separação. Ela disse que a tristeza dela é muito grande por causa da separação dos pais que ela não queria.

LUCAS: Então ninguém lhe falou nada, nem a coordenação...

ANA: Não, não.

LUCAS: Você foi que percebeu ela triste e foi perguntar.

ANA: Foi.

LUCAS: E ela falou.

ANA: E ela me falou. Me sentei do lado dela e fui conversar com ela e eu perguntei porque que ela vivia daquele jeito, que ela faltava muito, que ela estava muito triste e ela... tudo ela inventava, que estava com dor de barriga, que estava com não sei o quê. Eu acho que ela estava... eu acho que o medo dela era de ser abandonada, não sei... pelos pais ou pelo pai dela, pela mãe. Ela relaciona à separação.

LUCAS: A última pergunta era se a tristeza pode influenciar a sociabilidade, o rendimento escolar etc.

ANA: Pode. Ela fica desmotivada. Ela não tinha motivação, ela não tinha ânimo pra nada. Ela não fazia a tarefa de casa porque ela disse que não fazia. Ela custava a terminar a tarefa. Ela ficava desanimada, ficava com dor de cabeça. Ela inventava qualquer tipo de doença. Mas ela não fazia quase nada. Mas desde esse dia que eu fiquei conversando com ela, que eu aconselhei, que eu falei que o pai não ia abandonar ela, que o pai dela ia constituir outra família, mas ela não ia deixar de ser filha dele. Que a mãe dela tinha o direito de viver a vida dela, de construir outro casamento, outro relacionamento, de sair, que a mãe dela sai muito, vai pras festas, vai pra todo canto. E deixa lá eles, com ele. E aí o pai começa a colocar um monte de coisa na cabeça dela, aí ele as vezes conta que vai fazer alguma coisa com a mãe dela, ela fica com medo do pai fazer também alguma coisa com a mãe dela. E está essa situação toda aí.

LUCAS: Por fim, qual é a função da escola, professora, quando se depara com uma situação desse tipo, quando a professora percebe que um aluno está passando por uma situação delicada, um conflito familiar, como é que você acha que a escola, você e os outros profissionais, podem contribuir pra esse caso?

ANA: O meu papel eu estou tentando fazer. A coordenadora, né, acho que ela devia... eu acredito que ela já fez, já chamou a mãe, já conversou com a mãe pra tentar ajudar, de que maneira poderia ajudar e fazer alguma coisa pra ela poder melhorar e você como orientador, né, pra conversar com ela pra fazer um trabalho pra ver se ela melhora e ela sai dessa tristeza dela que eu ainda vejo ainda... triste.

LUCAS: Quase imersa, né.

ANA: Ai meu Deus. Tem dia que ela chega, nem pro recreio quer ir.

LUCAS: E como é que você fica vendo ela nesse estado, melhorando, assim, pouquinho...

ANA: É, pouquinho. “Bora, Olívia, bora se animar”. “Olívia você quer ir pro recreio?” “Quero não, tia.” “Pois então fique aí.” Aí eu deixo ela.

LUCAS: Quando ela me contou sobre isso, ela disse que não tinha amigos. Que era difícil fazer amigos, a menininha que era amiga dela fez amizade com outra e deixou ela só.

ANA: Talvez seja por isso, né. Em termos de amizade, assim, não. O que ela me relata, a tristeza dela é só essa, o medo de perder a mãe e porque os pais se separaram e não queria ver eles separados, queria ver eles dois juntos, morando na mesma casa.

LUCAS: E você tem informação se ela era uma boa aluna antes disso?

ANA: Não. Ela não era.

LUCAS: Também não era.

ANA: Acho que é porque já vinham os conflitos, os conflitos já vinham de muito tempo, chegou o ponto que a mãe não aguentou mais e se separou, que foi esse ano. Mas ela não era, em termos de aprendizado, não. Agora em termos de tristeza, não sei lhe dizer não. Tem que ser a professora anterior e a coordenação pode lhe dar essas informações.

LUCAS: Você tem mais alguma informação que considera importante, alguma coisa que ela fez na sala ou lhe relatou, que acha importante comentar?

ANA: Não, ela nem comenta nada. Ela é na dela todo tempo, o tempo todo, o tempo todo. Eu já mudei ela de lugar um dia desses, coloquei ela no meio da sala perto de alguém pra ver se ela, né...

LUCAS: Também não.

ANA: Não. Ela ficou na dela lá e lá ela ficou.

LUCAS: Mais alguma coisa?

ANA: Não. Só isso mesmo que eu vejo ela muito... que me preocupa porque eu vejo a tristeza dela.

LUCAS: Lhe preocupa, né.

ANA: Demais. Eu olho, tem dias que o mundo parece que tem acabado na cabecinha dela. E hoje, na hora da saída, quando eu pensei que não tinha aquela pessoa atrás de mim, me deu um abraço, quando eu olhei, não era ela?! Que ela nunca tinha feito isso. Acho que ela sentiu minha falta na sala, eu acho.

ENTREVISTA 06 – OLÍVIA

LUCAS: Olívia, eu quero saber quem é você, que você me conte um pouco da sua história de vida, por favor.

OLÍVIA: Eu gosto de estudar, eu adoro brincar com a minha prima, eu gosto do que eu faço todo dia. Eu jogo mais a minha prima, eu faço um bocado de coisa. Aí eu almoço, eu merendo, aí eu janto. Aí a noite eu volto pra casa, aí eu compro salgado, aí como, aí assisto um pouquinho, aí tomo banho e vou dormir. Aí acordo, vou pra escola, faço as tarefas, corrijo meu para casa, aí eu saio da escola, aí as vezes eu vou pra minha avó, aí fico lá. Aí o tempo que dá eu jogo um pouco com a minha prima, enquanto ela não vai pra escola. Aí quando ela vai pra escola eu fico jogando, as vezes fico brincando. Quando ela chega não dá nem pra gente jogar tanto, a gente joga um jogo e a mãe já quer ir embora. Aí a gente vai, chego em casa faço minhas tarefas, aí janto... merendo, quer dizer, e aí eu vou dormir. Aí eu faço a mesma coisa no outro dia.

LUCAS: E é bom o dia pra ti?

OLÍVIA: Hrum.

LUCAS: É bom, certo. Mas eu queria que você me contasse desde a creche, tente lembrar a creche. Lembra da professora da creche?

OLÍVIA: Não.

LUCAS: Lembra como era a creche, o que é que vocês faziam lá na creche?

OLÍVIA: Pintava... a creche que eu estudava era aqui do lado.

LUCAS: Essa daqui de cima, né.

OLÍVIA: Eu fazia tarefinhas... aprendi a ler, aprendi a escrever meu nome. Aí o resto... quase todo dia a professora fazia uma brincadeirinha pra gente aprender. Eu só me lembro disso.

LUCAS: Beleza. Você, no primeiro ano, estudou aqui?

OLÍVIA: Acho que foi aqui.

LUCAS: Lembra de alguma coisa no primeiro ano?

OLÍVIA: Não.

LUCAS: No segundo ano, lembra? Eu acho que era época da pandemia, né.

OLÍVIA: Acho que era.

LUCAS: Aí você ficou mais em casa, não foi? Certo. Do ano passado, lembra alguma coisa?

OLÍVIA: Não.

LUCAS: Não lembra de nada. Tá certo. Eu estava falando com a sua mãe, Olívia, e ela me falou que aconteceu um evento importante em dois mil e vinte, quando você estava no primeiro ano. Lembra do que foi?

OLÍVIA: Não.

LUCAS: Tem certeza? Tá bom. A minha segunda pergunta, tá? Eu quero saber, Olívia, o que é tristeza pra você.

OLÍVIA: É quando o meu pai ameaça a minha mãe, fica brincando com ela. Só isso que é tristeza.

LUCAS: O que é que você faz quando está triste? Como é que você se sente?

OLÍVIA: Eu me sinto sozinha, fico chorando, não quero ficar perto de ninguém, quero ficar no meu lugar só. Aí às vezes eu peço o celular pra eu jogar pra ver se eu me alegro, com a minha prima, pra gente jogar juntas. Aí eu tento fazer isso só pra mim tirar o que eu tô pensando de tristeza.

LUCAS: E você pensa em quê, você lembra?

OLÍVIA: Eu só penso no meu pai, ele querendo fazer um acidente comigo e com o meu irmão no dia que a minha mãe saiu, aí eu fiquei na minha avó. Aí ele foi lá, parece que estava bêbado, não sei, mas começou a fazer um barraco lá na frente da casa da minha avó, aí meu irmão veio me buscar. Aí o pai me chamou na hora que viu que o meu irmão estava me levando pra casa. E o meu irmão mandou eu entrar, aí eu entrei, e ele ficou gritando, chamando meu irmão. Meu irmão entrou e aí ele disse que a gente ia dormir na minha avó, aí depois ele começou a brigar comigo porque eu disse que não ia dormir sem minha mãe. E ele brigou comigo. Aí a minha tia ligou e o meu irmão começou a chorar dizendo que se sentia sozinho e meu pai só gritando, e ela: ‘você não está sozinho, você não está sozinho’. Aí eu não me lembro como foi que terminou, aí a gente foi pra minha avó, pra minha avó, e minha mãe já estava lá. Aí a gente teve que dormir na minha avó porque a gente estava com medo do meu pai fazer alguma coisa com a gente lá, fazer alguma coisa com a minha mãe ou com a gente lá em casa. Aí a gente dormiu na nossa avó.

LUCAS: Entendi, tá certo. Eu quero saber, Olívia, pra você, quais momentos você sentiu mais forte a tristeza. Em quais momentos?

OLÍVIA: Eu não sei.

LUCAS: Tenta lembrar. Seus pais sempre viveram juntos?

OLÍVIA: Sim.

LUCAS: E hoje eles estão juntos?

OLÍVIA: Não.

LUCAS: Então eles se separaram, né. E como é que foi pra você?

OLÍVIA: Fiquei chateada, muito chateada. Por isso que eu gostava, que eles... a gente brincava. Era legal. Mas agora eu entendo. Ele fez o mal, mas não deixa minha mãe seguir a vida.

LUCAS: Entendi. Você hoje sente algum tipo de tristeza?

OLÍVIA: Não.

LUCAS: Os seus dias estão felizes, né. Mas, digamos, semana passada, sentiu algum momento de tristeza?

OLÍVIA: Foi em abril, acho que foi em abril, minha mãe teve um evento, ela é babá, aí ela foi. Ela foi toda arrumada porque a mãe é babá rica. Aí ela foi toda arrumada. Aí meu pai começou a ameaçar ela, dizendo que ela foi se prostituir, que ela é vagabunda, e que ela nem foi pro evento, disse que ela ia subir na moto de um cara, sendo que a mãe ia pra casa da Celina e buscava. Aí a mãe ia lá, né, e lá elas iam pro evento. Aí o meu irmão também estava explodindo, cansado já. Minha mãe não pode nem sair que já estava se prostituindo, já era vagabunda. E aí...

LUCAS: Sua mãe me deu outra pista ali, ela disse que você fica triste quando você não tira cem por cento.

OLÍVIA: Eu fico.

LUCAS: Verdade? Pois me conta, aí, na última prova como é que foi?

OLÍVIA: Sete.

LUCAS: E aí, por que você fica triste?

OLÍVIA: Por que quase todo mundo tirou dez, aí eu tirei sete. Aí eu fiquei triste.

LUCAS: Mas depois consegui estudar pra tentar melhorar na próxima nota?

OLÍVIA: Não.

LUCAS: Ainda não, ainda está triste? Certo, tudo bem. Eu quero saber, Olívia, quando você está triste, seja porque seu pai falou alguma coisa, seja porque não tirou uma boa nota, como é vir pra escola?

OLÍVIA: Legal.

LUCAS: Legal? Então mesmo você estando triste é bom vir pra escola?

OLÍVIA: Sim.

LUCAS: Mas eu já presenciei momentos em que você estava bem tristonha aqui.

OLÍVIA: Eu não tenho... eu nem vou pro recreio.

LUCAS: Fica aqui na sala? Por que não vai pro recreio?

OLÍVIA: Não tem nada pra fazer, eu fico na bancada comendo meu lanche ou vendo todo mundo correndo, às vezes quando eu não levo lanche. Aí eu fico é lá na sala, comendo meu lanche e terminando a tarefa que eu não terminei.

LUCAS: Tem amigos aqui?

OLÍVIA: Não.

LUCAS: Tem certeza?

OLÍVIA: Tem gente que conversa comigo, mas quando chega o amigo deles, eles não conversam mais comigo.

LUCAS: Entendi. Mas gostaria de ter amigos? Quem?

OLÍVIA: As minhas duas amigas estão lá na minha sala, só que elas não fala mais comigo. Ela nem quer brincar comigo no recreio.

LUCAS: Entendi, tá certo. Eu quero saber se, quando você está triste, se você consegue estudar.

OLÍVIA: Sim.

LUCAS: Consegue? Vamos supor que aconteceu alguma coisa em casa e você ficou triste, aí no outro dia vem pra escola. Consegue estudar?

OLÍVIA: Sim.

LUCAS: Não te atrapalha? Os seus amigos percebem que você está triste?

OLÍVIA: Percebem.

LUCAS: Como é que eles percebem?

OLÍVIA: Porque eu fico sempre sorrindo, aí quando eu tô triste eu fico assim na sala...
(expressão de tristeza no rosto)

LUCAS: E o que é que eles fazem?

OLÍVIA: Aí uma amiga ela vem conversar comigo, quando ela fica perto de mim, ela conversa comigo.

LUCAS: E você?

OLÍVIA: Aí eu converso com ela e fico alegre, aí depois eu começo a ficar mais feliz.

LUCAS: Certo. Quando você está triste, você consegue estudar, se concentrar na explicação da professora?

OLÍVIA: Mais ou menos.

LUCAS: Fica pensando em quê?

OLÍVIA: Fico pensando no que aconteceu, aí eu não consigo me concentrar muito na aula com o que está na minha cabeça.

LUCAS: Isso acontece com frequência ou é uma vez perdida?

OLÍVIA: Acontece mais ou menos... só quando minha mãe sai aí acontece, ou as vezes quando tira nota baixa.

LUCAS: Você quer me comentar mais alguma coisa sobre a tristeza? Não?

ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE

A criança sob sua responsabilidade está sendo convidada como participante para contribuir com a pesquisa intitulada: **A TRISTEZA EM CRIANÇAS DO ENSINO FUNDAMENTAL I À LUZ DA TEORIA SANTIANA: A ESCOLA COMO ESPAÇO DE DESENVOLVIMENTO COGNITIVO E AFETIVO** do pesquisador **LUCAS DOS SANTOS BARBOSA**. Essa participação não pode ser contra sua vontade ou da criança. Seguem abaixo informações importantes sobre a pesquisa e seus procedimentos:

Objetivo desta pesquisa: Compreender de que maneira a tristeza infantil é percebida pela própria criança, seus responsáveis e pela instituição escolar no que tange ao aprendizado escolar, comportamento e sociabilidade.

Benefícios da pesquisa: Pretende-se, com esta pesquisa, trazer contribuições para o campo temático da educação a partir de uma maior mobilização em prol da saúde mental infantil.

Público-alvo: Alunos do Ensino Fundamental I, com faixa etária entre 6 e 11 anos, regularmente matriculados, assim como seus respectivos pais e professores.

Organização: A presente pesquisa irá se organizar em 8 momentos, sendo 3 deles com os responsáveis pela criança; 3 momentos com as próprias crianças e, por fim, 2 momentos com os docentes das crianças sobre a temática definida para o estudo.

Riscos mínimos: Esta pesquisa oferece riscos mínimos. Caso haja algum constrangimento ou incômodo durante os momentos, a criança será respeitada e acolhida, podendo decidir sobre sua permanência.

Gravação: Pedimos, desde já, a permissão para gravar em áudio a entrevista, para que não seja perdida nenhuma informação. Nessa gravação, não será colocado o nome da criança. Dessa forma, a identidade será mantida em sigilo e os dados a serem utilizados serão anônimos, ou seja, não será possível identificar as/os participantes. Ao final da pesquisa, a gravação será destruída.

Participação livre e voluntária: A criança é livre para escolher participar da pesquisa e sua decisão será respeitada sem qualquer prejuízo, assim como pode decidir desistir a qualquer momento e pedir informações sobre este estudo e seus resultados. A participação é voluntária e isenta de pagamento.

Divulgação dos resultados: Este estudo vai produzir informações para a construção de um artigo científico para obtenção do título de Mestre em Educação e será apresentado para uma banca de professores e para o público interessado. Esta pesquisa pode também gerar trabalhos científicos que, porventura, virão a ser apresentados em congressos e/ou publicados em revistas científicas. Não citaremos nomes ou quaisquer fontes que possam identificá-las.

Esclarecimentos sobre a pesquisa: Você terá esclarecimento sobre a pesquisa em qualquer ponto que desejar, sendo livre retirar seu consentimento ou interromper a participação do adolescente/jovem a qualquer momento. Você receberá, também, uma via deste termo.

Confidencialidade da pesquisa: Todas as informações coletadas nesta pesquisa são confidenciais e serão mantidas em sigilo. A divulgação das mencionadas informações só será feita entre os profissionais estudiosos do assunto, o pesquisador responsável e sua orientadora. É relevante ressaltar que a seguinte pesquisa segue os cuidados éticos que se devem salvaguardar sempre que os indivíduos são expostos a alguma intervenção. Esta pesquisa segue as diretrizes e normas éticas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos da RESOLUÇÃO Nº 466, DE 12 DE DEZEMBRO DE 2012, o que assegura os direitos dos participantes da pesquisa.

Pagamento: Não haverá nenhum tipo de despesa para participar desta pesquisa. E nada será pago por sua participação. Se você desejar, poderá ter acesso às cópias dos relatórios produzidos contendo os resultados do estudo, por meio do telefone, e-mail ou endereço da pesquisadora principal.

Nome: Lucas dos Santos Barbosa. Instituição: Universidade Federal do Ceará. Endereço: Rua Waldery Uchôa, 01 - Benfica, Fortaleza - CE, 60020-110. E-mail: lucas.santos.barbosa1996@gmail.com

Telefone para contato: (88) 99222-9438

ATENÇÃO: Se você tiver alguma consideração ou dúvida, sobre a sua participação na pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da UFC/PROPESQ – Rua Coronel Nunes de Melo, 1000 - Rodolfo Teófilo, fone: 3366-8344/46. (Horário: 08:00-12:00 horas de segunda a sexta-feira).

O CEP/UFC/PROPESQ é a instância da Universidade Federal do Ceará responsável pela avaliação e acompanhamento dos aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos.

CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO

Eu, _____, _____ anos, RG/CPF: _____, declaro que sou responsável por _____, _____ anos, RG/CPF: _____, e autorizo sua participação nesta pesquisa. Eu declaro que li cuidadosamente este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e que, após sua leitura, tive a oportunidade de fazer perguntas sobre o seu conteúdo, como também sobre a pesquisa, e recebi explicações que responderam por completo minhas dúvidas. E declaro, ainda, estar recebendo uma via assinada deste termo.

Local e Data: _____

Assinatura do responsável: _____

Assinatura do pesquisador principal: _____

ANEXO B – TERMO DE ASSENTIMENTO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

TERMO DE ASSENTIMENTO

Você está convidado como participante para contribuir com a pesquisa intitulada a: **A TRISTEZA EM CRIANÇAS DO ENSINO FUNDAMENTAL I À LUZ DA TEORIA SANTIANA: A ESCOLA COMO ESPAÇO DE DESENVOLVIMENTO COGNITIVO E AFETIVO** do pesquisador **LUCAS DOS SANTOS BARBOSA**. Essa participação não pode ser contra sua vontade. Segue abaixo informações importantes sobre a pesquisa e seus procedimentos:

Objetivo desta pesquisa: Compreender de que maneira a tristeza infantil é percebida pela própria criança, seus responsáveis e pela instituição escolar no que tange ao aprendizado escolar, comportamento e sociabilidade.

Benefícios da pesquisa: Pretende-se, com esta pesquisa, trazer contribuições para o campo temático da educação a partir de uma maior mobilização em prol da saúde mental infantil.

Público-alvo: Alunos do Ensino Fundamental I, com faixa etária entre 6 e 11 anos, regularmente matriculados, assim como seus respectivos pais e professores.

Organização: A presente pesquisa irá se organizar em 8 momentos, sendo 3 deles com os responsáveis pela criança; 3 momentos com as próprias crianças e, por fim, 2 momentos com os docentes das crianças sobre a temática definida para o estudo.

Riscos mínimos: Esta pesquisa oferece riscos mínimos. Caso haja algum constrangimento ou incômodo durante os momentos, a criança será respeitada e acolhida, podendo decidir sobre sua permanência.

Gravação: Pedimos, desde já, a permissão para gravar em áudio a entrevista, para que não seja perdida nenhuma informação. Nessa gravação, não será colocado o nome da criança. Dessa forma, a identidade será mantida em sigilo e os dados a serem utilizados serão anônimos, ou

seja, não será possível identificar as/os participantes. Ao final da pesquisa, a gravação será destruída.

Participação livre e voluntária: A criança é livre para escolher participar da pesquisa e sua decisão será respeitada sem qualquer prejuízo, assim como pode decidir desistir a qualquer momento e pedir informações sobre este estudo e seus resultados. A participação é voluntária e isenta de pagamento.

Divulgação dos resultados: Este estudo vai produzir informações para a construção de um artigo científico para obtenção do título de Mestre em Educação e será apresentado para uma banca de professores e para o público interessado. Esta pesquisa pode também gerar trabalhos científicos que, porventura, virão a ser apresentados em congressos e/ou publicados em revistas científicas. Não citaremos nomes ou quaisquer fontes que possam identificá-las.

Esclarecimentos sobre a pesquisa: Você terá esclarecimento sobre a pesquisa em qualquer ponto que desejar, sendo livre retirar seu consentimento ou interromper a participação do adolescente/jovem a qualquer momento. Você receberá, também, uma via deste termo.

Confidencialidade da pesquisa: Todas as informações coletadas nesta pesquisa são confidenciais e serão mantidas em sigilo. A divulgação das mencionadas informações só será feita entre os profissionais estudiosos do assunto, o pesquisador responsável e sua orientadora. É relevante ressaltar que a seguinte pesquisa segue os cuidados éticos que se devem salvaguardar sempre que os indivíduos são expostos a alguma intervenção. Esta pesquisa segue as diretrizes e normas éticas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos da RESOLUÇÃO Nº 466, DE 12 DE DEZEMBRO DE 2012, o que assegura os direitos dos participantes da pesquisa.

Pagamento: Não haverá nenhum tipo de despesa para participar desta pesquisa. E nada será pago por sua participação. Se você desejar, poderá ter acesso às cópias dos relatórios produzidos contendo os resultados do estudo, por meio do telefone, e-mail ou endereço da pesquisadora principal.

Nome: Lucas dos Santos Barbosa. Instituição: Universidade Federal do Ceará. Endereço: Rua Waldery Uchôa, 01 - Benfica, Fortaleza - CE, 60020-110. E-mail: lucas.santos.barbosa1996@gmail.com

Telefone para contato: (88) 99222-9438

ATENÇÃO: Se você tiver alguma consideração ou dúvida, sobre a sua participação na pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da UFC/PROPESQ – Rua Coronel Nunes de Melo, 1000 - Rodolfo Teófilo, fone: 3366-8344/46. (Horário: 08:00-12:00 horas de segunda a sexta-feira).

O CEP/UFC/PROPESQ é a instância da Universidade Federal do Ceará responsável pela avaliação e acompanhamento dos aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos.

ASSENTIMENTO PARA PARTICIPAÇÃO

Eu, _____, portador(a) do documento de Identidade _____, fui informado(a) dos objetivos do presente estudo de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações, e o meu responsável poderá modificar a decisão de participar, se assim o desejar. Tendo o consentimento do meu responsável já assinado, declaro que concordo em participar desse estudo. Recebi uma via deste Termo de Assentimento e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Sobral, ____ de _____ de 2023

Assinatura da criança

Lucas dos Santos Barbosa
Assinatura da pesquisadora principal